

FACULDADE UNIDA DE VITÓRIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

ADEIR DA SILVA OLIVEIRA



HERMENÊUTICA PENTECOSTAL, PRÁTICA PASTORAL E O CONTROLE
INSTITUCIONAL DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS

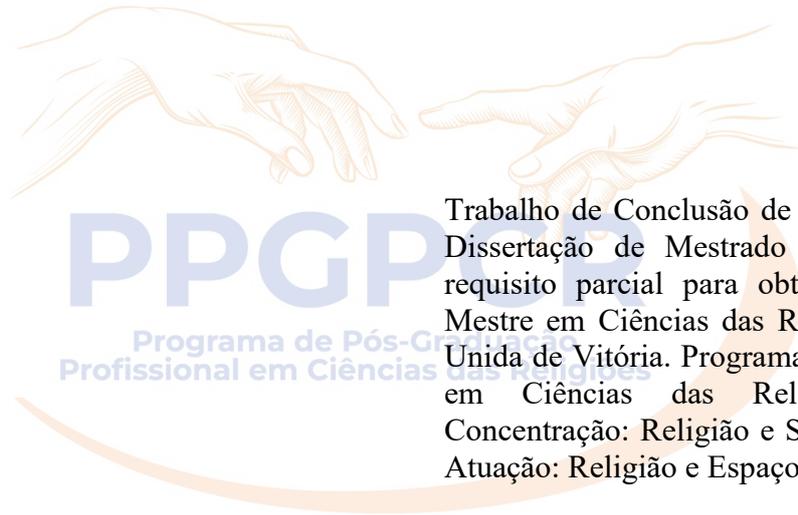
Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 01/08/2024.

VITÓRIA-ES

2024

ADEIR DA SILVA OLIVEIRA

HERMENÊUTICA PENTECOSTAL, PRÁTICA PASTORAL E O CONTROLE
INSTITUCIONAL DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS



Trabalho de Conclusão de Curso na forma de
Dissertação de Mestrado Profissional como
requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Ciências das Religiões. Faculdade
Unida de Vitória. Programa de Pós-Graduação
em Ciências das Religiões. Área de
Concentração: Religião e Sociedade. Linha de
Atuação: Religião e Espaço Público.

Orientador: David Mesquiati de Oliveira

VITÓRIA- ES

2024

Oliveira, Adeir da Silva

Hermenêutica pentecostal, prática pastoral e o controle institucional das Assembleias de Deus / Adeir da Silva Oliveira. -- Vitória: UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2024.

vi, 80 f. ; 31 cm

Orientador: David Mesquiati de Oliveira

Dissertação (mestrado) – UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2024.

Referências bibliográficas: f. 77-80

1. Ciência da religião. 2. Religião e Espaço Público. 3. Hermenêutica pentecostal. 4. Cenas de enunciação. 5. Ethos discursivo. 6. Prática pastoral. 7. Assembleias de Deus. - Tese. I. Adeir da Silva Oliveira. II. Faculdade Unida de Vitória, 2024. III. Título.

ADEIR DA SILVA OLIVEIRA

HERMENÊUTICA PENTECOSTAL, PRÁTICA PASTORAL E O CONTROLE
INSTITUCIONAL DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS



Trabalho de Conclusão de Curso na forma de
Dissertação de Mestrado Profissional como
requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Ciências das Religiões. Faculdade
Unida de Vitória. Programa de Pós-Graduação
em Ciências das Religiões. Área de
Concentração: Religião e Sociedade. Linha de
Atuação: Religião e Espaço Público.

Data: 01 ago. 2024.

David Mesquiati de Oliveira, Doutor em Teologia, UNIDA (presidente).

Graham Gerald McGeoch, Doutor em Teologia, UNIDA.

Kenner Roger Cazotto Terra, Doutor em Ciências da Religião.

RESUMO

O objetivo é apresentar alguns conceitos desenvolvidos por Dominique Maingueneau que serão aplicados nesta pesquisa, a saber: a noção de cena de enunciação e de ethos discursivo. Este referencial teórico será utilizado como uma lente para analisar o Manifesto da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB) publicado no ano de 2021. Partimos dos conceitos de Maingueneau sobre cenas genéricas e ethos discursivo. A pergunta-problema que norteia nossa investigação é: de que maneira as cenas de enunciação e o ethos discursivo podem contribuir para a análise do manifesto sobre a hermenêutica pentecostal publicado em abril de 2021? Para responder a esta questão, exploramos a interação de cenas no mesmo evento enunciativo, com o objetivo de identificar a cena englobante nesse documento, analisá-lo a partir da cena genérica e descrever a cena cenográfica por meio do ethos discursivo. Os gêneros discursivos desempenham um papel crucial ao estabelecer o projeto de discurso para a manutenção do status quo, influenciados por diversas instâncias envolvidas em sua produção, funcionamento e articulação.

Palavras-chave: Cenas de Enunciação. Ethos Discursivo. Hermenêutica Pentecostal.



ABSTRACT

The objective is to present some concepts developed by Dominique Maingueneau that will be applied in this research, namely: the notion of enunciation scene and discursive ethos. This theoretical framework will be used as a lens to analyze the Manifesto of the General Convention of the Assemblies of God in Brazil (CGADB) published in 2021. We start from Maingueneau concepts about encompassing scene, generic scenes and discursive ethos. The problem question that guides our investigation is: how can the scenes of enunciation and the discursive ethos contribute to the analysis of the manifesto on Pentecostal hermeneutics published in April 2021? To answer this question, we explored the triple interaction of scenes in the same enunciative event, with the aim of identifying the encompassing scene in this document, analyzing it from the generic scene and describing the scenographic scene through the discursive ethos. Discursive genres play a crucial role in establishing the discourse project to maintain the status quo, influenced by various instances involved in its production, functioning and articulation.

Keywords: Enunciation Scenes; Discursive Ethos; Pentecostal Hermeneutics.



SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
1 CENA ENGLOBANTE E O MANIFESTO DA CGADB DE 12 DE ABRIL DE 2021	11
1.1 Breve relato histórico dos debates e resoluções da CGADB no período de 1930 a 2021..	11
1.2 A cena englobante e o tipo de discurso do manifesto da CGADB.....	17
1.3 Situação de enunciação, plano do texto do <i>ethos</i> discursivo e o Manifesto da CGADB ...	23
2 ETHOS DISCURSIVO E O MANIFESTO DA CGADB DE 12 DE ABRIL DE 2021	29
2.1 A cena genérica e as principais características do Manifesto da CGADB.....	29
2.2 Os interdiscursos do manifesto da CGADB sobre a Hermenêutica Pentecostal.....	34
2.3 O <i>ethos</i> discursivo no Manifesto da CGADB	40
3 PROPOSTAS PRÁTICAS A PARTIR DA CENA DE GENÉRICA E DO ETHOS DISCURSIVO SOBRE A HERMENÊUTICA PENTECOSTAL NO ÂMBITO DAS ASSEMBLEIA DE DEUS NO BRASIL	46
3.1 A cena genérica no Manifesto Assembleiano.....	46
3.2 Os interdiscursos da Hermenêutica Pentecostal no Manifesto da CGADB sobre Hermenêutica Pentecostal	50
3.3 O <i>ethos</i> discursivo na hermenêutica pentecostal	55
3.4 Análise do Manifesto CGADB sobre a Hermenêutica Pentecostal.....	61
CONCLUSÃO.....	74
REFERÊNCIAS	77
APÊNDICE A: TRANSCRIÇÃO DO CONTEÚDO DO MANIFESTO DA CGADB.....	81
APÊNDICE B: QUESTIONÁRIO DE PESQUISA DE CAMPO.....	85
ANEXO A: MANIFESTO DO CONSELHO DE DOCTRINA E DA COMISSÃO DE APOLOGÉTICA DA CGADB SOBRE HERMENÊUTICA PENTECOSTAL 23/04/2021..	87
ANEXO B: RESPOSTAS DO QUESTIONÁRIO APLICADO	88

INTRODUÇÃO

O tema da Hermenêutica Pentecostal no Brasil não pode ser tratado de maneira simplista e/ou desinteressada, pelo fato dela valorizar de modo exacerbado os métodos de interpretação literalistas e alegóricos.¹ No território brasileiro, há diversos tipos de Hermenêutica Pentecostal legitimadas e utilizadas, desde o início do século XX, e elas se debruçam sobre o texto bíblico pautada nos pressupostos teórico-metodológicos da perspectiva alegórica e paradoxalmente no aspecto da literalidade da interpretação bíblica, perfazendo a experiência dos sujeitos religiosos pentecostais.²

No horizonte pentecostal, o texto bíblico emerge como a própria Palavra de Deus, de modo que ele é potencializado pela suposta presença de seu autor, isto é, o Espírito Santo. Tal compreensão faz com que o sujeito religioso pentecostal se ajuste cada vez menos aos critérios e/ou modelos tradicionais e/ou na teologia liberal, que, em sua ótica, rejeita a “inspiração bíblica e não admite a presença de seu autor divino no ato interpretativo”³.

Atualmente, no debate em torno do tema da Hermenêutica Pentecostal, considera-se que a interpretação da Bíblia acontece na dialética entre aquilo que é chamado de sentido original do texto e a práxis do leitor através da iluminação e da transformação promovida pelo Espírito Santo. Gutierrez Siqueira e Kenner Terra, por exemplo, denominam esse processo de “iluminação experiencial ou pneumática tipicamente pentecostal”⁴. Nesse sentido, os sujeitos pentecostais jamais acessam o texto bíblico sem pressupostos prévios, o que abre espaço para analisar a Hermenêutica Pentecostal à luz da perspectiva da Análise do Discurso, pois, para os sujeitos pentecostais, este seria o ponto central da interpretação bíblica: a leitura da Bíblia a partir da própria experiência ao lado daquele que a inspirou.

Diante dessas considerações, a presente pesquisa pretende aplicar os conceitos de *cena de enunciação* e *ethos discursivo*, conforme as propostas empreendidas por Dominique Maingueneau, de modo que eles serão empregados na análise do Manifesto emitido pela Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB), publicado no ano de 2021, que trata exatamente sobre a Hermenêutica Pentecostal, segundo as concepções dessa denominação cristã.

¹ SIQUEIRA, Gutierrez; TERRA, Kenner. *Autoridade bíblica e experiência no espírito: a contribuição da hermenêutica pentecostal-carismática*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020. p. 8.

² SIQUEIRA; TERRA, 2020, p. 8.

³ SIQUEIRA; TERRA, 2020, p. 8.

⁴ SIQUEIRA; TERRA, 2020, p. 8.

O problema que perpassa a pesquisa pode ser formulado através da seguinte pergunta-problema: de que maneira as cenas de enunciação e o ethos discursivo auxiliam na análise do Manifesto emitido pela CGADB sobre a hermenêutica pentecostal, publicado em abril de 2021?

Para responder a tal questão, problematiza-se uma tríplice interação de cenas no mesmo evento enunciativo. Por isso, recorre-se ao pensamento de Dominique Maingueneau para estruturar o referencial teórico da pesquisa. Como já dito, os conceitos de cena de enunciação e ethos discurso ajudarão nesse empreendimento.

O primeiro conceito reforça que o caráter do Manifesto publicado pela CGADB legitima e valida as concepções dessa denominação cristã sobre a Hermenêutica Pentecostal, com interesse de convencer e fomentar o reconhecimento de suas compreensões. O conceito de ethos discursivo, por sua vez, mostrará como esse documento constrói as imagens refletidas no discurso que o perpassa, que sobressai como uma forma de persuasão com caráter de autoridade e potencial de influência sobre as lideranças e adeptos das Igrejas Assembleias de Deus no Brasil.

O cerne da pesquisa gira em torno da confluência entre cena genérica e ethos discursivo, ou seja, pretende-se utilizar esses dois conceitos como fio condutor de toda pesquisa, sobretudo, com base na sua aplicação em relação ao referido Manifesto. Igualmente, a pesquisa lança luz sobre a concepção de disputas que circundam a Hermenêutica Pentecostal no contexto das assembleiano, valendo-se da abordagem dos interdiscursos presentes nesse documento.

Para ter êxito nesse empreendimento, a metodologia adotada na pesquisa define-se como bibliográfica, com abordagem qualitativa, pesquisa documental e um estudo de caso com um grupo de pastores da Assembleia de Deus. Ou seja, centrada no conteúdo e no discurso que perpassam o Manifesto da CGADB de 2021.

Através da pesquisa bibliográfica, consulta-se a literatura especializada disponível nos campos da Análise do Discurso Francesa, das Ciências das Religiões, entre outras. Recorre-se aos livros, teses, dissertações, artigos, entre outros textos acadêmicos. A pesquisa documental analisa, sobretudo, o Manifesto emitido e publicado pela CGADB, em 2021.

Através do estudo de caso realizado com os pastores da Igreja Assembleia de Deus, espera-se identificar as variáveis que influenciam a Hermenêutica Pentecostal assembleiana a partir da publicação do Manifesto da CGADB de 2021. Um questionário foi aplicado aos pastores da Assembleia de Deus, em Mantena, Minas Gerais, que participaram do curso de Hermenêutica Pentecostal sob a supervisão do professor Kenner Terra, resultando em uma análise reveladora.

As conclusões desta análise oferecem *insights* importantes sobre a percepção dos participantes em relação ao Manifesto da CGADB e à Hermenêutica Pentecostal no contexto brasileiro. Apesar da complexidade do tema, que continua a ser objeto de discussão entre pesquisadores destacados, esta dissertação visa propor alternativas para a questão em foco.

Para aprofundar o entendimento sobre as resoluções do Conselho de Doutrina e da Comissão Apologética da CGADB relativas à Hermenêutica Pentecostal, o autor enviou, em 11 de fevereiro de 2024, o ofício nº 001/2024 à Secretaria da Convenção de Ministros das Assembleias de Deus do Vale do Rio Doce (COMADVARDADO), onde está registrado. O objetivo era que a COMADVARDADO encaminhasse tal solicitação ao Pastor Paulo Roberto Freire da Costa, Presidente do Conselho de Doutrina da CGADB, facilitando assim a obtenção das informações desejadas.

De modo geral, a pesquisa procura identificar a cena englobante no documento emitido pela CGADB, em 2021. Em segundo lugar, pretende-se analisá-lo a partir da noção de cena genérica, e por fim, descrever a cenografia através do *ethos* discursivo. Espera-se reafirmar que os gêneros do discurso podem atuar com a função de estabelecer o projeto de dizer para a manutenção do *status* quo em virtude de distintas instâncias envolvidas em sua produção, funcionamento e articulação. Portanto, o uso de tais conceitos da análise do discurso de vertente francesa pode possibilitar a análise do Manifesto publicado pelo órgão institucional da Assembleia de Deus, em favor da hermenêutica pentecostal.

Para tanto, a pesquisa divide-se em três capítulos, que aludem aos objetivos específicos nela estabelecidos. No primeiro capítulo, apresenta-se uma síntese histórica dos principais debates e resoluções da CGADB, considerando o período compreendido entre os anos de 1930 a 2021. Essa proposta inicial baseia-se nos registros de Silas Daniel, em sua obra intitulada *A história da Convenção dos Ministros das Igrejas Assembleias de Deus do Brasil*. Além disso, pontua-se sobre o tipo de discurso contido nesse documento, por intermédio da noção de cena englobante. O capítulo encerra com uma abordagem sobre a cena genérica e os enunciadores pressupostos no texto do Manifesto da CGADB de 2021.

No segundo capítulo, o foco recai sobre o conceito de cena genérica e as principais características identificadas no Manifesto da CGADB de 2021. Em seguida, serão explorados os interdiscursos presentes nesse documento, em paralelo às contribuições de autores e autoras como Roger Stronstad, Robert Menezies, David Mesquiati, Kenner Terra, César Moisés e Céfora Carvalho. Por último, aborda-se sobre o *ethos* discursivo em relação ao discurso localizado no texto do Manifesto em comento.

O terceiro e último capítulo oferece propostas práticas para a ação pastoral nas Assembleias de Deus brasileiras, sobretudo, após a análise dos dados obtidos através do questionário respondido pelos pastores das Igrejas Assembleias de Deus da cidade de Mantena - MG, público-alvo da pesquisa. Para atender o aspecto profissional desta pesquisa, propõe-se a realização de três palestras sobre os seguintes temas: *Cena genérica no Manifesto assembleiano*, *Interdiscurso* e *O ethos discursivo desenvolvidos por Dominique Maingueneau*. O objetivo das palestras consiste basicamente em compreender os aspectos pouco explorados, através da Análise do Discurso francesa, sobre o Manifesto da CGADB de 2021 e seu posicionamento acerca da Hermenêutica Pentecostal.

Cabe ressaltar a limitada participação feminina, especialmente de pesquisadoras ligadas às Assembleias de Deus, no debate sobre este assunto. Pela escassez de literatura produzida por mulheres, a pesquisa se estrutura majoritariamente nas contribuições disponíveis oferecidas por autores e não autoras. Além disso, destaca-se o grande desafio enfrentado pelas Igrejas Assembleias de Deus no Brasil em relação aos efeitos da adesão às diretrizes do Manifesto entre seus pastores. Por isso, conclui-se que, seguindo os conceitos de Dominique Maingueneau, o discurso presente nos documentos oficiais das Igrejas Assembleias de Deus exerce uma influência significativa sobre os pastores, direcionando não apenas sua vida religiosa, mas, também, sua interpretação do texto bíblico e seu comportamento social.

1 CENA ENGLOBANTE E O MANIFESTO DA CGADB DE 12 DE ABRIL DE 2021

O objetivo deste primeiro capítulo consiste em apresentar uma síntese histórica acerca dos principais debates, bem como das resoluções publicadas pela CGADB. Considera-se o período compreendido entre os anos de 1930 a 2021. Inicialmente, essa proposta está pautada nos registros feitos por Silas Daniel. O capítulo sinaliza o tipo de discurso que perpassa o documento publicado pela CGADB, em 2021, através da noção de cena englobante. Além disso, aborda-se sobre enunciação em paralelo ao plano do texto do ethos discursivo em relação ao Manifesto publicado pela CGADB, no ano de 2021.

1.1 Breve relato histórico dos debates e resoluções da CGADB no período de 1930 a 2021

A CGADB desde a sua primeira Convenção Geral em 1930, apresenta um cenário de vários debates que marcaram a história das Igrejas Assembleias de Deus brasileiras e suas resoluções demonstram um resolutivo intento de moldar o caráter identitário assembleiano. Para entender o liame existente entre a cena englobante presente no Manifesto de abril de 2021 e o tipo de discurso empreendido por meio dessas resoluções, é importante observar que, na Análise do Discurso, “a partir dos anos 80, o termo “discurso” se proliferou nas ciências da linguagem, tanto no singular quando no plural, segundo a referência seja à atividade verbal, em geral ou a cada evento de fala”⁵.

Aqui, o autor procurou demonstrar o ineditismo de um manifesto com resoluções sobre a Hermenêutica Pentecostal nas Igrejas Assembleias de Deus brasileiras desde 1930 até 2021. Assim, o leitor compreenderá que existe um discurso específico e um padrão assembleiano de divulgar seus enunciados e uma interação entre o enunciador e o enunciatário por meio de seus Manifestos.

Assim, o nosso objeto de pesquisa que é o Manifesto da CGADB, que foi publicado em 2021, torna-se uma oportunidade para lidarmos com essas interações e analisarmos nas próximas sessões como a Cena Genérica e o Ethos Discursivo aparecem no texto em análise, através desses conceitos desenvolvidos por Maingueneau.

A primeira edição das Convenções da CGADB ocorreu em 1930, na Capital de Potiguar, e a pauta “abordava sobre os trabalhos missionários, a autonomia dos obreiros nacionais no

⁵ MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2020. p. 169.

Norte e Nordeste, a circulação dos jornais Boa Semente e o Som Alegre e o trabalho feminino na igreja⁶.”

De acordo com David Mesquiati Oliveira, existem três principais estruturas institucionais paralelas que tentam canalizar a liderança das Assembleias de Deus no Brasil, as quais são:

A primeira e com maior número de pastores (cerca de 80 mil) é a Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB), fundada em 1930. A segunda é fruto de uma divisão na CGADB em 1989, Convenção Nacional das Assembleias de Deus Madureira (CONAMAD). A terceira surgiu em 2017, também fruto de uma divisão da CGADB, que é a Convenção da Assembleia de Deus no Brasil (CADB). Um quarto grupo pode ser identificado como Assembleias de Deus “independentes”, pois não estão afiliadas a nenhuma das estruturas nacionais e funcionam completamente autônomas, seja doutrinal ou financeiramente.⁷

Ao tratarmos da Convenção Geral, é imprescindível compreender que “os missionários chegaram a realizar um esboço daquilo que seria a entidade, ao criarem a Conferência Pentecostal do Brasil, que teve sua primeira edição no Rio de Janeiro, em 1926, sob a liderança de Gunnar Vingren”⁸.

Então, desde o seu nascedouro, a CGADB foi criada visando “realizar reuniões periódicas de âmbito nacional com o propósito de manter a identidade e a unidade doutrinária da Assembleia de Deus, e resolver questões de ordem interna e externa⁹.”

Gedeon Alencar, ao referir-se sobre o nascimento das Igrejas Assembleias de Deus brasileiras em âmbito nacional, que ocorre em 1911 e seu registro estatutário em 1946 como Convenção Geral, elucidando-nos que:

Com sua 1ª Convenção Geral em 1930 – vitoriosa para uns e fracassada para outros – é que começa o processo de institucionalização e, a consequente e natural luta pelo poder. Ainda na crise de identidade, para desconhecer se era ou se seria: a) igreja pentecostal sueca no Brasil, b) igreja pentecostal brasileira dirigida por suecos, c) igreja pentecostal dirigida por brasileiros e influenciada por suecos e d) igreja pentecostal dirigida por brasileiros e influenciada por norte-americanos.¹⁰

As Convenções Gerais de 1931 e 1932, foram ignoradas pelos registros oficiais da CGADB. Por isso, somente em 1933 foram registradas as resoluções sobre rebelde, heresias,

⁶ DANIEL, Silas. *História da Convenção Geral dos Ministros das Igrejas Evangélicas Assembleias de Deus do Brasil: 1930 a 2021*. Rio de Janeiro: CPAD, 2022. p. 22.

⁷ OLIVEIRA, David M. Igrejas pentecostais e sua atuação política recente no Brasil. *Revista Brasileira de História das Religiões*, São Luís, v. 13, n. 37, p. 9-23, 2020. p. 11.

⁸ DANIEL, 2022, p. 22.

⁹ DANIEL, 2022, p. 30.

¹⁰ ALENCAR, Gedeon. *Assembleia de Deus: origem, implantação e militância (1911-1946)*. São Paulo: Arte Editorial, 2010. p. 50.

ceia, batismo, unção e o perigo do formalismo eclesiástico. Nessa ocasião, “a principal resolução foi o não reconhecimento do batismo ministrado por igrejas consideradas pela CGADB, que não se fundamentavam plenamente na Bíblia, com a Igreja Adventista”¹¹.

Na Convenção Geral de 1934, realizada em Recife, os convencionais decidem que “só poderia dirigir uma igreja das Igrejas Assembleias de Deus brasileiras, quem fosse batizado com Espírito Santo”¹², e também “a designação do pastor Amaro Celestino para assumir a igreja em Campina Grande (PB)”¹³. Em 1935, oficializou-se a criação de convenções regionais em todos os Estados onde houvesse trabalhos das Assembleias de Deus, e a CGADB decidiu pela liberação de se officiar casamento religioso com efeito civil.

As Igrejas Assembleias de Deus brasileiras comemoram seus 25 anos na Convenção de 1936, quando se decidiu que assuntos internos não seriam publicados pelo Jornal Mensageiro da Paz. Na convenção de 1937, realizada em São Paulo, apresentaram debates sobre “o uso do rádio na evangelização, a utilização de cruz na fachada dos templos, a revisão da harpa cristã e hierarquia eclesiástica”¹⁴.

É imperioso compreender que entre os anos de 1938 a 1946 não ocorreram os trabalhos da Convenção, devido ao período da Segunda Guerra Mundial. Gedeon Alencar relata-nos que “depois de um período de quase dez anos sem Convenção, na 8ª Convenção Geral em Recife, em 1946, a CPAD foi reconhecida como órgão oficial da igreja”¹⁵. Nas décadas de 1939 a 1945, ocorreram as semanas bíblicas e sessões convencionais especiais, relacionadas ao Jornal Mensageiro da Paz e à ajuda ao orfanato de Recife, a saudação entre os assembleianos e a consagração de obreiros.

As resoluções oficializadas entre 1946 e 1959, tratam de: “A CGADB torna-se pessoa jurídica, questões voltadas aos usos e costumes das Igrejas Assembleias de Deus brasileiras, procedimento disciplinar de obreiros e assuntos sobre a transferência de membros para outros ministérios¹⁶.” Portanto, entre outros motivos, essas resoluções nesse período objetivavam evitar certas situações que provocassem ocasião para divisão no meio assembleiano, demonstrando que tais documentos eram frequentemente usados para diversas finalidades dessa Convenção.

¹¹ DANIEL, 2022, p. 117.

¹² DANIEL, 2022, p. 136.

¹³ DANIEL, 2022, p. 137.

¹⁴ DANIEL, 2022, p. 178-194.

¹⁵ ALENCAR, 2010, p. 51.

¹⁶ DANIEL, 2022, p. 280-422.

Nas Convenções Gerais de 1962 a 1964, foram conhecidos como os períodos de fortes debates, sobre “o ecumenismo”, missões, o uso da rádio na evangelização, casamento interdenominacional, a situação de casos de fundação de novas igrejas, como em Brasília¹⁷.” Em seguida, nas Convenções de 1966 a 1968, os pastores debateram sobre “os crentes na maçonaria, divisões dentro das Igrejas Assembleias de Deus brasileiras, sobre os institutos bíblicos e a fábrica de pastores, convencionais condenam o uso de anticoncepcionais, da televisão, batismo de pessoas amasiadas e reafirmam sua crença na Trindade.”¹⁸

Nas Convenções da CGADB de 1969 a 1975, “aprovaram-se convencionais do novo estatuto da CGADB e foram criadas as Comissões de Educação Religiosa e Missões, debate-se novamente sobre o uso da televisão e usos e costumes”¹⁹. Nesse longo período, discutiu-se também sobre “o relacionamento com outras denominações e o fenômeno do televangelista”²⁰. Percebe-se que dois assuntos entre os debates estavam em destaque, ou seja, se por um lado, falava-se muito sobre a evangelização, por outro, muitos pastores pleiteavam discussões acirradas pela defesa dos usos e costumes nas Igrejas Assembleias de Deus brasileiras nacionais.

Os principais assuntos da Convenção de 1977, estavam ligados às medidas “coercitivas para obreiros que invadem outros campos ministeriais, casamento religioso sem efeito civil, batismo de pessoas não casadas civilmente. Em suma, registrou-se a designação de várias resoluções desde a Resolução a de nº: 1/77 a 13/77”²¹. Tais resoluções foram apresentadas com o intuito de atender as demandas previstas pelos mais variados temas abordados por cada proponente e suas respectivas comissões. “A partir da década 1980 percebe-se uma mudança no cenário religioso brasileiro. Brasil torna-se mais diversificado [...], especialmente, em relação ao crescimento dos evangélicos e dos sem religião”²².

No período convencional das décadas de 1978 a 1983, as Convenções Gerais se destinaram a tratar sobre os seguintes temas: “o casamento misto, divórcio, criação do Conselho e Doutrina, o pastor e a política, a aprovação de relatórios administrativos, Dia Nacional de Vigília e jejum, a aprovação dos anais da CGADB, aborto”²³. Por conseguinte, em 1983 a

¹⁷ DANIEL, 2022, p. 425-450.

¹⁸ DANIEL, 2022, p. 471-510.

¹⁹ DANIEL, 2022, p. 518-549.

²⁰ DANIEL, 2022, p. 551.

²¹ DANIEL, 2022, p. 570-586.

²² SILVA, Airton V.; ULRICH, Claudete B. Pluralidade religiosa brasileira: a importância do diálogo inter-religioso. *Protestantismo em Revista*, São Leopoldo, v. 43, n. 1, p. 83-94, 2017. p. 85.

²³ DANIEL, 2022, p. 593-622.

CGADB, propôs a discutir sobre “resoluções acerca da separação de mulheres para o ministério e a consagração de missionárias e reintegração de obreiros²⁴”.

No que concerne à Convenção promovida pela CGADB de 1985, as pautas abordadas eram sobre:

- 1) Organização de capelarias e assistência integrada; 2) Rigorosa observância dos princípios bíblicos na ordenação dos obreiros; 3) Posicionamento das Assembleias de Deus em face da Teologia da Libertação; 4) Definição das Assembleias de Deus em relação ao ecumenismo e aos movimentos carismáticos; 5) Planejamento e metodologia do evangelismo no Brasil e no exterior; 6) Posicionamento das Assembleias de Deus em relação às agressões da sociedade aos princípios da ética cristã; 7) Ética pastoral; 8) Mobilização da mocidade para a obra de Deus; 9) Fixação de princípios de um *modus vivendi* ideal para os membros da igreja; 10) Unificação dos ministérios em ‘um só corpo’.²⁵

Nas Convenções Gerais de 1987 a 1989, ocorreram a aprovação do novo estatuto da CGADB e o primeiro Simpósio de Doutrina. Em relação aos tratados em pauta nesse período, “efetivou-se o desligamento do Ministério de Madureira da Convenção Geral”²⁶. Nos anos de 1990 a 1995, “essa Convenção implementou o serviço informatizado para a inscrição dos convencionais, os usos e costumes voltam a ser debatidos, o divórcio de ministros do evangelho, o registro das metas da Convenção Geral”²⁷.

Nas reuniões convencionais de 1997 a 2001, mais uma vez ocorre debates acalorados sobre “os usos e costumes nas Igrejas Assembleias de Deus brasileiras, mudanças estatutárias, eutanásia, hermafroditismo, luta armada, homossexualismo, aborto e doação de órgãos, rejeitam ordenação de pastoras e discussões sobre as questões relacionadas ao batismo em águas”²⁸. No que concerne às principais resoluções dos anos de 2003 a 2005, ocorreram “debate sobre células-tronco e anúncio da entrega da patente do nome Assembleia de Deus à CGADB”²⁹.

As Convenções da CGADB de 2006 a 2017, promoveram resoluções em torno dos “debates sobre a conservação da identidade assembleiana, retificação da resolução sobre o divórcio, usos e costumes, a carta de Brasília de caráter ideológico, jurídico, filosófico e social”³⁰. Além disso, uma das discussões mais importantes foi “em 24 de janeiro de 2017, o

²⁴ DANIEL, 2022, p. 624-641.

²⁵ DANIEL, 2022, p. 654.

²⁶ DANIEL, 2022, p. 685.

²⁷ DANIEL, 2022, p. 691-751.

²⁸ DANIEL, 2022, p. 753-799.

²⁹ DANIEL, 2022, p. 841.

³⁰ DANIEL, 2022, p. 872-973.

conteúdo da Declaração de Fé foi apresentado a todos para uma última apreciação, e para servir como parâmetro para as Igrejas Assembleias de Deus brasileiras de todo o país”³¹.

O autor salienta que, em suas pesquisas sobre a expressão Hermenêutica Pentecostal, sendo a palavra-chave do Manifesto em análise, nenhum registro sobre esse termo foi encontrado dentro das resoluções ou publicações dos jornais vinculados à CGADB. Porém, “em 2013, o pastor César Moisés fez um artigo na revista *Obreiro Aprovado*, com essa nomenclatura”³², sendo esse o primeiro registro publicado com a nomenclatura Hermenêutica Pentecostal por um teólogo assembleiano brasileiro.

A partir da Convenção de 2019 até o final de 2020, a propositura dos temários foram sobre “a união estável, a reforma do Estatuto Social e do Regimento Interno da CGADB, o projeto do Dia Global de Evangelização, aprovação da Nova Almeida Atualizada como versão da Bíblia adotada pela AD ao lado da Almeida Revista e Corrigida³³.” A pesquisa comprova, com base nesses registros históricos, que não consta nenhuma resolução ou Manifesto sobre a hermenêutica pentecostal.

Porém, em 2019, houve intensos debates sobre esse tema nas redes sociais, alguns órgãos da CGADB consideraram oportuno apresentar a posição da Convenção Geral. Por isso, o autor elaborou a pesquisa recorrendo-se ao *Jornal Mensageiro da Paz*, publicado em maio de 2021, que fez um registro oficial do manifesto em apreço. Além disso, tais manifestos possuem, para essa Convenção, um caráter apologético, para apaziguar debates sobre temas relevantes para os pastores e membros das Igrejas Assembleias de Deus brasileiras.

Embora tais manifestos não tenham o mesmo valor canônico da Bíblia, esses documentos servem como um instrumento balizador, para identificar se o ponto de vista dos pastores assembleianos está em harmonia com a perspectiva dessa Convenção. Em 2021, foi o ano em que houve o posicionamento oficial dessa Convenção em favor da Hermenêutica Pentecostal, e também se comemoraram os 90 anos da CGADB e os “110 anos das Assembleias de Deus no Brasil, e devido à pandemia ocorre o adiamento de sessões presenciais para abril de 2022”³⁴. Desse modo, a exemplo da CGADB, “pode-se concluir que a vitalidade das genituras dogmáticas dos segmentos pentecostais, se alojaram na estrutura de vários grupos sociais com diferentes transformações políticas, culturais e de filiações religiosas”³⁵.

³¹ DANIEL, 2022, p. 1018.

³² CARVALHO, César. *Hermenêutica pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2013. p. 78-84.

³³ DANIEL, 2022, p. 1039-1050.

³⁴ DANIEL, 2022, p. 1052.

³⁵ RIOS, Eunice O.; NUNES, Fabrizia G. História da Religião: origem e precursores dos movimentos pentecostais através dos séculos e continentes. *Revista Verde Grande*, Montes Claros, v. 4, n. 1, p. 111-131, 2022. p. 118.

1.2 A cena englobante e o tipo de discurso do manifesto da CGADB

Partindo da premissa de que o manifesto da CGADB, divulgado em abril de 2021, é passível de análise por meio das cenas de enunciação³⁶, especialmente neste estágio inicial, através da cena englobante, é relevante destacar a reunião do Conselho de Doutrina e a Comissão de Apologética, órgãos da CGADB responsáveis por questões éticas e doutrinárias, nos dias 1º e 5 de abril para sua elaboração e publicação. O propósito desse manifesto era esclarecer os pastores sobre a perspectiva da hermenêutica pentecostal (H P).

Nesse sentido, na elaboração da síntese pertinente às principais resoluções da CGADB, é importante destacar os temas recorrentes e como o discurso presente nesses documentos molda as Assembleias de Deus (Igrejas Assembleias de Deus brasileiras) no Brasil. A pesquisa se dedica a oferecer tanto um panorama histórico quanto a indicar vias para uma análise discursiva, empregando o conceito de cena englobante como estratégia inicial de abordagem.

Quanto ao próprio documento, é essencial salientar que foi publicado no “Jornal Mensageiro da Paz em maio de 2021³⁷”, o que atesta seu registro oficial. Destinado aos pastores assembleianos, o manifesto foi motivado pelas discussões sobre a H P. A partir disso, buscou-se compreender: qual é o conteúdo desse documento, que tipo de discurso ele possui e como podemos analisar esse documento por meio da teoria de cena englobante?

De acordo com Maingueneau cena englobante “é aquela que atribui um estatuto pragmático ao tipo de discurso a que pertence um texto³⁸”. Assim, a cena englobante corresponde ao tipo de discurso, ou seja, “resulta do recorte de um setor da atividade social que apresenta características específicas em diferentes gêneros de discurso³⁹”. No caso das resoluções publicadas em um Manifesto específico para um grupo de pastores, que repassaram aquelas informações e até mesmo poderem ser coibidos de algumas práticas no meio social, definem um tipo de discurso religioso.

O discurso nesse documento é introduzido em tom tanto de familiaridade quanto de hierarquia, aproximando o leitor de suas origens assembleianas e do modo de interpretação da Bíblia.

³⁶ Cena de enunciação, em análise do discurso, é frequentemente empregada em decorrência com a situação de comunicação. Mas, ao falar de “cena de enunciação”, acentua-se que a enunciação acontece em um espaço instituído, definido pelo gênero de discurso, mas também sobre a dimensão construtiva do discurso, que se “coloca em cena”, instaura seu próprio espaço enunciativo. Para mais informações, consulte: MAINGUENEAU, 2020, p. 95.

³⁷ CPAD NEWS. *Jornal Mensageiro da Paz*. 20 mai. 2021. [online]. [n.p.].

³⁸ MAINGUENEAU, 2020, p. 96.

³⁹ MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso e análise do discurso*. São Paulo: Parábola, 2015. p. 118.

Ezequias Silva, ao tratar sobre os ancestrais do pentecostalismo brasileiro, declara:

Os fundadores do pentecostalismo do Brasil foram um italiano e dois suecos, mas todos eles vieram dos Estados Unidos, onde tiveram a experiência pentecostal. Visto que os pais na fé dos pioneiros no Brasil eram americanos, é natural esperar certas características do pentecostalismo norte-americano em nosso país. Os três principais líderes que influenciaram foram Charlex Fox Parham (1873 – 1929), William Joseph Seymour (1870 – 1922), indiretamente William Howard Durham (1872 – 1936), indiretamente.⁴⁰

Então, foi “a partir de 1980, se constituiu um espaço de pesquisa mundial, em torno da análise do discurso, que integrou correntes teóricas que se desenvolveram de modo independente umas das outras em disciplinas e em distintos países”⁴¹. Assim, a cena construída no texto do referido manifesto e não somente pela sua materialidade textual. Maingueneau utiliza a cena englobante como uma tentativa de construção do quadro enunciativo.

Diante disso, pode-se dizer que os gêneros de discurso limitam o discurso num certo panorama. Contudo, este não se mostra plenamente fixo e, por isso, precisa ser gerido pela encenação de sua própria enunciação. Ou seja, a relação que se estabelece entre esse panorama e a encenação da fala difere nos diversos gêneros de discurso. No pensamento de Dominique Maingueneau, a enunciação implica em uma encenação, e esse é impulso para que ele recorra às metáforas do universo do teatro para, então, sugerir a utilização das cenas de enunciação.

Nas palavras de Dominique Maingueneau:

Contudo, a metáfora teatral logo encontra seus limites: se um (a) ator (atriz) pode afirmar sem dificuldade que não é Hamlet ou Engraçadinha, os que participam dos gêneros de discurso, salvo em situações muito particulares, não podem deixar suas roupas nos camarotes. Nossa personalidade é tecida de múltiplos ‘papéis’, que nos são atribuídos. Encontramo-nos sempre confrontados com o paradoxo de uma teatralidade da qual não podemos sair.⁴²

Com efeito, o referencial teórico delineado por esse discursista disponibiliza alguns instrumentos valiosos para tratar os processos de enunciação. A cena de enunciação de um determinado gênero de discurso não pode ser comparada a um bloco monolítico ou compactado, pois é intermediada por uma tríplice interação de cenas no mesmo evento enunciativo, a saber: englobante, genérica e cenográfica. Essas três cenas apreendem o discurso em sua forma de funcionamento social, isto é, em sua manifestação enquanto ritual sociolinguístico, bem como por meio de locais instituídos pelo próprio discurso.

⁴⁰ SILVA, Ezequias S. *O pentecostalismo brasileiro: um guia histórico e teológico para compreender o Pentecostes no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 2021. p. 30.

⁴¹ MAINGUENEAU, 2015, p. 118.

⁴² MAINGUENEAU, 2015, p. 118.

Diante dessas considerações preliminares, examinemos cada uma das cenas propostas por esse analista francês. A primeira delas é a cena englobante. No campo da Análise do Discurso francesa, os gêneros e os tipos de discurso costumam ser distinguidos. A cena englobante tem a ver com a definição mais simples de um tipo de discurso, de modo que ela emerge de um segmento da atividade social em que se inserem determinadas práticas discursivas. Logo, os gêneros do discurso compõem, de alguma forma, e, por assim dizer, os átomos que pertencem à atividade discursiva. Desse modo, os sentidos que os gêneros recebem apenas acontecem em virtude de sua integração às unidades de classe superior, isto é, os tipos de discurso.

Desde a década de 1970, o analista de discurso Dominique Maingueneau tem apresentado conceitos relevantes, dentre eles a cena de enunciação que está relacionada a um tipo de discurso. De acordo com Maingueneau, o termo cena se refere “ao mesmo tempo, o espaço bem delimitado no qual são representadas as peças [...], e as sequências das ações, verbais e não verbais, que habitam esse espaço”⁴³. Para esse analista francês, “a cena de enunciação de um gênero de discurso não é um bloco compacto. Ela faz interagir três cenas: a cena englobante, a cena genérica, e cenografia”⁴⁴.

De acordo com esse analista francês, “os produtores do discurso derivados de determinada cena englobante devem, por meio de sua emancipação, mostrar que se conformam aos valores prototipicamente relacionados ao locutor pertinente para o tipo de atividade verbal”⁴⁵. Porém, em caso de conservação e/ou reemprego do texto em outro contexto, ele pode desdobrar-se em cenas englobantes distintas daquela construída no decorrer de sua enunciação primária. Por isso, um texto, a partir de sua origem, pode participar simultaneamente de duas cenas englobantes.

Um exemplo para ilustrar o argumento acima pode ser localizado nas seguintes palavras de Maingueneau: “as entrevistas radiofônicas do escritor Paul Claudel e Jean Amrouche, difundidas pela France Culture em 1951-1952, eram simultaneamente resultados da cena englobante midiática e da cena englobante literária”⁴⁶. Nesse sentido, o manifesto da *Hermenêutica Pentecostal* foi elaborado para alcançar um grupo de fiéis, cujo objetivo é convencê-los por meio de um discurso, que se contrapõe a discursos divergentes.

⁴³ MAINGUENEAU, 2015, p. 117.

⁴⁴ MAINGUENEAU, 2015, p. 118.

⁴⁵ MAINGUENEAU, 2015, p. 119.

⁴⁶ MAINGUENEAU, 2015, p. 120.

O autor destaca que o Manifesto da CGADB introduz o argumento de que os órgãos da CGADB estiveram reunidos nos dias 1 e 5 de abril tratando sobre o assunto da H P, ou seja, esse documento apresenta a posição desse tipo de discurso. Para Maingueneau “os discursos constituintes se definem pela posição que ocupam no interdiscurso, pelo fato de não reconhecerem discursividade para além da sua e não poderem se autorizar senão por sua própria autoridade”⁴⁷.

Nas palavras de Maingueneau uma das características tangíveis de um discurso constituinte, seja religioso ou não, é que este afirma estar diretamente ligado a fonte legitimadora:

Discursos-limite, situados num limite, e que se ocupam do limite, eles devem gerir em termos textuais os paradoxos que seu estatuto implica. Com eles, são formuladas em toda a sua acuidade as questões relativas ao carisma, à Encarnação, à delegação do absoluto: a fim de autorizar-se por si mesmos, eles devem se propor como ligados a uma fonte legitimadora. São, a um só tempo, autoconstituintes e heteroconstituintes, duas faces que se pressupõem mutuamente: só um discurso que se constitui ao tematizar sua própria constituição pode desempenhar um papel constituinte com relação a outros discursos.⁴⁸

O autor pode perceber que o referido documento apresenta a delimitação de um discurso constituinte, ou seja, a categoria de discurso que opera uma função de *archeion*⁴⁹, na perspectiva dessa cena de enunciação. Isso se deve ao fato de um discurso religioso, não reconhecer outra autoridade além da sua própria, de não admitir quaisquer outros discursos acima deles. “Mas faz parte da natureza desses discursos negar a interação de discursos não-constituintes sobre si”⁵⁰.

No entanto, é possível perceber algumas dificuldades presentes nesse documento, em relação à cena englobante. Por exemplo: “a distância entre o sujeito falante e a posição de enunciação, a distância entre as intenções comunicativas e a significação do texto e a distância entre intenção de produção e de recepção”⁵¹. Nota-se, portanto, que tais discursos estão para além da oralidade e no universo do discurso, o enunciado fica privilegiado, sem as devidas restrições institucionais.

⁴⁷ MAINGUENEAU, 2020, p. 38.

⁴⁸ MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso literário*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012a. p. 61.

⁴⁹ Esse termo grego, *étimo*, do latim *archivum*, apresenta uma polissemia interessante para nossa perspectiva: ligado a arché, “fonte”, “princípio”, e a partir daí “comando”, “poder” o *archeion* é a sede de autoridade, um exemplo palácio, por exemplo, um corpo de magistrados, mas também os arquivos públicos. O *archeion* associa assim intimamente o trabalho de fundação no e pelo discurso, a determinação de um lugar associado a um corpo de enunciadores consagrados e uma gestão de memória. Para mais detalhes, veja: MAINGUENEAU, Dominique. *Cenas da enunciação*. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2012b. p. 37, 38.

⁵⁰ MAINGUENEAU, 2012b, p. 37.

⁵¹ MAINGUENEAU, 2020, p. 41.

Digno de nota é a heterogeneidade do discurso religioso, como Maingueneau afirma:

O discurso religioso, enquanto “discurso constituinte”, faz parte desses discursos que são radicalmente heterogêneos, que associam gêneros de discurso muito fechados, produzidos por e para especialistas, que pretendem enunciar em nome da Fonte que o funda, e gêneros mais próximos da vida cotidiana. É o conjunto de interações entre gêneros bastante diversos que é preciso estudar, em vez de considerar que o essencial está localizado nas arquiteturas doutrinárias ou, ao contrário, nos gêneros do cotidiano.⁵²

Sem dúvida, o discurso é afetado em seu sentido, quando os representantes da CGADB afirmam atender à solicitação para conceder um posicionamento em relação à H P, utilizando linguagem simples, ou seja, sem rigor acadêmico. Isso sugere uma intenção comunicativa, porém, o nível dos debates parece não ser atendido plenamente se o uso da linguagem for seletivo e não houver espaço para o contraditório.

Tal análise em relação aos discursos religiosos não é uma tarefa fácil, pelo fato de seu estudo ocupar um duplo procedimento, ou seja, ele está dividido em dois procedimentos completamente diferentes, a saber: “Um visa à interpretação dos textos, seja para descobrir conteúdos espirituais ocultos e o outro se volta decididamente para o estudo das práticas religiosas associadas a esses textos”⁵³. Nesse aspecto, o primeiro tipo de procedimento está diretamente ligado à H P, visto que é uma forma específica como o Manifesto afirma que os pentecostais leem e interpretam a Bíblia.

Além disso, para o auxílio dessa análise, pode-se abordar as tipologias nos seguintes critérios de ordens: “As tipologias linguísticas, independentes dos conteúdos e das finalidades. As tipologias funcionais que dividem os discursos segundo a sua finalidade e as tipologias situacionais, construídas a partir de gêneros de discurso, a partir de critérios sócio-históricos”⁵⁴. Logo, usando o terceiro exemplo, verificamos que o tipo e o gênero de discurso estão interligados na mesma realidade, ou seja, “um tipo de discurso é constituído de gêneros, todo gênero se destaca sobre o fundo de um tipo de discurso determinado”⁵⁵.

Nota-se, portanto, que a cena englobante abordada nesse documento tem a ver com a definição mais simples de um tipo de discurso, de modo que ela emerge de um segmento da atividade social em que se inserem determinadas práticas discursivas no meio assembleiano. Com efeito, os gêneros do discurso compõem, de alguma forma, e, por assim dizer, os átomos que pertencem à atividade discursiva. Desse modo, os sentidos que os gêneros recebem apenas

⁵² MAINGUENEAU, 2015, p. 101.

⁵³ MAINGUENEAU, 2015, p. 101-102.

⁵⁴ MAINGUENEAU, 2020, p. 42.

⁵⁵ MAINGUENEAU, 2020, p. 43.

acontecem em virtude de sua integração às unidades de classe superior, isto é, os tipos de discurso.

O autor ratifica que se objetiva perceber o tipo de discurso que, implicitamente, é afetado pela forma híbrida que constitui as Igrejas Assembleias de Deus brasileiras no Brasil. Gedeon Alencar afirma que as Igrejas Assembleias de Deus brasileiras são “uma das sínteses mais próximas da realidade brasileira [...], ou seja, é moderna, mas conservadora, presente, mas invisível, imensa, mas insignificante; única, mas diversificada, [...] fenomenológica, mas burocrática, comunitária, mas hierarquizada”⁵⁶. Também, para Alencar, as Igrejas Assembleias de Deus brasileiras são “originárias do inusitado encontro de pentecostalismos de ethos suecos, americano e brasileiro e herdou fenômenos múltiplos com um crescimento irregular, com uma religiosidade mística e sincrética”⁵⁷.

Portanto, a pesquisa reconhece que, apesar de se fazer um recorte específico do ponto de vista das Igrejas Assembleias de Deus brasileiras ligadas a CGADB, compreende-se que existem dentro desse próprio grupo divergências e discussões teológicas, como a H P. Vison Synan, ao referir-se à ancestralidade do pentecostalismo norte-americano, afirma que a teologia pentecostal possui as suas raízes “no movimento de Edward Irving, a Igreja Apostólica Católica; o Movimento de Santidade, metodista, de Jhon Wesley; e o Movimento de Vida Superior, de Keswick”⁵⁸.

Logo, considera-se que a cena desenvolvida aqui, é de um tipo de discurso religioso, relacionado à fé pentecostal, veiculado por meio de um gênero jornalístico com o objetivo implícito de obter credibilidade sobre a temática da H P. Em segundo lugar, o discurso está contextualizado social e historicamente, ou seja, foi publicado em 2021, em meio as acaloradas discussões. Também é uma forma de ação e regido por normas, para dirimir os problemas relacionados à interpretação de textos bíblicos, situando-se em um interdiscurso, que será analisado posteriormente na próxima sessão.

⁵⁶ ALENCAR, Gedeon F. *Assembleias brasileiras de Deus: teorização, história e tipologia – 1911-2011*. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012. p. 45.

⁵⁷ ALENCAR, 2012, p. 45.

⁵⁸ SYNAN, Vinson. *O século do Espírito Santo: 100 anos de avivamento pentecostal e carismático*. São Paulo: Vida, 2009. p. 16.

1.3 Situação de enunciação, plano do texto do *ethos* discursivo e o Manifesto da CGADB

Para Maingueneau o discurso é regido por um conjunto de normas, ou seja, os gêneros do discurso que “só adquire sentido no interior de um imenso discurso”⁵⁹. Como discutido nas sessões anteriores, onde apresentamos uma síntese histórica dos debates e resoluções da CGADB de 1930 a 2021 e uma análise sobre a cena englobante e o tipo de discurso do manifesto da CGADB, é relevante abordar este documento sobre H P considerando a situação de enunciação do *ethos* discursivo.

Nesta seção, não pretendemos discorrer meticulosamente sobre o plano da enunciação elementar ou a situação de enunciação, ou seja, alguns conceitos como código linguareiro, a situação de locução ou a situação de comunicação. Nosso objetivo é discorrer sucintamente sobre as três posições fundamentais: enunciador, coenunciador e não pessoa. Além disso, abordaremos a noção de contexto no pensamento de Maingueneau e sua contribuição para a análise desse manifesto sobre a H P.

Contata-se que a noção de enunciação pode ser facilmente confundida com um espaço físico ou social ocupado pelos interlocutores. Todavia, “trata-se de um sistema de coordenadas abstratas, puramente linguísticas, que permitem todo e qualquer enunciado, fazendo-o refletir sua própria atividade enunciativa”⁶⁰. Então, pode-se afirmar que a situação de enunciação a que referimos é “o sistema onde são definidas as três posições fundamentais de enunciador; de coenunciador e de não pessoa”⁶¹.

O autor ao se referir ao enunciador compreende que tanto para a linguística, como para a análise do discurso se inscreve no ponto de vista enunciativo. Assim, a situação de enunciação, ou seja, esse sistema pode ser verificado no Manifesto em comento, pois, “a posição de enunciador que é o ponto de origem das coordenadas enunciativas e modalização podem ser notados através de seus pronomes autônomos, como marcadores dessa posição”⁶².

Para Maingueneau existe algumas dificuldades suscitadas pela noção de enunciador no que toca à subjetividade falante, a saber:

O sujeito produtor efetivo do enunciado, sujeito organizador do dizer, sujeito responsável pelo ato de fala, sujeito fonte do ponto de vista, sujeito ponto de origem das âncoras dêiticas, sujeito oposto a outro, sujeito na alteridade fundadora da troca linguística... A priori, pode-se conceber duas posições diametralmente opostas: aquela que consiste em remeter esses diversos estatutos a instâncias igualmente

⁵⁹ MAINGUENEAU, 2015, p. 28.

⁶⁰ MAINGUENEAU, Dominique. *Doze conceitos em Análise do Discurso*. São Paulo: Parábola, 2023. p. 200.

⁶¹ MAINGUENEAU, 2023, p. 201.

⁶² MAINGUENEAU, 2023, p. 202.

distintas, e aquela que os associa a uma única instância compacta, indiferentemente nomeada “locutor”, “enunciador”, “sujeito falante”. Na realidade, os linguistas adotam posições intermediárias, que se distribuem entre esses dois polos.⁶³

No documento em apreço, o enunciador é sujeito produtor efetivo do enunciado, e que se apresenta na categoria que diz “nós” nesse texto, e “ocupa na interlocução, o lugar de produtor físico do enunciado”⁶⁴. É importante observar que ao discorrer sobre esse Manifesto, a posição do enunciador ao usar o pronome nós no primeiro e quarto parágrafos da segunda parte que trata sobre o que é H P, afirma-se de forma assertiva em relação ao seu ponto de vista. Contudo, o autor nota que na última parte do documento, que aborda sobre o que não é H P, o enunciador muda para um tom mais “polêmico”, onde os verbos são postos na terceira pessoa do plural, demonstrando afirmações mais rígidas ao enunciatário.

Nesse sentido, tais determinações estão registradas da seguinte forma: 1) não utilizar de forma irrestrita o método histórico-gramatical; 2) não se servir dos métodos histórico-crítico e pós-modernos, nos aspectos que fragmentam as Escrituras e negam os milagres; 3) refutar a teologia narrativa em sua pretensão de desconstrução do texto e de seu sentido; 4) não usar os métodos de interpretação subjetivista, focados no leitor; 5) submeter reiteradamente as experiências ao crivo da Bíblia Sagrada; e 6) emprega as ferramentas hermenêuticas da erudição bíblica, com seus métodos e, por último afirma-se a busca da iluminação do Espírito Santo para a compreensão do texto bíblico.

Seguindo nessa esteira, a enunciação é uma instância em tempo real, o “nós” é instaurado no ato de afirmar, ou seja, o nós é quem diz nós, não como o autor real, mas de forma implícita produz a imagem tanto do autor quanto do leitor. Nas palavras de Fiorin, “a enunciação define-se como a instância de um eu-aqui-agora. O ‘eu’ é instaurado no ato de dizer: eu sou quem diz eu. A pessoa a quem o ‘eu’ se dirige é estabelecida como tu. O ‘eu’ e o ‘tu’ são os actantes da enunciação, os participantes da ação enunciativa”⁶⁵.

De acordo com Maingueneau, existe uma relação de diferença e de alteridade entre o enunciador e o coenunciador, a saber:

Na realidade, esses dois polos da enunciação são simultaneamente solidários e opostos no mesmo plano. O termo coenunciador não é, porém, desprovido de riscos, por menos que ele seja interpretado equivocadamente como significando uma simetria entre as duas posições.⁶⁶

⁶³ MAINGUENEAU, 2020, p. 197.

⁶⁴ MAINGUENEAU, 2020, p. 199.

⁶⁵ FIORIN, José L. *Elementos de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2024. p. 56.

⁶⁶ MAINGUENEAU, 2023, p. 201.

Logo, ao tratarmos do termo coenunciador, precisamos perceber que no quadro de uma linguística da enunciação esse termo, sendo “empregado no singular designa o lugar do destinatário, e empregado no plural designa dois parceiros da comunicação verbal⁶⁷.” No entanto, o autor não está utilizando tal termo para referir-se a uma pluralidade de destinatário (Tu (Você) + Tu (Você), ou seja, dois interlocutores. Para o autor esse “coenunciador é, o polo de alteridade necessário à enunciação”⁶⁸.

Maingueneau ainda salienta que “a posição de não pessoa, termo que vem de Benevides, é a das entidades apresentadas como não estando suscetíveis a efetivar um enunciado, a assumir um ato de enunciação”⁶⁹. No caso do Manifesto em análise, pode-se dizer que o autor se serve do pensamento de Benveniste que discorre sobre as posições de enunciador e coenunciador, que podem ser chamadas de pessoas ampliadas ou dilatadas (em francês nous e vous), que correspondem às respectivas posições.

Outrossim, a pesquisa segue nesse passo, mencionando “a categoria plural, no sentido de uma soma de unidades discretas(...), um je⁷⁰ que se associa a outros sujeitos e que pode se referir a apenas um sujeito (o nós majestático ou o nós de um autor)”⁷¹. Assim, é através da situação de enunciação que se percebe a relação contínua existente entre a subjetividade e a intersubjetividade, atuando de tal forma nessa inter-relação enunciativa do enunciador e coenunciador que envolve o eu e o tu.

Assim, o sistema de coordenadas pessoais da situação de enunciação constitui-se a “base dos dêiticos espaciais e temporais, cuja referência é construída relativamente ao ato de enunciação: agora marca a coincidência entre o momento e a enunciação onde ele aparece, aqui, o lugar onde se encontram os parceiros da enunciação”⁷². Assim como o analista francês, “Freitas salienta sobre a dupla modalidade das dêixis enunciativa e aponta que essa categoria de análise, que abriga os enunciadores/co-enunciadores do discurso, está representada pela cronografia e pela topografia”⁷³.

Ao discorrer sobre as projeções da enunciação no enunciado, Fiorin em harmonia com Maingueneau, destaca:

⁶⁷ MAINGUENEAU, 2020, p. 155.

⁶⁸ MAINGUENEAU, 2020, p. 155.

⁶⁹ MAINGUENEAU, 2023, p. 18.

⁷⁰ Em diversas línguas, pronomes autônomos com je, i, eu... são marcadores da posição de enunciador e coenunciador, que são termos empregados por Benveniste. Saiba mais em: MAINGUENEAU, 2023, p. 201.

⁷¹ MAINGUENEAU, 2023, p. 201.

⁷² MAINGUENEAU, 2023, p. 202.

⁷³ FREITAS, Ernani C. Linguagem na atividade de trabalho: ethos discursivo em editoriais de jornal interno de empresa. *Revista Desenredo*, Passo Fundo, v. 6, n. 2, p. 170-197, 2010. p. 176.

Se a enunciação se define a partir de um eu-aqui-agora, ela instaura o discurso-enunciado, projetando para fora de si os atores do discurso, bem como suas coordenadas espaçotemporais. Utiliza-se, para constituir o discurso, das categorias de pessoa, de espaço e de tempo. Nesse processo, ela faz uso de dois mecanismos básicos: a debreagem e a embreagem.⁷⁴

O enunciador apresenta-se na introdução do documento em pauta, declarando que: considerando as crescentes discussões acerca da construção de uma Hermenêutica Pentecostal em solo brasileiro, o Conselho de Doutrina e a Comissão de Apologética da Convenção Geral dos Ministros das Igrejas Evangélicas Assembleia de Deus no Brasil (CGADB), atendendo solicitação da Mesa Diretora, vem, em linguagem simples (sem rigor acadêmico), apresentar o seguinte manifesto. Nesse caso, o primeiro enunciado está projetado sobre uma pessoa (nós).

O quadro cênico em questão pode ser notado, pois na segunda parte ou perícopo que traz a abordagem sobre o que é a H P, o enunciador apresenta o seguinte discurso no primeiro parágrafo: nós pentecostais cremos que a revelação canônica se encerrou com os apóstolos e a formação do Novo Testamento (1Co 15.8), por isso nossa fonte de autoridade é unicamente a Bíblia. A projeção desse enunciado está em uma pessoa (nós) em vários momentos do discurso, em todo o enunciado, demonstrando que esse elemento é de vital importância para compreendermos essa relação de instância de enunciação.

Assim, ao verificarmos a primeira parte do enunciado, cujo título aborda a expressão H P, no início do terceiro parágrafo, o enunciador descreve: por aqui, embora sempre seguissem os mesmos princípios hermenêuticos, nossos pais não se preocuparam com a formatação de métodos científicos para embasar sua interpretação das passagens bíblicas acerca do batismo no Espírito Santo. Nesse enunciado, estão projetados um espaço (aqui).

Na segunda parte do enunciado intitulado o que é H P e no segundo parágrafo, expresso que: Para as Assembleias de Deus e o Movimento Pentecostal na totalidade, a suficiência das Escrituras não anula a continuidade das manifestações divinas e as experiências com o Espírito Santo; ou seja, o fechamento do Cânon Sagrado não significa que Deus abandonou suas criaturas e o seu povo, com quem Ele continua a se comunicar inclusive por meio dos dons espirituais (At 2.14-21). Logo, o enunciador assevera que as Igrejas Assembleias de Deus brasileiras e o Movimento Pentecostal na totalidade crê da maneira citada ainda hoje, ou seja, esse enunciado está projetando um tempo (agora).

De acordo com Fiorin existem três tipos de debreagens enunciativas e três de enunciativas, a saber:

⁷⁴ FIORIN, 2024, p. 57.

Há três tipos de debreagens enunciativas e três de enunciativas: as de pessoas (actancial), as de espaço (espacial) e as de tempo (temporal). A debreagem enunciativa projeta, pois, no enunciado o eu-aqui-agora da enunciação, ou seja, instala no interior do enunciado os actantes enunciativos (eu/tu), os espaços enunciativos (aqui, aí, etc.) e os tempos enunciativos (presente, pretérito perfeito, futuro do presente).

Portanto, o eu-aqui-agora, ou seja, o nós-aqui-agora, instalados no interior do enunciado acima analisado, apresenta os actantes enunciativos (nós), os espaços enunciativos (aqui) e os tempos (presente e pretérito perfeito). Além disso, o autor apresenta “as debreagens enunciativa e enunciativa produzem dois tipos básicos de discurso: os da primeira pessoa e os da terceira pessoa. Essas duas espécies de debreagens produzem, respectivamente, efeitos de sentido de subjetividade e objetividade”⁷⁵.

O autor salienta a necessidade de reverberar a noção do plano do texto em Dominique Maingueneau, que trata do caso de enunciados elementares, ou seja, de frases descontextualizadas. Esses enunciados elementares “são, na realidade, eles mesmos constituintes de textos, de unidades transfrásticas relacionadas a gêneros do discurso, dispositivos de comunicação verbal sócio historicamente definidos”⁷⁶. Então, esses textos podem apresentar o contexto, a situação de discurso, a situação de comunicação e a cena de enunciação.

Primeiramente, “a noção de contexto é intuitiva e cômoda, pois recobre imediatamente o contexto linguístico, o meio físico da enunciação e os saberes partilhados pelos participantes da interação verbal”⁷⁷. Nesse sentido, o contexto desse enunciado é de alguma maneira comum aos interlocutores, visto que o enunciador aborda o tema de forma simples, entendendo que o alocutário construirá a interpretação baseada nas instruções extraídas do referido Manifesto.

De acordo com Maingueneau a noção de contexto se dá do seguinte modo:

Essa noção de contexto desempenha, além disso, um papel essencial nas teorias semânticas de inspiração pragmática, hoje dominantes, que supõem que o alocutário constrói a interpretação de um enunciado elementar ou de um texto através de instruções extraídas de diversos planos do contexto. Mas é preciso reconhecer que uma noção tão polivalente quanto a de contexto dificilmente pode ser empregada de modo restritivo.⁷⁸

Diante do exposto, torna-se evidente que o Manifesto da CGADB emergiu diante de um cenário polêmico de intensos debates sobre a Hermenêutica Pentecostal, e como vimos, o meio físico de enunciação e os saberes nele partilhados faziam parte dos assuntos debatidos entre os

⁷⁵ FIORIN, 2024, p. 64.

⁷⁶ MAINGUENEAU, 2023, p. 204.

⁷⁷ MAINGUENEAU, 2023, p. 204.

⁷⁸ MAINGUENEAU, 2023, p. 204.

pastores assembleianos. Portanto, aqueles que entrarem em contato com o Manifesto, seja por meio do Jornal Mensageiro da Paz ou através de sites que o republicaram, obterão uma compreensão básica do assunto em questão.

Diante dessas considerações, o próximo capítulo pretende estruturar seu referencial teórico. Isso será feito a partir das contribuições do campo da Análise do Discurso Francesa, tendo em Dominique Maingueneau os aportes teórico-metodológicos necessários para analisar o Manifesto emitido pela CGADB, no ano de 2021.



2 ETHOS DISCURSIVO E O MANIFESTO DA CGADB DE 12 DE ABRIL DE 2021

O objetivo deste segundo capítulo consiste em delinear o conceito de cena genérica a partir das contribuições da Análise do Discurso Francesa. As principais características identificadas no Manifesto da CGADB de 2021 serão esboçadas. Na sequência, exploram-se os interdiscursos que se manifestam nesse documento, sem perder de vista as contribuições dos seguintes pensadores e pensadoras: Roger Stronstad, Robert Menzies, David Mesquiati, Kenner Terra, César Moisés e Céfora Carvalho. Trata-se do capítulo que estrutura o referencial teórico da pesquisa e, em virtude disso, analisa-se o ethos discursivo no Manifesto da CGADB de 2021, e isso será realizado sob os auspícios das contribuições de Dominique Maingueneau.

2.1 A cena genérica e as principais características do Manifesto da CGADB.

Para Dominique Maingueneau o conceito de cena genérica, de forma bem sucinta é “definida pelos gêneros de discurso particulares. Cada um desses, implicam inevitavelmente em uma cena específica, por meio dos papéis para seus parceiros, circunstâncias, suporte material, modo de circulação, uma finalidade”⁷⁹. Diante disso, podemos levantar a seguinte questão: que cena genérica pode ser encontrada no Manifesto da CGADB sobre a Hermenêutica Pentecostal, publicado em 2021?

Em relação à cena genérica, considera-se que esse conceito é correspondente ao gênero e que, no âmbito dessa cena, os enunciadores acabam identificando e assumindo seus papéis. No que diz respeito à finalidade, pressupõe-se que os enunciadores possam atribuir uma ou mais finalidades para uma atividade social, com o intuito de desenvolverem a capacidade de regular os enunciados, a partir das estratégias de produção e interpretação deles.

A cena genérica apresenta um funcionamento normatizado, gerando expectativas que costumam ser associadas a cada gênero, e em virtude da familiaridade, raramente pergunta-se acerca da finalidade. De acordo com Maingueneau, a despeito de estar disponível para o enunciador certo grau de experimentação, “os gêneros instituídos têm certa autonomia em relação às representações daqueles que a mobilizam; São instituições que, como tais, lhes preexistem e se mantêm para além deles”⁸⁰.

⁷⁹ MAINGUENEAU, 2020, p. 96.

⁸⁰ MAINGUENEAU, 2015, p. 121.

Existem vários papéis e parcerias no campo de um gênero do discurso. A interação perpassa os papéis que se ajustam conforme com os direitos, deveres e com competências determinadas. Além disso, os enunciadores selecionam os suportes e os locais apropriados, que podem ser fisicamente descritíveis ou não, para, então, serem capazes de proferir seu discurso, que se fixa em uma certa temporalidade. Entretanto, as normas que compõem a cena genérica acabam sendo insuficientes para ajustar a singularidade do discurso.

Na linguística do discurso, portanto, tal proliferação indica um “sintoma de uma modificação no modo de conceber a linguagem, resultando da influência de diversas correntes pragmáticas, que sublinharam um número de ideias-força”⁸¹. Para Maingueneau, o discurso pode ser orientado, ser uma forma de ação, ser um discurso interativo, contextualizado, regido por normas ou até assumido em um interdiscurso. Além disso, o autor procura trazer uma visão panorâmica do modo de interação que os enunciados foram desenvolvidos ao longo desse período.

Destarte, Dominique Maingueneau ressalva que cada gênero nas cenas genéricas funciona com normas, e se associam da seguinte maneira:

1. uma ou mais finalidades: supõe-se que os locutores sejam capazes de atribuir uma ou vários objetivos das atividades da qual são partícipes;
2. Papéis para os parceiros, pois, em um gênero de discurso, a fala vai de um papel para outro;
3. Um lugar apropriado para o sucesso do gênero, que pode se tratar de um lugar fisicamente descritível ou espaços de outros tipos como Web, emissoras de rádio, texto escrito e etc;
4. Um modo de inscrição na temporalidade, que podem atuar em múltiplos eixos, a saber: a periodicidade ou a singularidade das enunciações;
5. Um suporte, pois, um “texto” não é um conteúdo que tomaria emprestado de maneira contingente algum suporte, mas sim algo indissociável de seu modo de existência material;
6. Uma composição: ter o domínio de um gênero do discurso, possuindo parcialmente uma consciência clara de seu modo de encadeamento;
7. Um uso específico de recursos linguísticos, tornando-se, fatalmente, um campo singular para a sociolinguística.⁸²

Para o autor, antes de abordar sobre as normas constituídas pelas cenas genéricas, é importante refletirmos sobre o papel do Jornal Mensageiro da Paz para o público assembleiano na divulgação sobretudo das resoluções da CGADB. Como vimos anteriormente, esse é o principal jornal dessa Convenção, que possui um boletim semanal de notícias sobre o meio evangélico nacional e internacional através da CPAD News. Logo, o meio de acesso mais comum dos seus enunciatários é via assinatura, e possui um papel decodificador de discursos complexos em discursos em uma linguagem mais acessível ao público receptor.

⁸¹ MAINGUENEAU, 2020, p. 170.

⁸² MAINGUENEAU, 2015, p. 120-122.

As normas relacionadas às cenas genéricas acima citadas podem possibilitar a análise do Manifesto da CGADB, apresentando a finalidade que é se posicionar de modo favorável a H P. O Manifesto, que está dividido em três partes, deixa claro esse posicionamento ao afirmar no texto desse documento que a Teologia Pentecostal tem e precisa ter sua própria hermenêutica. O autor pode perceber que nesse discurso, existem, como em um teatro, papéis previamente impostos, onde o texto revela os espaços ocupados pelo enunciador e pelos enunciatários. Logo, o primeiro passo para o interlocutor desse enunciado é questionar o que de fato é a H P.

Essa mediação entre os esclarecimentos apresentados pelo enunciador demonstra que o seu público, por heterogêneo, apresenta diferentes características, ideologias e opiniões sobre a temática em pauta. Assim, os sujeitos do discurso podem ser identificados, assumindo a voz de especialistas que militam no labor teológico pentecostal e que se fundamentam em argumentos técnicos sobre a Teologia Pentecostal. Tais argumentos se baseiam, em pressupostos estudados ao longo da história, nas Igrejas Assembleias de Deus brasileiras, e, “se tratando de Brasil, são fruto da atividade evangelística estrangeira”. Se apenas dois nomes forem considerados, tem-se uma representação interessante: uma liderança formal (Gunnar Vingren) e outra leiga (Daniel Berg)”⁸³.

Porém, o autor faz questão de ressaltar que ao se referir sobre os fundadores do Pentecostalismo Clássico no Brasil, é muito se dizer sobre a influência do Movimento Pentecostal Moderno em 1901, na escola bíblica de Topeka, nos Estados Unidos da América. Mas, é preciso destacar os dois grandes reavivamentos que aconteceram no século XX, a saber:

O primeiro ocorreu na Inglaterra, em torno de 1830, durante o ministério de Edward Irving; o segundo, no extremo sul da Índia, por volta de 1860, mediante a influência da teologia dos irmãos de Plymouth e sob a liderança do leigo indiano J. C. Aroolappen. Documentos contemporâneos a respeito de ambos os movimentos incluíam referências ao falar noutras línguas e à profecia.⁸⁴

Em segundo lugar, no que respeita aos papéis para os parceiros, é possível perceber sob a perspectiva dos direitos, deveres e competências específicas, as quais são: os papéis estatutários que são apresentados o Conselho de Doutrina e a Comissão de Apologética da Convenção Geral dos Ministros das Igrejas Assembleias de Deus no Brasil, como os proponentes do discurso. Também, o texto apresenta certos papéis verbais do tipo narrador que

⁸³ CARVALHO, César M. *Pentecostalismo e pós-modernidade*: quando a experiência sobrepõe-se à teologia. Rio de Janeiro: CPAD, 2017. p. 308.

⁸⁴ MCGEE, Gary B. *Panorama Histórico*. In: HORTON, S. M. (ed.). *Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal*. 4. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1997. p. 12.

apresenta um pano de fundo histórico sobre os registros de estudos de H P desde 1917 na Assembleia de Deus norte-americana.

Em terceiro lugar, o enunciador exprime certa atitude de entusiasmo ao referir-se ao dinamismo da obra pentecostal em solo brasileiro, produzindo uma cultura essencialmente bíblica, com extraordinário resultado. Além disso, outras atitudes se mesclam no decorrer dessa enunciação, por exemplo: no início, os enunciadores narram o discurso com um tom de benevolência ao buscar dirimir as discussões acaloradas entre os pastores sobre a H P e posteriormente, a atitude torna-se rígida e inflexível na última parte do manifesto, que normatiza sobre o que não é a H P, no ponto de vista da CGADB.

No entanto, infere-se que o enunciatário, é percebido nesse tipo de discurso como um leigo que necessita de explicações didáticas para compreender de forma detalhada sobre essa temática. Além disso, o enunciador faz questão de abordar conceitos elementares sobre hermenêutica e apresentar que essa expressão é bastante conhecida na história e nos estudos do movimento pentecostal clássico. Tal enunciatário, pode ser analisado sob a condição de alguém de fora do meio acadêmico, mas que possui algumas informações sobre o aparente risco de se usar o que é chamado de no texto de métodos histórico-crítico e pós-modernos.

Em quarto lugar, no modo de inscrição que trata da temporalidade, o enunciado fez parte de um contexto polêmico de debates via redes sociais, sobretudo em 2019. Tais discussões desencadearam essa apresentação desse documento, que foi publicado em vários sites ligados à igreja das Assembleias de Deus brasileiras e teve como suporte para divulgação que ocorre trimestralmente. Tal arquivamento do Jornal Mensageiro da Paz, como esse de maio de 2021, cujo Manifesto está registrado com número da edição e página específicos, para manter a sua existência material, estando a disposição via assinatura anual.

Destarte, ao observarmos como essa divulgação foi trabalhada, é possível perceber que há uma sequência discursiva na qual estão inseridas as principais características dos gêneros do quadro cênico presente no manifesto da CGADB de 2021. Nesse sentido, nota-se também uma estratégia de captação, que, de acordo com Charaudeau, significa que:

A captação é, com a legitimação e a credibilidade, um dos três espaços em que são trabalhadas as estratégias de discurso. As estratégias de captação visam a seduzir ou a persuadir o parceiro da troca comunicativa, de tal modo que ele termine por entrar no universo do pensamento que é o ato de comunicação e assim partilhe a intencionalidade, os valores e as emoções dos quais esse ato é portador.⁸⁵

⁸⁵ MAINGUENEAU, 2020, p. 93.

Em quinto lugar, o tipo de gênero aqui divulgado é jornalístico, possuindo uma divisão própria daquelas que comumente o Jornal Mensageiro da Paz publica recorrentemente. Assim essa publicação intitulada, Manifesto sobre a Hermenêutica Pentecostal, divide-se em três partes, ou seja, a primeira referindo-se sobre a Expressão Hermenêutica Pentecostal, a segunda abordando o que é Hermenêutica Pentecostal e a terceira concluindo sobre o que não é Hermenêutica Pentecostal.

Por último, verificou-se que o uso do recurso linguístico delocutivo⁸⁶, foi utilizado para alcançar um público mais simples, visto que na introdução o locutor antecipa, que fará uso de uma linguagem não acadêmica. Portanto, ao fazer uso de uma linguagem familiar, tais como: “Nós pentecostais, ou “Para as Assembleias de Deus e o Movimento Pentecostal como um todo,” ou também, “nossa hermenêutica”, promovendo uma ideia de familiaridade e proximidade com o leitor.

Diante do exposto, verificou-se que as principais características da generalidade presentes no quadro cênico do texto do manifesto da CGADB, de abril de 2021, são:

- a) argumento de autoridade, pois, os locutores são apresentados como representantes do Conselho de Doutrina e da Comissão de Apologética da CGADB, pois, na introdução do texto, demonstrando que estão investidos de um determinado tipo de poder eclesialístico;
- b) marcas de coloquialidade, pois, identifica-se o tipo de público a quem se destina esse manifesto, ou seja, ao meio assembleiano, sobretudo, aos pastores, enfatizando o motivo pelo qual não se utilizou rigor acadêmico;
- c) explicações sobre o conceito de hermenêutica pentecostal, nas três partes em que o texto é dividido, sob a perspectiva das CGADB, porém, cabe salientar que no interdiscurso, é possível perceber que tais definições não representam todos os teólogos ou crentes pentecostais;
- d) ponderação na explicação de certos termos, tais como: o significado da expressão hermenêutica pentecostal, no primeiro parágrafo da primeira parte do manifesto;
- e) inclusão do leitor no discurso, utilizando o pronome “nós” referindo-se aos pentecostais, no primeiro e terceiro parágrafos, trazendo a ideia de que todos pensam assim, ou deveriam pensar assim;

⁸⁶ Esse termo foi empregado por Dmourette e Pichon (1950) para designar a pessoa de quem se fala (terceira pessoa). Para mais informações, leia: MAINGUENEAU, 2020, p. 309.

- f) ponto de vista do enunciador, ou seja, das comissões representantes da CGADB, que manifestam um tipo de discurso, usando expressões tais como: “Para as Assembleias de Deus e o Movimento Pentecostal como um todo,” ou também, “nossa hermenêutica”, promovendo uma ideia de familiaridade e proximidade com o leitor;
- g) papéis para parceiros, pois são apresentadas algumas normas no último parágrafo da forma como a hermenêutica pentecostal é compreendida no meio assembleiano, de acordo com essa Convenção.

Diante dessas considerações, a próxima seção aborda o aspecto dos interdiscursos em relação ao Manifesto da CGADB no que diz respeito à H P.

2.2 Os interdiscursos do manifesto da CGADB sobre a Hermenêutica Pentecostal

O objetivo dessa seção consiste em apresentar os conceitos da cena cenográfica e de interdiscursos, e empregá-los no Manifesto da CGADB sobre a H P, sobretudo em relação a noção de posicionamento por parte do locutor. Também, o autor buscou compreender quais são os tipos de intertextualidade e interdiscursividade presentes no referido documento. Além disso, procura-se reafirmar por meio da análise desse manifesto que todo discurso é atravessado pela interdiscursividade, e que este desenvolve uma multiforme relação com outros discursos.

O discurso, seja no sentido mais restrito ou mais amplo, é inevitavelmente perpassado pela interdiscursividade, e o interdiscurso, por ser um espaço discursivo, possui várias nomenclaturas, por exemplo, o dialogismo, heterogeneidade, intertextualidade entre outras. Tais nomenclaturas são atravessadas pela vertente fundante do dialogismo Bakhtin, e no intuito de outorgar sentido e identidade ao discurso em relação aos demais discursos. Assim, o interdiscurso emerge de modo externo de uma Formação Discursiva, e inter-relaciona como o exterior interiorizado, para expressar-se discursivamente.

Ao tratar do processo discursivo no interdiscurso, Jean-Jacques Courtine corrobora dizendo:

Se uma dada Formação Discursiva não é isolável das relações de desigualdade, de contradição ou de subordinação que marcam sua dependência em relação ao ‘todo complexo com dominante’ das Formações Discursivas, intrincado no complexo da instância ideológica, e se nomeamos “interdiscurso” esse todo complexo com dominante das Formações Discursivas, então é preciso admitir que o estudo de um

processo discursivo no interior de uma dada Formação Discursiva não é dissociável do estudo da determinação desse processo discursivo por seu interdiscurso.⁸⁷

Para Dominique Maingueneau a cenografia é “a construção de uma encenação singular de enunciação, sob a base das normas constitutivas da cena genérica”⁸⁸. Além disso, ao analisarmos uma cena cenográfica precisamos identificar o tipo de enunciação, quem é o enunciador, e/ou coenunciador, cronografia, topografia e os momentos de enunciação contidos no texto. Assim, a cenografia usa a própria enunciação para instituir uma cena que vai sendo validada de forma progressiva.

A noção de formação discursiva, “foi introduzida por Foucault e reformulada por Pêcheux no quadro da análise do discurso. [...] Por isso, é possível empregá-lo para os posicionamentos de ordem ideológica nos discursos religiosos”⁸⁹.

Nas palavras de Chauradeau, esse posicionamento se emprega da seguinte forma:

Na escolha destes ou daqueles gêneros de discurso, no modo de citar, etc. [...] Por exemplo, no discurso religioso ou no discurso filosófico, os posicionamentos em geral correspondem às escolas, aos movimentos que se consideram a expressão de uma doutrina, mas esse não é o caso geral.⁹⁰

Como vimos anteriormente, o manifesto da CGADB sobre a H P foi publicado no Jornal mensageiro da Paz em maio de 2021. Nesse documento, é possível caracterizar o enunciador como sensato, e erudito, com discurso informal, que percebe em seu enunciatário alguém que é detentor de um certo conhecimento prévio sobre o assunto apresentado. Portanto, o interdiscurso é amparado pelos objetos abordados através da Formação Discursiva.

É imperioso que o leitor entenda que o discurso abordado nesse documento possui uma forte relação com outros discursos, e que no âmbito das Igrejas Assembleias de Deus brasileiras, a partir das discussões relacionadas às regras de interpretação dos textos bíblicos, fica evidente que a CGADB dispõe de um posicionamento. Tal posicionamento, a qual o autor se refere, “trata de identidade enunciativa que não é fechada e cristalizada, ela se conserva por meio do interdiscurso por um trabalho incessante de reconfiguração. Esse posicionamento não aborda apenas os conteúdos, mas às diversas dimensões do discurso”⁹¹.

Por isso, Dominique Maingueneau em harmonia com o pensamento de Bakhtin, demonstra que para se interpretar determinado tipo de enunciado, deve-se relacioná-lo com

⁸⁷ COURTINE, Jean J. *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. São Paulo: UFSCAR, 2009. p. 73.

⁸⁸ MAINGUENEAU, 2020, p. 122.

⁸⁹ MAINGUENEAU, 2020, p. 240-242.

⁹⁰ MAINGUENEAU, 2020, p. 93.

⁹¹ MAINGUENEAU, 2020, p. 392-393.

outros enunciados, visto que “cada gênero de discurso tem sua maneira de tratar a multiplicidade de relações interdiscursivas⁹²”. Por isso, é imprescindível que o autor proponha a busca da compreensão dessa categoria discursiva, para apresentar nesse documento, o posicionamento do enunciatador, sua intertextualidade e interdiscursividade.

Dominique Maingueneau, ao elucidar sobre o discurso presente em uma cenografia, afirma o seguinte:

A cena de fala que o discurso pressupõe para poder ser enunciado e que, por sua vez, deve validar através de sua própria enunciação: qualquer discurso, por seu próprio desenvolvimento, pretende instituir a situação de enunciação que o torna pertinente. A cenografia não é, pois, um quadro, um ambiente, como se o discurso ocorresse em um espaço já construído e independente do discurso, mas aquilo que a enunciação instaura progressivamente como seu próprio dispositivo de fala.⁹³

Na perspectiva da CGADB, o tipo de posicionamento preconizado nesse Manifesto afirma adotar as mesmas metodologias de interpretação do Movimento Pentecostal, cuja hermenêutica é a hermenêutica do Espírito. Ademais, aborda-se que a hermenêutica, por ser a arte da interpretação, no pentecostalismo, adquire-se uma dimensão particular devido à ênfase na experiência direta e sobrenatural do Espírito Santo.

O autor ressalta que, ao analisar esse documento, buscou abordar os seus interdiscursos, por meio de outros discursos relacionados a essa temática. O Manifesto sobre H P, está dividido em três partes. Na primeira discorre-se sobre a expressão hermenêutica pentecostal, na segunda elucidada-se o conceito sobre essa hermenêutica e na última parte salienta-se o que não é hermenêutica pentecostal e então apresentam-se algumas diretrizes sobre a forma ou os métodos de interpretação mais adequados.

Ao abordar sobre o que é a H P, o enunciatador afirma que: embora a experiência pentecostal faça parte do processo, é sempre submetida às Escrituras; tudo sob a dependência e a iluminação do Espírito Santo. Esse discurso atravessa outros discursos como, o pensamento de Robert Menzies define a H P, como “a hermenêutica do crente pentecostal típico que é direta e simples, ou seja, as histórias registradas nos livros de Atos, são as suas histórias, ou seja, elas servem de modelo para sua vida e experiência”⁹⁴. Além disso, David Mesquiati propõe que “a leitura pentecostal pode ser tratada como uma intuição hermenêutica que centraliza o leitor, o qual tem no êxtase seus óculos interpretativos”⁹⁵.

⁹² MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de texto de comunicação*. São Paulo: Cortez. 2000. p. 55.

⁹³ MAINGUENEAU, 2015, p. 70.

⁹⁴ MENZIES, Robert. *Pentecostes: essa história é a nossa história*. Rio de Janeiro: CPAD, 2016. p. 22.

⁹⁵ TERRA, Kenner; OLIVEIRA, David M. *Interpretando a Bíblia a partir do Espírito: experiência e hermenêutica pentecostal*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2023. p. 25.

Para Roger Stronstad, a H P é uma hermenêutica holística que possui cinco componentes, os quais são:

Uma Hermenêutica Pentecostal tem cinco componentes: 1-Os pressupostos experienciais carismáticos; 2-O pneumático; 3- O gênero; 4- A exegese; 5-A verificação experiencial. Os cinco componentes incluem as dimensões experiencial, pneumática e racional. Assim, essa hermenêutica difere da hermenêutica bíblica protestante em dois pontos significativos, a saber: os pressupostos experiências carismáticos e a verificação experiencial.⁹⁶

As dinâmicas interpretativas desempenham um papel crucial na compreensão das tradições religiosas e suas manifestações no mundo contemporâneo, principalmente para o pentecostalismo, que é um fenômeno religioso de destaque no cenário global. No posicionamento em análise nesse documento, verifica-se que o discurso apresentado harmoniza como as Igrejas Assembleias de Deus brasileiras e o Movimento Pentecostal como um todo, interpretam a suficiência das Escrituras, não anulando a continuidade das manifestações divinas e as experiências com o Espírito Santo.

Por isso, Bernardo Campos explica o valor das experiências pentecostais em relação à interpretação do texto bíblico, afirmando que “novas experiências individuais ou coletivas enriquecem o sentido do texto e o fazem polissêmico, ou seja, os intérpretes encontram nos textos bíblicos novos sentidos que não estavam em uma leitura anterior⁹⁷.” Em anexo a esse entendimento, Menzies salienta: “O que os pentecostais creem é impactado pela experiência que os orienta e tais crenças dão significado, coerência e direção à experiência, que acaba moldando os seus comportamentos⁹⁸.”

De acordo com Kenner Terra e David Mesquiati em sua obra *Interpretando a Bíblia a partir do Espírito*, para avançarmos sobre a história da H P, torna-se necessário recorreremos tanto ao esboço apresentado por Veli-Matti Karkkinen, que aborda sobre os quatro movimentos da H P, a saber:

1- Um estágio pré-flexivo, 2- Uma tendência a interpretação fundamentalista-dispensacionista alinhada com certas correntes do evangelicalismo do século 20; 3- Uma busca dos estudiosos por uma exegese pneumatológica caracteristicamente pentecostal e 4- Uma variedade de abordagens a partir do desenvolvimento da pós-modernidade.⁹⁹

⁹⁶ STRONSTAD, Roger. *Hermenêutica pentecostal: Espírito, Escritura e Teologia*. Natal: Carisma, 2020. p. 114.

⁹⁷ CAMPOS, Bernardo. *Hermenêutica do Espírito: uma proposta para hermenêutica pentecostal*. São Paulo: Recriar, 2018. p. 34.

⁹⁸ MENZIES, 2016, p. 94.

⁹⁹ SIQUEIRA; TERRA, 2020, p. 26.

Paul A. Pomerville, elucida a relevância da tarefa interpretativa-teológica para os pentecostais, afirmando que na crença pentecostal, o Espírito Santo continua a trabalhar no fim moderno da revelação divina. Portanto, “eles acreditam que a revelação é de natureza dinâmica e contínua [...]. Essa crença também lhes permite responder à questão de encarnar a fé cristã em outros contextos culturais”¹⁰⁰, por outro lado, uma “hermenêutica bíblica” envolve uma tarefa histórica e interpretativa. Ambas tarefas são necessárias para aplicar o conteúdo bíblico a questões e problemas contemporâneos”¹⁰¹.

Kenner Terra, ao discorrer sobre a história da H P, suas origens e desenvolvimento que “a hermenêutica, enquanto teoria da interpretação, avalia o ato interpretativo, critica os pressupostos dos múltiplos métodos e disponibiliza os princípios ou horizontes da leitura”¹⁰². Além disso, “nos últimos trinta anos, surgiram intensos debates sobre as melhores ferramentas hermenêuticas para a interpretação da Bíblia, sobretudo no contexto pentecostal anglo-saxão”¹⁰³.

No entanto, Orlandi define a categoria de discurso como a “palavra em movimento, onde se procura compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história”¹⁰⁴. Por isso, o surgimento de alguns debates sobre como os pentecostais leram a Bíblia no decorrer da história. Outrossim, precisa-se definir o que de fato é H P, qual é a intertextualidade e os interdiscursos estão presentes nesse documento?

Ao abordarmos sobre a intertextualidade presente no texto, precisamos compreender que Dominique Maingueneau faz uma certa diferença entre intertextualidade e intertexto, a saber:

O intertexto é o conjunto de fragmentos convocados (citações, alusões, paráfrase...) em um corpus dado, enquanto intertextualidade é o sistema de regras implícitas que subjaz a esse intertexto, o modo de citação que é julgado legítimo pela formação discursiva, o tipo ou gênero de discurso do qual esse corpus provém. Assim, a intertextualidade do discurso científico não é a mesma que a do discurso teológico; além disso, elas variam de uma época para outra. Pode-se distinguir uma intertextualidade interna (entre um discurso e aqueles do mesmo campo discursivo) e uma intertextualidade externa (com os discursos de campos discursivos distintos, por exemplo, entre um discurso teológico e um discurso científico);¹⁰⁵

¹⁰⁰ POMERVILLE, Paul A. *A força pentecostal em missões*: entendendo a contribuição dos pentecostais na teologia missionária contemporânea. Rio de Janeiro: CPAD. 2020. p. 186.

¹⁰¹ POMERVILLE, 2020, p. 182.

¹⁰² SIQUEIRA; TERRA, 2020, p. 64.

¹⁰³ SIQUEIRA; TERRA, 2020, p. 18.

¹⁰⁴ ORLANDI, Eni P. *Análise de Discurso*: princípios e procedimentos. São Paulo: Pontes. 2009. p. 15.

¹⁰⁵ MAINGUENEAU, 2020, p. 289.

O enunciador desse Manifesto apresenta a citação de outro texto dentro do seu próprio texto ao se embasar nos registros de estudos de Hermenêutica Pentecostal desde 1917 citados pela Assembleia de Deus norte-americana, na obra *Teologia Sistemática – Uma Perspectiva Pentecostal*. Além disso, corrobora seu discurso afirmando categoricamente que a expressão Hermenêutica Pentecostal não é novidade no Movimento Pentecostal Clássico, ou seja, evidenciando que faz parte de um grupo protestante e pentecostal específico.

Com efeito, fica evidente que esse documento emprega o uso de intertextualidade interna, devido ao sistema de regras implícitas que podem ser notadas pelo modo de citação dos argumentos teológicos, inter-relacionados ao mesmo campo discursivo. Por isso, o autor estará apresentando, os argumentos desse Manifesto que foram citados por outros autores que são pesquisadores da H P. Por exemplo, cita-se no segundo parágrafo da primeira parte desse documento que “conquanto possa parecer uma discussão nova, há registros de estudos de Hermenêutica Pentecostal desde 1917 na Assembleia de Deus norte-americana, citados na obra *Teologia Sistemática – Uma Perspectiva Pentecostal*”¹⁰⁶.

No que toca ao interdiscurso é apresentado como o Outro do discurso, que é considerado uma parte externa deste, e que também se localiza no seu entremeio que se aloja e intermedia as formações discursivas. Para Maingueneau, o interdiscurso pode ser dividido de forma operacional em três categorias hierárquicas, as quais são:

O universo discursivo, por meio do conjunto das formações discursivas de todos os tipos que interagem numa conjuntura dada. Em segundo lugar, o campo discursivo, que é um conjunto de formações discursivas que se encontram em concorrência, delimitam-se reciprocamente em uma região determinada do universo discursivo e por último o espaço discursivo: subconjuntos de formações discursivas que o analista, diante de seu propósito, julga relevante pôr em relação.¹⁰⁷

O interdiscurso do ponto de vista de sua parte externa pode ser percebido no terceiro parágrafo da primeira parte do manifesto, onde o enunciador descreve sobre o que afirma ser “os nossos pais” que não se preocuparam com a formatação de métodos científicos para interpretação das passagens bíblicas pertinentes ao batismo no Espírito Santo. Gedeon Alencar, descreve a forma híbrida que constitui Igrejas Assembleias de Deus brasileiras no Brasil, afirmando que ela “é uma das sínteses mais próximas da realidade brasileira [...], ou seja, é moderna, mas conservadora, presente, mas invisível, imensa, mas insignificante; única, mas diversificada, [...] fenomenológica, mas burocrática, comunitária, mas hierarquizada”¹⁰⁸.

¹⁰⁶ HORTON, Stanley M. *Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2021. p. 25.

¹⁰⁷ MAINGUENEAU, Dominique. *Gênese dos discursos*. Curitiba: Criar, 2008a. p. 33-34.

¹⁰⁸ ALENCAR, 2012, p. 53.

Porém, o autor salienta a participação do Pr. José Gonçalves, que fez parte da Comissão de Apologética do Manifesto da CGADB sobre a H P. Inicialmente, o mesmo apresentou ressalvas quanto ao uso da expressão H P, através de suas redes sociais. Mas, como comentarista da “Lição 13 do 1º trimestre de 2024”¹⁰⁹, convergiu no que respeita a independência do material lucano, sem a necessidade de que esse esteja subordinado a teologia paulina. Além disso, o mesmo aborda sobre o Método Histórico-Gramatical e o conceito sobre ser cheio do Espírito Santo, que na teologia lucana é distinta da teologia paulina.

Em suma, para melhor compreensão da interdiscursividade no manifesto da CGADB, o autor propõe na última sessão um curso apresentando uma síntese sobre o percurso histórico da H P e os métodos hermenêuticos usados pelos pentecostais. Assim sendo, torna-se inevitável o conhecimento da história da Teologia da H P, sintetizada por William Oliveira Jr., que discorre sobre as suas quatro fases: “A primeira com a Hermenêutica Pentecostal Clássica, a segunda a Hermenêutica Pentecostal evangelical, a terceira a Hermenêutica Pentecostal contextual e a quarta a Hermenêutica Pentecostal ecumênico-pentecostal”¹¹⁰. Com base nisso, a próxima seção trata da presença do ethos discursivo no texto do Manifesto da CGADB.

2.3 O ethos discursivo no Manifesto da CGADB

No pensamento de Dominique Maingueneau, “enunciar não é apenas ativar normas de uma instituição de fala prévia: é construir sobre essa base uma encenação singular da enunciação: uma cenografia”¹¹¹. Nesse sentido, a cenografia, a terceira das cenas por ele conceituadas, manifesta-se a partir de um plano enunciativo que o próprio discurso institui. Trata-se, nesses termos, do primeiro aspecto localizado pelo enunciador. Logo, a cenografia emerge, simultaneamente, como origem e resultado do discurso. Em outras palavras, a cenografia legitima um determinado enunciado que, numa relação intercambiável, também a legitima.

Diante dessas considerações, não seria inútil afirmar que os enunciados são legitimados por intermédio da cenografia. Porém, isso não equivale dizer que essa seria uma cena teatral preestabelecida, pois é exatamente no interdiscurso e no decorrer da interação que a legitimação da enunciação é construída.

¹⁰⁹ GONÇALVES, José. *O corpo de Cristo: origem, natureza e vocação da igreja no mundo*. Rio de Janeiro: CPAD, 2024. p. 144-145.

¹¹⁰ SIQUEIRA; TERRA, 2020, p. 26.

¹¹¹ MAINGUENEAU, 2015, p. 122.

No desenvolvimento do processo de enunciação, a cenografia e o *ethos* discursivo¹¹² são negociados – mais adiante, o conceito de *ethos* discursivo será melhor explicado. Por ora, vale mencionar que o *ethos* se insere na cenografia e somente através dela pode ser apreendido. Nessa perspectiva, existe um interesse que orienta e norteia a seleção e o desenvolvimento da cenografia, uma vez que o discurso – ao se desenvolver a partir de sua cenografia –, procura pela adesão, fazendo isso quando institui a cenografia que tem o potencial para o legitimar.

Cabe reforçar que a cenografia corresponde a um processo de inscrição, que abarca: o enunciador; o co-enunciador; o *ethos*; o código languageiro; o lugar – topografia; e a circunstância de enunciação – cronografia. Destarte, segundo as contribuições de Dominique Maingueneau, o conceito de cenografia ancora-se no argumento de que o enunciador sistematiza a situação em que pretende enunciar. Dito de outra forma, “todo discurso, por seu próprio desenvolvimento, pretende, de fato, suscitar a adesão aos destinatários, instaurando a cenografia que a legítima”¹¹³. Através da seleção da cenografia, o enunciador manifesta sua alternativa pelo código linguístico, bem como pelo *ethos* discursivo adequado àquele universo.

Em síntese, as cenas de enunciação, no pensamento de Dominique Maingueneau, figuram como uma espécie de eixo pelo qual determinados instrumentos analíticos se arranjam. Com efeito, as cenas de enunciação representam, concomitantemente, a atualização de um já dito como também a legitimação do elemento que o funda e/ou o atualiza. Na lógica do pensamento da Análise do Discurso Francesa, sobretudo na perspectiva de Dominique Maingueneau, todo discurso intenciona convencer, visando o reconhecimento da cena de enunciação por ele imposto, de modo que, por intermédio dele, ela se legitima. Essa é a razão pela qual o já dito e o dizer se amparam mutuamente.

Esse paradoxo constitutivo pavimenta caminhos de análise, pois abre espaço para abordagens que envolvem, por exemplo, dados incomuns, por assim dizer, na Análise do Discurso. Em decorrência disso, é possível estabelecer debates epistemológicos sobre o estudo da linguagem inerentes ao estatuto dos sujeitos, isto é, dos co-enunciadores que estão instituídos

¹¹²A noção de *ethos* desenvolvida por Dominique Maingueneau se inscreve no âmbito da Análise do Discurso, afastando-se do pensamento aristotélico. Aqui, o conceito de *ethos* supera o domínio da argumentação, porque o *ethos* discursivo permite uma reflexão sobre o processo mais amplo de adesão dos sujeitos em relação a um determinado discurso. Para Dominique Maingueneau, a noção de *ethos* envolve não apenas a dimensão verbal, mas inclui o conjunto de determinações físicas e psíquicas associadas ao fiador por meio das representações coletivas comumente estereotípicas. Nesse sentido, *ethos*, na ótica da Análise do Discurso Francesa, tem caráter e corporalidade, que podem variar segundo os discursos. *Ethos*, portanto, aponta para um modo de se mover no espaço social. Para mais informações sobre esse conceito, consulte: MAINGUENEAU, Dominique. A propósito do *ethos*. In: MOTTA, Ana R.; SALGADO, Luciana. (orgs.). *Ethos discursivo*. São Paulo: Contexto, 2008b. p. 11-29.

¹¹³ MAINGUENEAU, 2015, p. 123.

no discurso e os aspectos que tangenciam as relações entre material linguístico e extralinguístico, contemplando, de modo consequente, o emaranhado da tessitura do interdiscurso.¹¹⁴

Como prometido acima, é importante retomar e esclarecer melhor o conceito de ethos discursivo à luz do pensamento desse analista francês. Para esse autor, a partir desse conceito, a subjetividade se materializa no discurso, de modo que ela acaba sendo concebida como uma voz indissociável ao corpo que enuncia. Aqui, a noção de tom emerge como uma voz específica do texto escrito e oral.

O texto escrito possui uma vocalidade capaz de se manifestar em inúmeros tons, vinculados a um fiador, elaborado pelo destinatário pelos indicadores que a enunciação emana. Em sua relação com a ideia de tom, a incorporação aponta para a mescla que acontece entre uma formação discursiva e o ethos, por meio do ato de enunciar. A incorporação solicita a imbricação do discurso e sua maneira de enunciação – uma forma de dizer específica em um determinado discurso. Nesse sentido, a voz representa um dos planos que compõem a discursividade, de modo que a forma de enunciação segue as mesmas restrições semânticas que envolvem o conteúdo do discurso.

A proposta de Dominique Maingueneau acerca do ethos discursivo pode ser sintetizada nas seguintes palavras:

A problemática do ethos pede que não se reduza a interpretação dos enunciados a uma simples decodificação; alguma coisa da ordem da experiência sensível se põe na comunicação verbal. As 'ideias' suscitam a adesão por meio de uma maneira de dizer que é também uma maneira de ser. Apanhado num ethos envolvente e invisível, o co-enunciador faz mais que decifrar conteúdos: ele participa do mundo configurado pela enunciação, ele acede a uma identidade de algum modo encarnada, permitindo ele próprio que um fiador encarne. O poder de persuasão de um discurso deve-se, em parte, ao fato de ele constranger o destinatário a se identificar com o movimento de um corpo, seja ele esquemático ou investido de valores historicamente especificados.¹¹⁵

¹¹⁴ De acordo com Dominique Maingueneau, o interdiscurso representa um conjunto que está numa relação discursiva entre si, tripartido em: universo discursivo, campo discursivo e espaço discursivo. O primeiro é heterogêneo e com formações discursivas que estão numa constante interação em uma conjuntura determinada. O campo discursivo aponta para o conjunto de formações discursivas que concorrem e que se delimitam em uma região do universo discursivo. O espaço discursivo se trata do subconjunto do campo discursivo, que conecta minimamente duas formações discursivas, que também estão numa relação e são essenciais para a compreensão dos discursos. Logo, o conceito de interdiscurso abre espaço para relacionar a memória coletiva a partir da análise de diversos textos, por exemplo, documentos, canções, entre outros, pois ele permite que o dizer já dito ganhe sentido nas palavras humanas. Saiba mais em: MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em Análise do Discurso*. Campinas: Pontes, 1989. p. 61-67.

¹¹⁵ MAINGUENEAU, 2008b, p. 29.

Diante disso, compreende-se que o co-enunciador não somente tem potencial para decodificar os enunciados, mas, além disso, acaba aderindo a uma identidade, porque, ao incorporá-lo, o enunciador não se restringe à projeção de um estereótipo qualquer. Pelo contrário, ele articula a partir dos estereótipos para definir um ethos singular, que só pode ser apreendido a partir da leitura do texto, com uma entrada paulatina no universo que ele configura.

Para Dominique Maingueneau, o gênero discursivo representa uma vertente tipológica formal do modo de enunciação. Ou seja, trata-se apenas da contrapartida do tom, ou melhor, uma voz imaginada e fictícia que materializa um corpo, mesmo que o discurso se manifeste de forma escrita. Os elementos textuais de um gênero se conectam às condições da enunciação, que tomam impulso no estatuto do enunciador rumo ao ethos. Com isso, a proposta desse pensador consiste em observar a forma que o enunciador elabora a cenografia de sua autoridade enunciativa, bem como o modo como ele determina, não apenas para si, mas, também, para seus destinatários, os lugares em que a enunciação exige para se legitimar. Nesse sentido, o gênero discursivo pode ser tomado como uma cena genérica com potencial para definir seus papéis, porém, sempre associada a uma instituição discursiva.¹¹⁶

Com base nas ideias de Dominique Maingueneau, cada gênero pressupõe um tipo específico de contrato, exatamente através do ritual que define. Isso explica o fato, por exemplo, de as pessoas não poderem dizer o que, na verdade, gostariam, em qualquer lugar ou para qualquer pessoa, porque tal prática pressupõe um contrato. Para esse autor, o gênero emerge no momento em que diversos textos se submetem a um conjunto de coerções comuns, de modo que acaba definindo as condições de utilização dos textos que dele desdobram. Dito de outra maneira: “o fato de um poema ser destinado a ser cantado, acompanhado por um instrumento de certo tipo [...] tem uma incidência radical sobre seu tamanho, seu recorte em estrofes, suas recorrências, etc.”¹¹⁷.

Na esteira das contribuições de Dominique Maingueneau, a identidade discursiva do que será tratado nestas linhas como gênero do discurso circular pode resultar da conjugação entre a capacidade de articular a produção literária com suas condições de produção. Isso equivale a dizer que o conceito de cena enunciativa pode apontar para um ethos discursivo que se constitui nos documentos oficiais e circulares emitidos pela Igreja Assembleia de Deus no

¹¹⁶ MAINGUENEAU, 2008a, p. 90.

¹¹⁷ MAINGUENEAU, 2008a, p. 134.

Brasil, como o Manifesto da CGADB, publicado em abril de 2021, objeto de estudo nesta pesquisa.

No âmbito desta pesquisa, o Manifesto da CGADB será tratado como gênero do discurso circular que, em sua lógica, mantém coerência em um determinado contexto – religioso – e emerge como um reflexo das condições externas do locutor, ou seja, ele tem a capacidade de interagir com fiéis das Igrejas Assembleias de Deus, mesmo que de forma escrita. Nesse sentido, o Manifesto é dinâmico, pois, desenvolve-se no decorrer do tempo e confere coerência e sentido à vida dessas pessoas, bem como é um documento oficial contextualizado em um ambiente cultural específico e, por isso, tem potencial para construir estruturas sociais com um grupo de fiéis, por exemplo. Mas, segundo o pensamento de Dominique Maingueneau, é exatamente na instância do discurso desse documento – circular – que o ethos pode se manifestar.

Em síntese, o Manifesto expedido pela CGADB, em 2021, vincula-se à esfera administrativa das Igrejas Assembleias de Deus no Brasil e, por isso, tem força normativa, podendo, assim, ser caracterizado como um texto oficial. No entrecruzamento dos dados que fornece – o que ainda será melhor esboçado nesta pesquisa –, pode-se conceber um gênero cuja cenografia se inclina mais para uma rigidez ou estabilizada, diante das relações de poder aí pressupostas e são confirmadas em virtude de seu caráter administrativo da CGADB. No entanto, em uma análise mais acurada, o Manifesto alude uma interação proximal, em que o enunciador não mantém a imagem de poder que pode distanciá-lo do co-enunciador, mas parece propor a captura da adesão dos sujeitos, das pessoas fiéis das Assembleias de Deus no Brasil, impedindo, assim, alguma reação contrária às suas determinações. Ou seja, uma espécie de investimento em um comportamento esperado por sujeitos determinados.

Isso remete ao pensamento de Dominique Maingueneau, quando considera que, no exemplo acima, a relação que se estabeleceria entre a cena genérica e a cena englobante seria a partir das coerções que abrangem as exigências de um campo de atividade numa conjuntura específica. Ou seja, em graus diversos de manifestação, de modo que o plano cenográfico estaria presente, uma vez que os deslocamentos, no processo de constituição do gênero, estão numa relação intercambiável com a enunciação que se desenvolve no ato e confirma uma realidade específica, que é gestada e amparada pelo discurso.¹¹⁸

Nesse sentido, o Manifesto emitido pela CGADB, em 2021, enquadrado na lógica do gênero do discurso circular, sinaliza para o caráter oficial e tem feição de ordenação. Nesse

¹¹⁸ MAINGUENEAU, 2008a, p. 138-139.

sentido, sua produção e circulação estão envolvidas às rotinas e às regularidades que emergem do âmbito da CGADB. Não se limita apenas a uma relação que envolve um aparato linguístico ou uma situação de enunciação, mas abarca a relação entre a língua, a circunstância enunciativa e as práticas relativas a essa esfera. Nesse caso, o reconhecimento do gênero, bem como as ações realizadas pelo co-enunciador, perpassa pela interação que ocorre com todos esses fatores. Com efeito, o Manifesto da CGADB pode assumir a posição de um fato social, ou melhor, algo que as pessoas – os fiéis das Igrejas Assembleias de Deus – assumem como real e consideram à luz da realidade social. Diante disso, os traços de regularidade desse documento tornam-se fundamentais para as práticas nele pressupostas.¹¹⁹

Com base no referencial teórico aqui delineado, espera-se reafirmar que os gêneros do discurso podem atuar com a função de estabelecer o projeto de dizer para a manutenção do status quo em virtude de distintas instâncias envolvidas em sua produção, funcionamento e articulação. Ou seja, os gêneros do discurso equivalem, em certo sentido, a um investimento na subjetividade. Eles se estruturam em tempo e no espaço específicos, atrelando-se a esferas de atividades fixadas em diversos elementos. Enquanto uma produção da linguagem, o gênero é amparado por uma comunidade e tem feições pragmáticas. Por isso, ele age na vida dos seres humanos, moldando e orientando suas ações. Portanto, a linguagem é, nesse sentido, produtora de realidades e de subjetividades. As subjetivações são gestadas a partir de um trabalho e se configuram a partir de práticas coletivas, no sentido de práticas realizadas na intersecção entre signos e os elementos da realidade. Ou seja, os processos de subjetivação baseiam-se, na prática, em sentidos, centrados, simultaneamente – no funcionamento e na imbricação – de agentes individuais e coletivos.¹²⁰

No próximo capítulo, apresentam-se as propostas práticas e profissionais desta pesquisa. Isso será realizado a partir da noção de cena genérica e do ethos discursivo envolvendo a Hermenêutica Pentecostal no contexto das Igrejas Assembleias de Deus no Brasil.

¹¹⁹ BAZERMAN, Charles. *Gêneros textuais: tipificação e interação*. Recife: Pipa Comunicação, 2020. p. 52-57.

¹²⁰ SANT'ANA, Gabriel; JARDIM, Tatiana. Cenografia do cinismo: ditos e não ditos de uma circular da Secretaria do Estado de Educação do Rio de Janeiro. In: ROCHA, Décio; DEUSDARÁ, Bruno; ARANTES, Poliana; PESSÓA, Morgana. *Pesquisar com gêneros discursivos: interrogando práticas de formação docente*. Rio de Janeiro: Cartolina, 2020. p. 172-190.

3 PROPOSTAS PRÁTICAS A PARTIR DA CENA DE GENÉRICA E DO ETHOS DISCURSIVO SOBRE A HERMENÊUTICA PENTECOSTAL NO ÂMBITO DAS ASSEMBLEIA DE DEUS NO BRASIL

Neste último capítulo, apresenta-se a proposta profissional da pesquisa. Trata-se de uma proposta prática que envolve a ação pastoral no âmbito das Igrejas Assembleias de Deus no Brasil. Neste capítulo, analisam-se os dados obtidos por meio do questionário aplicado e respondido pelo público-alvo da pesquisa, constituído pelos pastores assembleianos do Município de Mantena, em Minas Gerais. Mas, para atender o caráter profissional da pesquisa, sugere-se a realização de três palestras, com o objetivo ulterior de compreender os aspectos pouco explorados em torno do Manifesto da CGADB de 2021 e suas concepções sobre a Hermenêutica Pentecostal. Isso será feito a partir das contribuições do referencial teórico da pesquisa, que está estruturado nas contribuições da Análise do Discurso Francesa, sobretudo à luz do pensamento de Dominique Maingueneau.

3.1 A cena genérica no Manifesto Assembleiano.

Nesta etapa, o autor propõe algumas propostas práticas a partir da Cena Genérica e do Ethos Discursivo, conceitos desenvolvidos por Dominique Maingueneau e que serviram como um farol para nortear todo o percurso nesse trabalho. Tais propostas foram elaboradas em forma de um curso que tem como público-alvo os pastores das Igrejas Assembleias de Deus de Mantena, em Minas Gerais.

O motivo de apresentar presencialmente a esse grupo é devido os mesmos terem participado de uma palestra com o Dr. Kenner Terra sobre a Hermenêutica Pentecostal e do questionário elaborado pelo autor sobre essa temática, e, posteriormente, para todos quanto tiverem interesse.

Nesse sentido, após ter sido aplicado questionário direcionado aos pastores que participaram do curso "Hermenêutica Pentecostal" ministrado pelo professor Kenner Terra, desencadeou um exame profundamente esclarecedor sobre essa temática. Os resultados da análise qualitativa dos dados revelaram uma predominante proficiência entre os participantes no que tange ao manifesto emanado pela CGADB, delineando o campo da hermenêutica pentecostal. As vias de acesso divergentes a este documento emergiram como um traço notório, com o destaque ressonante voltado às vias alternativas de disseminação.

Esse curso será apresentado em três etapas de 1 hora cada, e será disponibilizado o material em questão com as seguintes temáticas: Título: Cena Genérica e Ethos Discursivo no Manifesto sobre a Hermenêutica Pentecostal no âmbito das Assembleias de Deus no Brasil. As sessões abordaram sobre Cena genérica no Manifesto Assembleiano, os interdiscursos da hermenêutica pentecostal no Manifesto da CGADB sobre Hermenêutica Pentecostal e o ethos discursivo na hermenêutica pentecostal.

Inicialmente, é importante perceber que a cena genérica emerge através dos gêneros de discurso particulares, no qual se busca apresentar como relacionar o texto de documentos como o Manifesto da CGADB aos quadros que sobrepõe a textualidade. Dominique Maingueneau, com sua abordagem perspicaz sobre as cenas de enunciação, lança luz sobre o papel crucial desempenhado pela análise do discurso, pois não apenas compreende o conteúdo epistemológico presente em um texto, mas também oferece instrumentos para abordar fenômenos linguísticos neles descritos.

A análise do discurso tornou-se um campo de pesquisa fortemente ativo e capaz de agrupar as mais diversas correntes em todo o mundo. Nesse contexto, a noção de cena de enunciação assume a responsabilidade de elucidar os fundamentos da interação que ocorre entre a cena englobante, a cena genérica e a cenografia. Por isso, propõe-se inicialmente a identificação desses conceitos, que se interagem e perpassam no texto, e que metaforicamente apresentam determinadas cenas de enunciação de um gênero discursivo.

A perspectiva de Dominique Maingueneau ressalta que as questões relacionadas à cena englobante abordaram um tipo de discurso, como consequência de um recorte de um setor específico do convívio social. A cena genérica, por sua vez, é definida pelos vários gêneros de discurso particulares, e a cena cenográfica é aquela instituída pelo próprio discurso. Nessa perspectiva, a cena de enunciação transcende a mera leitura de um texto documental de cunho religioso, englobando a aplicação desses conceitos para a identificação do tipo de enunciador e seu enunciado.

A abordagem do Manifesto da CGADB de abril de 2021 reforça que a noção de cena genérica, que se associa a um gênero ou a um subgênero de discurso, com, por exemplo: o sermão, o editorial, a consulta médica e a técnica. Pretende-se demonstrar as normas possíveis encontradas por meio dessa cena, a fim de os tipos de gêneros a ela associados, tais como: sua (s) finalidade (s), os papéis para os parceiros, um lugar apropriado para o seu sucesso, um modo de inscrição na temporalidade, uma composição e um uso específico de recursos linguísticos.

Dentro desse escopo, é notável que a cena genérica no pensamento se configura como uma ponte essencial para a compreensão entre os discursos religiosos e as realidades do mundo tangível. Maingueneau, ao analisar as estruturas de poder e os mecanismos de legitimação presentes no campo religioso, provê uma perspectiva que transcende a mera observação passiva. Essa noção a partir da cena genérica, permite-nos primeiramente: fazer uma releitura desse manifesto no tocante ao discurso constituinte nele presente e as fronteiras produzidas por ele aos líderes e praticantes da Hermenêutica Pentecostal.

Em segundo lugar, analisamos os tipos de gêneros associados à cena genérica, como prometemos acima. O autor analisa nesse documento qual é a sua finalidade, os papéis para os parceiros, um lugar apropriado para o seu sucesso, um modo de inscrição na temporalidade, uma composição e um uso específico de recursos linguísticos. Tais observações auxiliam compreender melhor o discurso assembleiano, representado pelos órgãos institucionais da CGADB.

Em suma, o autor discorre sobre as principais características da generalidade presentes no quadro cênico do texto do manifesto da CGADB, de abril de 2021. Elas podem ser observadas abaixo:

- a) argumento de autoridade, pois, os locutores são apresentados como representantes do Conselho de Doutrina e da Comissão de Apologética da CGADB, pois, na introdução do texto, demonstrando que estão investidos de um determinado tipo de poder eclesiástico;
- b) marcas de coloquialidade, pois, identifica-se o tipo de público a quem se destina esse manifesto, ou seja, ao meio assembleiano, sobretudo, aos pastores, enfatizando o motivo pelo qual não se utilizou rigor acadêmico;
- c) explicações sobre o conceito de hermenêutica pentecostal, nas três partes em que o texto é dividido, sob a perspectiva das CGADB, porém, cabe salientar que no interdiscurso, é possível perceber que tais definições não representam todos os teólogos ou crentes pentecostais;
- d) ponderação na explicação de certos termos, tais como: o significado da expressão hermenêutica pentecostal, no primeiro parágrafo da primeira parte do manifesto;
- e) inclusão do leitor no discurso, utilizando o pronome “nós” referindo-se aos pentecostais, no primeiro e terceiro parágrafos, trazendo a ideia de que todos pensam assim, ou deveriam pensar assim;

- f) ponto de vista do enunciador, ou seja, das comissões representantes da CGADB, que manifestam um tipo de discurso, usando expressões tais como: “Para as Assembleias de Deus e o Movimento Pentecostal como um todo,” ou também, “nossa hermenêutica”, promovendo uma ideia de familiaridade e proximidade com o leitor;
- g) papéis para parceiros, pois, são apresentadas algumas normas no último parágrafo da forma como a hermenêutica pentecostal é compreendida no meio assembleiano, de acordo com essa Convenção.

Em paralelo a essa abordagem, emerge a perspectiva da Hermenêutica Pentecostal, que adentra o cenário com uma lente interpretativa singular, enriquecendo ainda mais a resolução de problemas dentro do contexto religioso. A Hermenêutica Pentecostal, enquanto método de interpretação bíblica, baseia-se na crença de que as Escrituras devem ser entendidas à luz da experiência espiritual direta e da ação do Espírito Santo. Isso adiciona o ethos discursivo, uma vez que encoraja os praticantes a se engajarem em uma leitura das Escrituras que dialoga intimamente com suas vivências e desafios contemporâneos.

Ao aplicar a Hermenêutica Pentecostal em conjunto com a análise da cena de enunciação, abre-se uma abordagem poderosa para a resolução de problemas. Essa união permite que as comunidades religiosas identifiquem não apenas as dinâmicas de poder e as estruturas sociais que influenciam seus desafios, mas também fomentam uma compreensão mais profunda das Escrituras, enraizada na experiência pessoal. A interação entre esses dois enfoques estimula uma interpretação rica e contextualizada das narrativas bíblicas, permitindo que os princípios espirituais se apliquem de maneira mais pertinente e eficaz às questões do mundo real.

O Manifesto Pentecostal, por sua vez, emerge como uma expressão palpável dessas perspectivas entrelaçadas. Como um documento que encapsula os princípios fundamentais do pentecostalismo, o Manifesto serve como uma orientação para os crentes ao redor do mundo. Ao adotar a análise do discurso de vertente francesa e a abordagem hermenêutica pentecostal, o Manifesto se torna mais do que um mero conjunto de princípios – ele se torna uma ferramenta dinâmica para abordar os desafios contemporâneos enfrentados pelas comunidades pentecostais, no que respeita ao tipo de cena de enunciação inserida nos textos publicados pela CGADB.

Por isso, na próxima seção, analisa-se os interdiscursos da Hermenêutica Pentecostal em relação ao Manifesto da CGADB.

3.2 Os interdiscursos da Hermenêutica Pentecostal no Manifesto da CGADB sobre Hermenêutica Pentecostal

Introduz-se o pressuposto de que no Manifesto da CGADB que trata sobre a Hermenêutica Pentecostal, publicado no Jornal Mensageiro da Paz em 2021, está atravessado por interdiscursos. Assim sendo, a pesquisa utiliza o conceito de interdiscurso, que, conforme o pensamento de Dominique Maingueneau, equivale a um espaço discursivo, possui várias nomenclaturas, por exemplo, o dialogismo, heterogeneidade, intertextualidade, entre outras. Tais interdiscursos só podem ser percebidos se houver uma pesquisa acurada sobre outros discursos que abordam essa temática de forma mais pormenorizada.

Como já mencionado anteriormente, Dominique Maingueneau, valendo-se do conceito de interdiscurso, faz a sua abordagem, ressaltando a necessidade premente de conduzir uma análise que desenvolva essa articulação contraditória das formações discursivas e sua relação às formações ideológicas antagônicas. O conceito de interdiscurso em Dominique Maingueneau tem um caráter mais operacional e mais produtivo, exatamente pelo fato de que sua operacionalidade se origina, antes de tudo, na fértil divisão entre as três categorias hierarquicamente estabelecidas, a saber: o universo discursivo, o campo discursivo e o espaço discursivo.

Para esse pensador, o universo discursivo representa o conjunto de formações discursivas de variados tipos, de modo que elas estão numa relação de constante interação em uma conjuntura determinada. Nesse caso, para se manter em uma ótica materialista, o universo do discurso não pode ser tratado como uma coisa infinita, porque seu caráter finito pressupõe que não se possa falar sobre qualquer coisa em qualquer momento acerca de qualquer assunto. O universo discursivo é um objeto de investigação inerente à Análise do Discurso, pois se trata de um aspecto teórico que emerge de considerações materialistas sobre o discurso.

O campo discursivo, segundo Dominique Maingueneau, envolve um conjunto de formações discursivas em uma constante disputa, de modo que elas se delimitam mutuamente em um espaço determinado pelo universo discursivo. Na verdade, há uma diversidade de relações não determinadas de modo prioritário e, nesse sentido, o campo discursivo pode ser envolvido por formações discursivas que têm a mesma função social, porém, divergentes no que tange ao modo como se articulam. Um bom exemplo disso seria o discurso bolsonarista brasileiro – discurso progressista. Logo, a noção de campo discursivo torna-se imprescindível,

porque se trata de uma abstração que relaciona e articula formações discursivas distintas notadas na materialidade discursiva.

O espaço discursivo, por sua vez, representa os subconjuntos constituídos pelas formações discursivas que o avalia e, em face de seu propósito, considera importante pôr em relação. Nesse caso, qualquer delimitação de ordem prática para a realização de uma pesquisa, visando a compreensão de relações relevantes e/ou hierárquicas, entre discursos praticados por enunciadores e as formações discursivas que lhe deram uma possibilidade em um mesmo campo.

Trata-se, nesse caso de uma tarefa específica, que consiste em delimitar um espaço discursivo, isto é, os enunciados que se referem às formações discursivas que mantêm relações intercambiáveis com o Manifesto emitido pela CGADB – objeto analisado na pesquisa –, no interior de um campo discursivo específico. Ou seja, em um campo em que tal objeto é atravessado por disputas por formações discursivas distintas relativas a um universo discursivo eivado de múltiplos temas que se articulam em uma conjuntura determinada que identifica, tal objeto.

Mas, a relação que constitui o espaço discursivo se caracteriza apenas por pequenos indícios na superfície discursiva e, por isso, é necessário realizar uma análise semântica do discurso que insere os discursos citados e rejeitados pelo mesmo como o outro do discurso. De acordo com Dominique Maingueneau:

Reconhecer este tipo de primado do interdiscurso é incitar a construir um sistema no qual a definição da rede semântica que circunscreve a especificidade de um discurso coincide com a definição das relações desse discurso com seu Outro. No nível das condições de possibilidade semânticas, haveria, pois, apenas um espaço de trocas e jamais de identidade fechada.¹²¹

Segundo Dominique Maingueneau, é exatamente a identidade fechada que pode traduzir o interdiscurso em uma perspectiva teórica em que a formação discursiva é compreendida como um recurso discursivo, ou máquina discursiva, como *locus* de relações intradiscursos já enclausurados em si. Todavia, o outro discurso, isto é, o lugar do interdiscurso, não pode ser localizado no espaço discursivo, em outras palavras, não pode ser isolado em uma citação ou no instante de ruptura da coerência do discurso. Dito de outra maneira:

¹²¹ MAINGUENEAU, 2008b, p. 35-36.

Ele se encontra na raiz de um mesmo sempre já descentrado em relação a si próprio, que não é em momento algum passível de ser considerado sob a figura de uma plenitude autônoma.¹²²

Nesse sentido, o outro está em um mesmo que não representa uma unidade encerrada, diferente de uma autenticidade constitutiva, isto é, não pode ser tratado como uma individualidade estabelecida.

No pensamento de Dominique Maingueneau, o outro somente existe no mesmo descentrado. Logo, em sua concepção de sujeito, o outro emerge como o exterior daquilo que é interiorizado para novamente ser exteriorizado. Em uma perspectiva sociológica, emerge na forma de estruturas externas internalizadas em uma plataforma cognitiva que modela um sistema de disposições duráveis.

Pelo fato de não ser fechado em uma formação discursiva, bem como por não estar isolado em si, não possui uma identidade autônoma e não pode garantir a identificação do sujeito na formação discursiva, nem que um gesto de leitura ou interpretação determinado seja adequado para dar conta do significado de um discurso. Mas, o caráter dialógico introduz a premência de observar o outro que disponibiliza o material incipiente que pode ensejar a produção discursiva do enunciador.

Tal produção pode ser tratada como uma resposta, mesmo que não seja assim caracterizada no ato da enunciação. Nas palavras de Dominique Maingueneau “disso decorre o caráter essencialmente dialógico de todo enunciado do discurso, a impossibilidade de dissociar a interação dos discursos do funcionamento intradiscursivo”¹²³.

De acordo com Sírio Possenti, “o outro é o que falta sistematicamente a um discurso, é aquela parte de sentido que foi necessário que o discurso sacrificasse para constituir sua identidade”¹²⁴. Com efeito, a presença do outro envolve a rejeição do todo que faz do mesmo ser: finito e, nesse caso, presente na realidade material, é definido pela sua exterioridade, porém, enquanto manifestação do exterior no próprio interior. De modo consequente, o espaço discursivo pode ser considerado a partir de um modelo diacrônico e dissimétrico, capaz de compreender a constituição de um determinado discurso, permitindo compreender o mesmo. Mas também pode ser apreendido a partir de um modelo simétrico e sincrônico, que possibilita a compreensão das interações conflituosas entre um discurso e o outro.

¹²² MAINGUENEAU, 2008b, p. 37.

¹²³ MAINGUENEAU, 2008b, p. 37.

¹²⁴ POSSENTI, Sírio. Observações sobre interdiscurso. In: ENCONTRO DO CELSUL, V, 2003, Curitiba. *Anais...* Curitiba: CELSUL, 2003. p. 140-148. [pdf.]. p. 145.

Dessa maneira, o primado do interdiscurso é reafirmado por Dominique Maingueneau a partir do reconhecimento de que existe o outro, que emerge como parte constituinte do caráter dialógico de qualquer enunciado do discurso, que ocorre na forma de uma resposta a algo que fora dito anteriormente. Assim, será tratada a análise do Manifesto da CGADB de 2021.

Mas, antes disso, ao situar as Ciências das Religiões dentro da prática pastoral, Agenor Brighenti destaca a significância de compreender como as estruturas de poder podem influenciar as tomadas de decisão e as ações pastorais. Agenor Brighenti também explora como a análise sociológica pode proporcionar *insights* valiosos sobre as dinâmicas internas das congregações, possibilitando aos pastores uma abordagem consciente e estratégica na resolução de conflitos e na elaboração de decisões.

O autor também enfatiza a pertinência da Hermenêutica Pentecostal como uma lente interpretativa que conecta as Escrituras às experiências contemporâneas. Ele argumenta que essa abordagem hermenêutica enriquece a compreensão das Escrituras, permitindo aos pastores oferecer orientações contextualizadas e relevantes para suas congregações.

Vale ainda destacar a ação pastoral como práxis transformadora, que, de acordo com Wallace da Paixão, pode “ser desenvolvida em comunidades eclesiais orgânicas”¹²⁵, de modo que, para Agenor Brighenti, representa uma ação refletida, ou seja, não simplesmente prática no contraponto da teoria, e sim uma ação que deve ser pensada analiticamente antes, durante e após sua efetivação.¹²⁶ As contribuições de Agenor Brighenti ajudam a situar a ação pastoral na interface com os dilemas sociais, políticos, econômicos e culturais na sociedade contemporânea, marcada pela injustiça social.¹²⁷ A ação pastoral como práxis transformadora exige mediações interdisciplinares, pavimentando caminhos, por exemplo, para as abordagens que serão tratadas nas palestras sugeridas na próxima seção, pois são palestras de caráter teológico e/ou religioso, eivada pelos conteúdos da teologia das Igrejas Assembleias de Deus, porém, em uma articulação profunda com os professores acadêmicos que poderão contribuir com uma boa teoria para empreender propostas práticas a partir da Hermenêutica Pentecostal.

Há um elemento orgânico subjacente à proposta de Agenor Brighenti essencial para a reflexão em torno da Hermenêutica Pentecostal que não a desvincula da experiência com o Espírito Santo. Trata-se do desenvolvimento de uma consciência crítica e o desenvolvimento de um papel por parte dos sujeitos pentecostais como agentes da transformação no mundo, a

¹²⁵ PAIXÃO, Wallace S. A invenção de uma comunidade eclesial orgânica: ação pastoral e teólogas e teólogos como intelectuais orgânicos. *Revista Unitas*, Vitória, v. 11, n. 1, p. 81-99, 2023. p. 83.

¹²⁶ BRIGHENTI, Agenor. Ciência da Religião aplicada à ação pastoral. In: PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank (org.). *Compêndio de Ciência da Religião*. São Paulo: Paulinas; Paulus, 2013. p. 666.

¹²⁷ BRIGHENTI, 2013, p. 666.

partir da ação pastoral como práxis transformadora. Esse elemento é essencial para o ciclo de palestras que será proposto na próxima seção, porque intui a construção de uma comunidade inclusiva para o desenvolvimento de uma ação pastoral para além dos limites do conhecimento doutrinário das Igrejas Assembleias de Deus rumo a um pensamento teológico mais engajado iluminado pela realidade contemporânea.¹²⁸

Neste panorama, a percepção coletiva delineou a emergência de uma hermenêutica pentecostal de relevo nas esferas nacionais, revelando-se como um aporte essencial no seio da teologia pentecostal. Contudo, tal entendimento não se revela homogêneo, delineando variações quanto aos métodos empregados para o desenvolvimento desta hermenêutica, o que por sua vez sinaliza um campo de contínuo escrutínio e por essa causa o autor salienta a necessidade de apresentar palestras específicas sobre essa temática.

As orientações pastorais acerca da hermenêutica pentecostal, extraídas dos dados, delinearam uma pluralidade de enfoques, ressaltando a centralidade da oração, a necessidade da dependência permeada pelo influxo do Espírito Santo, e a ênfase na exploração meticulosa das Escrituras Sagradas. O manifesto em análise, invariavelmente, se erige como um esteio fundamental na prevenção de heresias e na condução consciente da comunidade eclesial para uma interpretação alinhada das Escrituras. Esta análise qualitativa fornece perspectivas preciosas quanto à compreensão e perspectiva que os participantes nutrem em relação ao manifesto emitido pela CGADB, assim como à hermenêutica pentecostal no cenário brasileiro.

Em resumo, a Hermenêutica Pentecostal oferece uma abordagem contextualizada para a interpretação das Escrituras. Ao aplicar esses princípios ao Manifesto Pentecostal, os pastores têm o potencial de criar uma abordagem mais informada e sensível para abordar as complexidades do campo religioso, promovendo práticas pastorais mais relevantes e impactantes. Através dessa sinergia, as comunidades religiosas podem florescer de maneira autêntica e dinâmica, mantendo sua relevância e propósito em um mundo em constante evolução.

Aqui a proposta do autor é apresentar um resumo sobre as publicações nacionais, feitas entre o ano de 2013 até a publicação desse Manifesto da CGADB, envolvendo as discussões em comento. De acordo com esse escritor em 2013, a revista *Obreiro Aprovado*, editada pela CPAD, trouxe em sua edição n.62, ano 36, de julho-agosto-setembro, páginas 78 a 84, um artigo de sua autoria intitulado: *Hermenêutica Pentecostal*. Assim, iniciava-se pela primeira vez no

¹²⁸ BRIGHENTI, 2013, p. 666.

meio assembleiano as discussões sobre esse assunto, cujo aspecto principal envolvia a experiência de fé como elemento fundante da Teologia Pentecostal.

Posteriormente, no ano de 2017, a CPAD publicou uma obra, intitulada: Pentecostalismo e Pós-Modernidade, cujo capítulo 12 (págs. 209-280) trata de H P. Em seguida, em 2018, foi editada pela CPAD a obra “Experiência e Hermenêutica Pentecostal”, dos autores David Mesquiati e Kenner Terra. Em 2019, foi publicada pela CPAD sua segunda obra, sob o título de O Espírito e a Palavra, do escritor Gutierrez Siqueira, reunindo diversos textos, visando discutir os fundamentos, características e contribuições da Hermenêutica Pentecostal.

No ano de 2020, Kenner Terra e Gutierrez Siqueira escreveram a obra Autoridade bíblica e experiência no Espírito, lançada pela Thomas Nelson Brasil, mostrando a relevância dessa temática, demonstrando que a H P, não é uma invenção criada por teólogos brasileiros e nem uma heterodoxia latina. Além disso, nesse mesmo ano, Silas Daniel publicou a obra “O batismo no Espírito e as línguas como sua evidência”, onde o mesmo faz várias críticas ao que denomina de métodos hermenêuticos contextuais, sem, contudo, deixarem de usar o método histórico-gramatical.

Portanto, no final de 2020, em sua edição n.91, ano 44, a revista Obreiro Aprovado trouxe como tema de capa “*Glossolalia*”. Além disso, o pastor Ezequias Soares faz referência sobre a expressão Hermenêutica Pentecostal em seu artigo sobre a natureza das línguas. Tal utilização do termo tem uma importância muito grande, pois o presidente da Comissão de Apologética da CGADB sinaliza de forma favorável que temos uma H P. No ano de 2021, publicou-se no mesmo periódico uma edição tratando sobre a H P (ano 44, n.92) e em 2024, o pastor José Gonsalves convergiu no que respeita a independência do material lucano, sem a necessidade de que esse esteja subordinado a teologia paulina, por meio do Livro: O Corpo de Cristo: Origem, Natureza e Vocação da Igreja no Mundo.

3.3 O ethos discursivo na hermenêutica pentecostal

Com base na pesquisa conduzida acerca da hermenêutica pentecostal e sua relação com a prática pastoral nas Igrejas Assembleias de Deus no Brasil, fica evidente a relevância de compreender e analisar criticamente o Manifesto emitido pela CGADB, em 12 de abril de 2021. Diante desse contexto, surge a necessidade premente de explorar as abordagens práticas para lidar com a Hermenêutica Pentecostal na condução da prática pastoral e de fornecer recursos

capazes de auxiliar os pastores a compreenderem o ethos discursivo decorrente desse Manifesto.

Ao levar em consideração os capítulos previamente apresentados, é viável conceber uma série de palestras voltadas para a temática do *Ethos Discursivo e Hermenêutica Pentecostal*, concentrando-se na análise a partir de um plano enunciativo instituído pelo próprio discurso. O propósito destas palestras consiste em enriquecer a compreensão dos pastores das Igrejas Assembleias de Deus a respeito da Hermenêutica Pentecostal, como também consiste em fornecer orientações práticas no intuito de os habilitar para lidarem eficazmente com a cenografia que emerge, simultaneamente, como origem e resultado do discurso.

As palestras aqui propostas serão estruturas em treze blocos com temáticas específicas, a saber: apresentação da fundamentação hermenêutica e análise do Manifesto emitido pela CGADB, no ano de 2021; delineamento conceitual da cenografia e do ethos discursivo; análise do processo de inscrição da cena cenográfica e seus aspectos mais abrangentes; descrição da sistemática carismática e Hermenêutica Pentecostal, com a exposição da doutrina elaborada por César Moisés e Céfora Carvalho; debate sobre a Hermenêutica Pentecostal e as contendas no cenário religioso das Igrejas Assembleias de Deus no Brasil; esboço da implementação pragmática da Hermenêutica Pentecostal no âmbito da ação pastoral à luz de situações concretas; idealização de um curso de Hermenêutica Pentecostal com objetivo de orientar os pastores sobre o tema; aborda os desafios e as perspectivas em torno da práxis hermenêutica pentecostal; apresentar provocações sobre a Hermenêutica Pentecostal e a igualdade de gênero; traçar aspectos sobre a diversidade e incorporação da Hermenêutica Pentecostal na interpretação bíblica; apresentar uma proposta de resgate das narrativas esquecidas sobre a Hermenêutica Pentecostal e grupos marginalizados; fomentar uma perspectiva inclusiva na comunidade religiosa através da prática pastoral; e promoção do diálogo inter-religioso na interface com a Hermenêutica Pentecostal.

Para iniciar o ciclo de palestras propostas, a primeira será intitulada da seguinte maneira: *Fundamentação hermenêutica e análise do Manifesto da CGADB: iniciação aos pilares fundamentais – Hermenêutica Pentecostal e o ethos discursivo*. Através desta primeira palestra, pretende-se explorar e explanar o contexto de produção e emissão do Manifesto publicado pela CGADB, em abril de 2021. Trata-se de um exame com relevância peculiar e metas bem delineadas em relação ao Manifesto, no intuito de aprofundar a abordagem sobre a Hermenêutica Pentecostal.

Compreende-se que, com o domínio das particularidades da Hermenêutica Pentecostal e de sua identidade religiosa, social e cultural, os pastores conhecerão sua idiossincrasia e poderão oferecer uma resposta para o contexto de sua atuação pastoral, não apenas como uma ação eclesial isolada, mas, em especial, como uma reflexão epistemológica acerca dela à luz da realidade social e cultural local.

Em relação à segunda palestra, intitulada: *Conceituação epistemológica de cenografia e ethos discursivo, segundo Dominique Maingueneau* oferece uma identificação sobre a cena teatral preestabelecida, pois, é exatamente no interdiscurso e no decorrer da interação que a legitimação da enunciação é construída. O objetivo dessa palestra consiste em despertar o interesse nos pastores em relação ao desenvolvimento de sua formação acadêmica, preferencialmente vinculada à sua atuação pastoral. Os conceitos oriundos da Análise do Discurso Francesa serão aplicados na palestra com o interesse de ilustrar como uma boa teoria pode iluminar a prática pastoral, desenvolvendo sobretudo uma consciência crítico-reflexiva nos pastores.

A terceira palestra proposta apresenta o seguinte título: *Análise do processo de inscrição da cena cenográfica*. A demonstração dessa análise abarca os seguintes fatores: o enunciador; o co-enunciador; o ethos; o código linguageiro; o lugar – topografia; e a circunstância de enunciação – cronografia. A partir dessa palestra, os pastores saberão que o desenvolvimento da cena cenográfica tem um papel preponderante na forma de expor, de ser de um gênero literário e de sustentar um discurso. Por isso, eles descobrirão que podem, por exemplo, ir ao Manifesto emitido pela CGADB e perguntar pelos locais em que esse texto circula, quem são seus leitores e quais normas normatizam o seu consumo.

Ou seja, através dessa palestra, os pastores terão consciência de que a cena cenográfica estabelece as condições dos sujeitos – enunciador, coenunciador – e de uma topografia linguística, discursiva e de uma cronografia na mesma moldura. A cena cenográfica, nesse sentido, será mostrada como algo dado e imposto por processos de coerção específicos das cenas englobante e genéricas, todavia, como um dado a ser construído para manter as três cenas no conjunto.¹²⁹

A quarta palestra terá o seguinte título: *Sistemática carismática e Hermenêutica Pentecostal: exposição da doutrina sistemática-carismática elaborada por César Moisés e Céfora Carvalho*. Trata-se de uma proposta de dissecação da pneumatologia e dos pressupostos teológicos subjacentes a essa abordagem, promovendo uma conexão entre os princípios

¹²⁹ MAINGUENEAU, 2020, p. 122.

teológicos e a hermenêutica pentecostal delineada pelo Manifesto da CGADB. A partir da perspectiva empreendida por César Moisés Carvalho e sua filha Céfora Carvalho, será possível mostrar para os pastores que a experiência carismática é um elemento constitutivo do texto bíblico, no Antigo e no Novo Testamento, bem como marcou presença no período patristico e momentos distintos no decorrer dos séculos XIX e início do século XX.

Em relação à quinta palestra, cujo título é: *Hermenêutica Pentecostal e contendas no contexto religioso: análise das controvérsias e desacordos que circundam a Hermenêutica Pentecostal no seio das Assembleias de Deus*. Trata-se de uma proposta de aplicação das ferramentas conceituais do interdiscurso para auxiliar no entendimento das dinâmicas desses embates. Espera-se, com esse esforço, oferecer subsídios para ultrapassar a dimensão espiritual para abarcar as demais dimensões da existência humana e das relações sociais, elaborando uma hermenêutica pentecostal em uma perspectiva humanizadora e integradora. Por conseguinte, “quando bem trabalhada, em conjunto com outras áreas do conhecimento, a Teologia pode subsidiar ações efetivas de transformação social para promover a libertação das desumanidades e das condições de dependência”¹³⁰.

A proposta da sexta palestra gira em torno do seguinte tema: *Implementação pragmática da Hermenêutica Pentecostal na ação pastoral: casos concretos que ilustram a aplicabilidade prática da hermenêutica pentecostal no ministério pastoral*. A discussão proposta nesta palestra envolve a relevância da interpretação das escrituras à luz dessa perspectiva hermenêutica. Ou seja, consiste em elucidar e desenvolver sugestões práticas para incorporar a hermenêutica pentecostal na pregação, na orientação e na conduta da liderança pastoral. Trata-se de uma explanação sobre o papel e a relevância da Hermenêutica Pentecostal no mundo, de modo que os pastores participantes reflitam sobre a responsabilidade de interpretar ao texto bíblico em uma perspectiva não reducionista, mas inclusiva, considerando sobretudo a dinâmica e o processo de retroalimentação em torno do binômio teoria-prática.

A sétima palestra foi intitulada: *Idealização de um curso de Hermenêutica Pentecostal para orientação pastoral: proposta de um curso voltado ao aprofundamento na hermenêutica pentecostal*. A apresentação da estrutura do curso, incluindo seus tópicos programáticos e abordagens metodológicas, conferem realce à importância de englobar diversas perspectivas, incluindo de teólogas pentecostais e pesquisadoras vinculadas à Rede Latino-Americana de Estudos Pentecostais (RELEP). Por outro lado, demonstrando que “cuidar não é uma

¹³⁰ SANCHES, Elissa G. F.; SANCHES, Regina F. Um diálogo com a Literatura: aproximações a uma análise teológico-filosófica do romance “Um conto de Natal” de Charles Dickens. *Revista Azusa*, Joinville, v. 6, n. 1, p. 171-188, 2015. p. 173.

prerrogativa da religião, não se encerra no serviço pastoral de determinada denominação, não se constitui privilégio consequente de se pertencer a determinada hierarquia eclesiástica¹³¹”.

A oitava palestra receberá o seguinte título: *Desafios e perspectivas na prática da Hermenêutica Pentecostal: abordagem sobre os desafios práticos que permeiam a adoção da hermenêutica pentecostal nas atividades pastorais*. Essa proposta consiste em uma exploração das oportunidades e das vantagens desencadeadas por esta abordagem para o ministério eclesiástico. Trata-se de uma reflexão sobre a relevância da colaboração entre os líderes religiosos, os teólogos e os pesquisadores para aprofundar o entendimento e a aplicação da hermenêutica pentecostal.

A nona palestra é a seguinte: *Hermenêutica Pentecostal e igualdade de gênero na prática pastoral: análise do papel das mulheres no exercício do ministério e liderança nas Assembleias de Deus*. O objetivo desta palestra consiste em conscientizar os pastores das Igrejas Assembleias de Deus no Brasil acerca da participação feminina nos cenários de decisão eclesial como um instrumento para efetivação do reconhecimento da igualdade de gênero em detrimento da discriminação entre homens e mulheres. Avaliação da Hermenêutica Pentecostal em relação à inclusão e à capacitação das mulheres será o impulso inicial dessa discussão, que culminará em sugestões para o desenvolvimento de abordagens práticas para fomentar a igualdade de gênero na prática pastoral e no processo de leitura e interpretação do texto bíblico.

A décima palestra aborda sobre a *Diversidade e incorporação da Hermenêutica Pentecostal na interpretação bíblica*. Aqui, considera-se sobretudo a relevância da diversidade no processo de interpretação dos textos bíblicos. Inicia-se com um exame acerca do potencial da Hermenêutica Pentecostal a partir do conhecimento de suas fases históricas, com o intuito de propiciar uma abordagem que compreenda o pentecostalismo além das fronteiras assembleianas. A palestra é importante para a apresentação de sugestões práticas para entrelaçar as perspectivas multifacetadas na pregação, na instrução e na orientação pastoral.

A décima primeira palestra recebe o seguinte título: *Restauração de narrativas esquecidas: Hermenêutica Pentecostal e grupos marginalizados*. Compreende-se que a análise das narrativas bíblicas, envolvendo especialmente as personagens marginalizadas, tem grandes implicações para a Hermenêutica Pentecostal. Ou seja, parte-se do pressuposto de que a exposição sobre como essas narrativas podem ser mobilizadas ajudará no processo de abordagem de questões que envolvem, por exemplo, a justiça social e a inclusão. Será neste

¹³¹ ROCHA, Abdruschin S.; ULRICH, Claudete B. Pathos e cuidado: Dorothy Mae Stang e o cuidado como afetação. *Revista Reflexus*, v. 13, n. 21, p. 37-64, 2019. p. 41.

momento em que serão sugeridas diversas maneiras de introduzir essas narrativas em sermões e estudos bíblicos, no intuito de promover uma interpretação bíblica mais inclusiva.

A décima segunda palestra possui o seguinte título: *Fomentando uma comunidade inclusiva por meio da atuação pastoral*. Neste momento, serão expostos os princípios e as diretrizes que visam edificar uma comunidade inclusiva e acolhedora no contexto das Igrejas Assembleias de Deus no Brasil. O cerne desta reflexão articula os modos como a Hermenêutica Pentecostal pode contribuir para criar ambientes em que as pessoas se sintam acolhidas e valorizadas. Considera-se que uma comunidade pentecostal inclusiva, por assim dizer, está em uma constante busca por respostas específicas, à luz da experiência e da interpretação do texto bíblico, para os aspectos relacionados à vida humana. Por isso, nesta palestra, são propostas sugestões práticas para elaborar programas e iniciativas capazes de incentivar e promover a inclusão de grupos e indivíduos negligenciados na sociedade.

A última palestra é a décima terceira, e ela recebe o seguinte título: *Diálogo inter-religioso e a Hermenêutica Pentecostal*. Trata-se da análise do diálogo inter-religioso e sua pertinência no contexto pentecostal. A palestra procura explorar como a Hermenêutica Pentecostal pode ser empregada para fomentar uma compreensão mútua entre distintas tradições religiosas. Trata-se de uma proposta de criação de espaços de diálogo inter-religioso e táticas para abordar os desafios interculturais, mormente na esfera pastoral.

A partir da proposta de realização desse ciclo de palestras, espera-se reafirmar que os vários tipos de gêneros do discurso podem auxiliar com a função de estabelecer o projeto de dizer para a manutenção do *status quo*, em virtude de diferentes instâncias envolvidas em sua produção, funcionamento e articulação. Ou seja, os gêneros do discurso equivalem, em certo sentido, a um investimento na subjetividade.

As atividades sobre Hermenêutica Pentecostal e o ethos pentecostal contribuem para uma melhor compreensão e aplicação dos princípios hermenêuticos pentecostais entre os pastores das Igrejas Assembleias de Deus no Brasil. Além disso, tais atividades poderão estimular o diálogo e a colaboração entre os pastores e os pesquisadores, promovendo inclusive a participação feminina e a diversidade de perspectivas na discussão teológica.

Em última análise, as atividades buscam não apenas fornecer ferramentas para lidar com as implicações simbólicas do Manifesto da CGADB, mas também fortalecer a formação pastoral e teológica dos líderes das Assembleias de Deus no Brasil, contribuindo para um enriquecimento do cenário religioso e para a superação de desafios presentes na relação entre teologia, prática pastoral e gênero discursivo.

3.4 Análise do Manifesto CGADB sobre a Hermenêutica Pentecostal

No primeiro parágrafo será analisado o parágrafo de introdução que motivou a elaboração desse manifesto:

Considerando as crescentes discussões acerca da construção de uma Hermenêutica Pentecostal em solo brasileiro, o Conselho de Doutrina e a Comissão de Apologética da Convenção Geral dos Ministros das Igrejas Evangélicas Assembleia de Deus no Brasil (CGADB), atendendo solicitação da Mesa Diretora, vem, em linguagem simples (sem rigor acadêmico), apresentar o seguinte manifesto.¹³²

O Manifesto do Conselho de Doutrina e da Comissão de Apologética da CGADB sobre Hermenêutica Pentecostal, é um documento histórico e extremamente relevante por causa do seu ineditismo sobre essa temática. Entre os pastores convidados para analisarem esse assunto e elaborarem esse documento, destacam-se o Pr. Ezequias Soares da Silva – Presidente da Comissão Apologética, Pr. Paulo Roberto Freire da Costa – Presidente da Comissão do Conselho de Doutrina e o Pr. Elienai Cabral, primeiro secretário da Mesa Diretora da CGADB e consultor teológico e doutrinário da CPAD. O motivo que fez com que a CGADB se manifestasse sobre esse tema foi que, a partir de 2019 ocorreu dentro dessa instituição muitos questionamentos, “dossiês” e discussões em redes sociais que tratavam a hermenêutica pentecostal em solo brasileiro como algo danoso à fé dos fiéis.

Nesta etapa, o objetivo do autor é realizar uma análise das doze sessões para analisar os doze parágrafos do Manifesto da CGADB, que está dividido em três partes cujos temas são: 1- Da Expressão Hermenêutica pentecostal; 2- O que é Hermenêutica Pentecostal e em último lugar sobre o que não é Hermenêutica Pentecostal. Através dessa análise busca-se identificar em que contexto esse documento surgiu no cenário dos debates no âmbito das ADs no Brasil. Além disso, auxiliar o leitor no conhecimento desse documento, para que o mesmo consiga verificar qual é o ponto de vista da CGADB em relação a hermenêutica pentecostal e descrever para o leitor sobre o impacto dessas discussões para a prática pastoral.

O saldo positivo dessa controvérsia toda que foi a publicação de uma edição completa da revista “Obreiro Aprovado”¹³³, periódico destinado à liderança das Assembleias de Deus, acerca de Hermenêutica Pentecostal, seguida da aprovação oficial — algo importante, sobretudo para fins institucionais assembleianos —, da expressão “hermenêutica pentecostal”, por parte dos mesmos órgãos que receberam essas denúncias, resultando na publicação de um

¹³² Vide ANEXO A: Elaboração própria, dados inéditos, 2024.

¹³³ CASA PUBLICADORA DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS (CPAD). *Revista Obreiro aprovado: Hermenêutica pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2021. p. 11-15.

manifesto a favor do seu exercício, coibindo ataques gratuitos e sem qualquer fundamento, aos que iniciaram a discussão entre os brasileiros, deixando assim o caminho livre aos pesquisadores e teólogos da posteridade que agora poderão estudar a respeito, desenvolver suas pesquisas e escrever suas obras.

O referido documento, com caráter determinativo, foi publicado no jornal *Mensageiro da Paz*¹³⁴, órgão oficial das Assembleias de Deus no Brasil. Neste sentido, a despeito de nem César Moisés, nem os autores, receberam os créditos, por esse pioneirismo e coragem de iniciar as propostas e estudos acerca do tema, sem qualquer afetação, pode-se afirmar que entraram para a história. Não há como falar de forma séria e responsável sobre este assunto no Brasil e contornar nossos nomes, ou tentar nos invisibilizar, fingindo que não existimos, pois não foram os grandes e consagrados nomes assembleianos que abriram essa picada na ainda virgem floresta teológica pentecostal. Foi um autor nacional, em 2013 e 2017, pertencente aos quadros institucionais da editora oficial da denominação, que ousou pensar de forma diferente do *mainstream*, e dois acadêmicos, pouco conhecidos nos círculos oficiais das Assembleias de Deus, em 2018.

O parágrafo introdutório propõe uma resposta da CGADB, aos pastores e demais envolvidos nesses debates em torno da hermenêutica pentecostal dizendo: “Considerando as crescentes discussões acerca da construção de uma Hermenêutica Pentecostal em solo brasileiro, o Conselho de Doutrina e a Comissão de Apologética da Convenção Geral dos Ministros das Igrejas Evangélicas Assembleia de Deus no Brasil (CGADB), atendendo solicitação da Mesa Diretora, vem, em linguagem simples (sem rigor acadêmico), apresentar o seguinte manifesto¹³⁵” Além disso, é importante destacar que os órgãos da CGADB estiveram reunidos nos dias 1 e 5 de abril tratando sobre o assunto e elaboraram esse documento.

Para que o leitor compreenda melhor o contexto de tais discussões, nas entrelinhas desse parágrafo inicial indica-se que um grupo, com interesses escusos, enfrentou a temática de maneira inadequada, atacando os autores de uma obra publicada pela Casa Publicadora das Assembleias de Deus (CPAD) e tentando desqualificá-los com adjetivos inapropriados. Alguns invejaram o posto de autor na relevante editora, outros queriam se promover via polêmicas e *likes* nas redes sociais, havia os cooptados por ideologias políticas que se sentiam como expurgadores de ideias que não estivessem em suas cartilhas partidárias populistas e

¹³⁴ O Manifesto sobre Hermenêutica Pentecostal, Mensageiro da Paz. ano 91, nº 1.632. Rio de Janeiro: CPAD, maio de 2021, p. 14. Para acessar essas informações digitais, consulte: NUNES, Daniel. Manifesto sobre hermenêutica pentecostal. In: CPAD NEWS [Site institucional]. 12 abr. 2021. [online]. [n.p.].

¹³⁵ Trata-se do Ano 36 e nº 62 da Revista *Obreiro Aprovado*. Saiba mais em: CASA PUBLICADORA DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS (CPAD). *Revista obreiro aprovado*. Rio de Janeiro: CPAD, 2013. p. 18.

polítiques, além de outros que, sem o devido instrumental técnico, foram induzidos a se posicionar precipitadamente frente a obra. Tais discussões são comentadas por “Gutierrez Siqueira, em uma Live transmitida no dia 12 de abril de 2021”¹³⁶.

Cabe ressaltar que no contexto dessas discussões, o livro “Experiência e Hermenêutica Pentecostal: Reflexões e propostas para a construção de uma identidade teológica¹³⁷” foi retirado de circulação, pessoas foram demitidas da editora e um grande prejuízo acadêmico se instaurou no seio da teologia pentecostal. Contudo, o tema é relevante, de tal forma que a editora e a convenção retomaram o assunto e buscaram conduzir o assunto. Por esta e outras razões, percebe-se o pioneirismo da obra e seu alcance. A editora Thomas Nelson, consciente da importância da temática, se prontificou a publicar uma segunda edição com o título: “Interpretando a Bíblia a partir do Espírito: Experiência e Hermenêutica Pentecostal¹³⁸”. Dessa forma, o público não foi prejudicado, comprovando o elevado valor da obra na história do pensamento pentecostal brasileiro.

A proposta da referida obra caminha no sentido de posicionar, teologicamente, a Tradição Carismático-Pentecostal em relação à sua práxis cristã, isto é, ao seu modo de experimentar, praticar e professar a fé. E ela só pode fazer isso a partir da valorização de suas características, crendo não apenas na prática, mas permitindo que tais elementos integrem seus pressupostos permitindo a elaboração de uma hermenêutica verdadeiramente pentecostal. Com mais este trabalho, os autores brasileiros irmanam-se aos teólogos estrangeiros que há muito tempo reclamam tal tarefa para a Tradição Carismático-Pentecostal. No entanto, o autor dessa pesquisa faz questão de ressaltar, que o mesmo notou a pouca participação de teólogas assembleias nesse debate, o que levou o mesmo a escrever um resumo com o título: *A teóloga nas Igrejas Assembleia de Deus no Brasil e a hermenêutica pentecostal*, que foi incluído nos *Anais* e caderno de resumos do IX Congresso da ANPTECRE.¹³⁹

No segundo parágrafo, identifica-se a expressão HP e a busca da identidade pentecostal:

Hermenêutica é a ciência e a arte de interpretar textos. É aplicada nas diversas áreas do saber humano. Na área da teologia temos, em um sentido geral, a Hermenêutica Bíblica, cujo objetivo é fixar princípios e normas a serem empregados na interpretação

¹³⁶ SIQUEIRA Gutierrez. *Hermenêutica pentecostal* [YouTube, 12 abr. 2021]. Rio de Janeiro: Gutierrez Fernandes Siqueira, 2021. (36 min 41s). [online]. (20 min 4s).

¹³⁷ TERRA, Kenner; OLIVEIRA, David M. *Experiência e Hermenêutica Pentecostal: reflexões e propostas para a construção de uma identidade teológica*. Rio de Janeiro: CPAD, 2018. p. 33-36.

¹³⁸ TERRA; OLIVEIRA, 2023, p. 51.

¹³⁹ OLIVEIRA, Adeir S. A teóloga nas igrejas Assembleia de Deus no Brasil e a Hermenêutica Pentecostal. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM TEOLOGIA E CIÊNCIAS DA RELIGIÃO (ANPTECRE), IX, 2023, Campinas. *Anais...* Campinas: ANPTECRE, 2023. [pdf]. p. 226.

dos livros da Bíblia. Não é uma nem mesmo no Cristianismo. As diferentes hermenêuticas ou técnicas de interpretação produzem teologias distintas. Assim como a existência da Teologia Católica e da Teologia Reformada pressupõem a existência de correspondentes métodos de interpretação, a Teologia Pentecostal possui sua própria hermenêutica, a Hermenêutica Pentecostal, que é fundamentada na Palavra de Deus.¹⁴⁰

A primeira sessão aparece com a temática da Expressão Hermenêutica Pentecostal, apontando que a “Hermenêutica é a ciência e a arte de interpretar textos. É aplicada nas diversas áreas do saber humano. Na área da teologia temos, em um sentido geral, a Hermenêutica Bíblica, cujo objetivo é fixar princípios e normas a serem empregados na interpretação dos livros da Bíblia. Não é uma nem mesmo no Cristianismo. As diferentes hermenêuticas ou técnicas de interpretação produzem teologias distintas. Assim como a existência da Teologia Católica e da Teologia Reformada pressupõem a existência de correspondentes métodos de interpretação, a Teologia Pentecostal possui sua própria hermenêutica, a Hermenêutica Pentecostal, que é fundamentada na Palavra de Deus”¹⁴¹.

Tal explicação sobre o que é hermenêutica e suas distintas formas de produzir Teologia. Outro ponto a ser observado é que fica claro que a hermenêutica bíblica não é uma, nem mesmo no cristianismo, ou seja, o texto bíblico pode até ser o mesmo, mas, a forma, os métodos e os pressupostos usados para interpretá-los são diferentes. Como foi mencionado anteriormente, David Mesquiati de Oliveira e Kenner R. C. Terra em sua obra *Experiência e hermenêutica pentecostal: reflexões e propostas para a construção de uma identidade teológica*, fazem uma análise desse modelo de hermenêutica bíblica de acordo com o pentecostalismo brasileiro, mais especificamente, assembleiano, com base na experiência e na narratividade.

A diferença que pode ser notada é que de acordo com David Mesquiati e Kenner Terra:

As demais propostas teológicas produzidas na literatura brasileira, mesmo aquelas escritas por pentecostais, ainda devem em vários níveis, a caminhos metodológicos e referenciais teóricos tipicamente modernos, o que ainda não permitia afirmarmos ser teologia pentecostal.¹⁴²

A pretensão aqui sugere fazer o leitor pensar em séculos de metodologias e práticas hermenêuticas racionalistas — todas pretendendo extrair do texto o que estava na mente do autor e não simplesmente compreender o que o texto significa —, que já se percebe que tratados questionando tal empreendimento não são insignificantes, posto que estão colocando em xeque a forma dominante e unilateral de se fazer teologia. E isto não se dá por mera aventura, mas por

¹⁴⁰ Vide ANEXO A: Elaboração própria, dados inéditos, 2024.

¹⁴¹ Vide ANEXO A: Elaboração própria, dados inéditos, 2024.

¹⁴² TERRA; OLIVEIRA, 2018, p. 17.

necessidade. Cada Tradição tem o direito de fazer-se entender, em seus próprios termos, para que seu discurso seja ouvido.

No terceiro parágrafo analisar a história da HP e os registros de estudos de Hermenêutica Pentecostal desde 1917 na Assembleia de Deus norte-americana, citados na obra *Teologia Sistemática – Uma Perspectiva Pentecostal*:

Conquanto possa parecer uma discussão nova, há registros de estudos de Hermenêutica Pentecostal desde 1917 na Assembleia de Deus norte-americana, citados na obra *Teologia Sistemática – Uma Perspectiva Pentecostal* (CPAD, 1996. pp.25,653). Ou seja, a expressão Hermenêutica Pentecostal não é novidade alguma no Movimento Pentecostal Clássico.¹⁴³

Ao discorrermos sobre esse terceiro parágrafo, o leitor poderá perceber que o Manifesto traz o registro de que esse tema sobre a hermenêutica pentecostal não é novo. Ao contrário, ele tem sido trabalhado por vários estudiosos do pentecostalismo e por foi destacado o seguinte: Conquanto possa parecer uma discussão nova, há registros de estudos de Hermenêutica Pentecostal desde 1917 na Assembleia de Deus norte-americana, citados na obra *Teologia Sistemática – Uma Perspectiva Pentecostal*. Ou seja, a expressão Hermenêutica Pentecostal não é novidade alguma no Movimento Pentecostal Clássico¹⁴⁴”.

Nesse aspecto as comissões que elaboraram esse documento asseveram que esse tema não é novo no Pentecostalismo Clássico, e para embasar tal assertiva, foi citada a obra *Teologia Sistemática – Uma Perspectiva Pentecostal*, provavelmente referindo-se aos seguintes textos:

Em 1917, adaptou-se o Artigo, da Declaração das Verdades Fundamentais, a fim de se referir às línguas, como o “sinal físico inicial” (grifo nosso). Quando o problema voltou à tona, em 1918, a questão hermenêutica do falar noutras línguas, como evidência necessária do batismo no Espírito Santo, foi declarada pelo Concílio Geral como “nosso testemunho distintivo”.¹⁴⁵

É importante compreender que “o Movimento Pentecostal é plural e perpassado por idiosincrasias teológicas e litúrgicas, sendo mais correto utilizar a expressão “Pentecostalismos”, no plural, para chamar a atenção a essa diversidade¹⁴⁶”. O Movimento Pentecostal Clássico, descrito nessa manifesto, trata da “classificação histórico-social dos pentecostalismos que é feita aqui no Brasil, em relação às três ondas, de acordo com o que propôs Paul Freston.¹⁴⁷” No entanto, é digno de nota que tais demarcações já não atendem de

¹⁴³ Vide ANEXO A: Elaboração própria, dados inéditos, 2024.

¹⁴⁴ Vide ANEXO A: Elaboração própria, dados inéditos, 2024.

¹⁴⁵ MCGEE, 2021, p. 25.

¹⁴⁶ TERRA; OLIVEIRA, 2023, p. 17.

¹⁴⁷ FRESTON, Paul. Breve história do pentecostalismo brasileiro. In: ANTONIAZZI, Alberto (org.). *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 61-81.

forma adequada a segmentação complexa do fenômeno pentecostal. Por exemplo, “o pentecostalismo moderno é abordado por Macchia em quatro grupos distintos no âmbito norte-americano, a saber: histórico, clássico, unicista e carismático”¹⁴⁸.

No quarto parágrafo abordar a resistência ao conhecimento teológico nas ADs no passado e a importância do Batismo no Espírito Santo:

Por aqui, embora sempre seguissem os mesmos princípios hermenêuticos, nossos pais não se preocuparam com a formatação de métodos científicos para embasar sua interpretação das passagens bíblicas acerca do batismo no Espírito Santo, da evidência inicial e da separabilidade em relação à conversão. O dinamismo da obra pentecostal em solo brasileiro produziu uma cultura essencialmente bíblica, com extraordinários resultados. É certo, contudo, que com o passar dos anos e o crescimento do Movimento Pentecostal, tornou-se necessária não somente a sistematização da teologia, mas uma preparação instrumental para exposição e defesa dos fundamentos da fé pentecostal, campo no qual a hermenêutica se situa com destaque.¹⁴⁹

Nessa parte, o quarto parágrafo descreve que: “embora sempre seguissem os mesmos princípios hermenêuticos, nossos pais não se preocuparam com a formatação de métodos científicos para embasar sua interpretação das passagens bíblicas acerca do batismo no Espírito Santo, da evidência inicial e da separabilidade em relação à conversão. O dinamismo da obra pentecostal em solo brasileiro produziu uma cultura essencialmente bíblica, com extraordinários resultados. É certo, contudo, que com o passar dos anos e o crescimento do Movimento Pentecostal, tornou-se necessária não somente a sistematização da teologia, mas uma preparação instrumental para exposição e defesa dos fundamentos da fé pentecostal, campo no qual a hermenêutica se situa com destaque”¹⁵⁰.

Inicialmente aqui, há um reconhecimento das principais críticas que estavam relacionadas “ao esquecimento dos pais pentecostais, quanto a premissa de salientar a experiência para fazer teologia, sem desprezar a inspiração bíblica e do seu rompimento com a maneira racionalista e fria de fazer teologia¹⁵¹”. Mas, é preciso ressaltar que a realidade atual é bem diferente pois, conforme lembra César Moisés:

A erudição bíblico-teológica pentecostal-carismática, representada por nomes como Gordon Fee, Roger Stronstad, Amos Young, Craig Keener, Robert Menzies, Antony Palma, Frank Macchia, French Arrington, Steven Land e Kenneth Archer, para ficar apenas sem falar nos nomes femininos, como os das teólogas Deborah Menken Gill, Cheryl J. Sanders, Monique M. Ingalls e Teresa Berg.¹⁵²

¹⁴⁸ TERRA; OLIVEIRA, 2023, p. 17.

¹⁴⁹ Vide ANEXO A: Elaboração própria, dados inéditos, 2024.

¹⁵⁰ Vide ANEXO A: Elaboração própria, dados inéditos, 2024.

¹⁵¹ SIQUEIRA; TERRA, 2020, p. 12.

¹⁵² FEE, Gordon. *Escutando o Espírito no texto*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2023. p. 7.

A Declaração de fé das Assembleias de Deus, que apresenta sobre o batismo no Espírito Santo como “algo distinto do novo nascimento; significa o recebimento de poder espiritual para realizar a obra da expansão do evangelho em todo mundo, para uma vida cristã vitoriosa e também uma adoração mais profunda¹⁵³”. Fundamentado nesse argumento de cunho doutrinário, a CGADB mantém o destaque a essa experiência pentecostal, cuja evidência inicial em seu bojo doutrinário é o falar em línguas, como um sinal de quem recebeu o batismo no Espírito Santo. O entendimento aqui apresentado é que “o falar em línguas, nessa instância, pertence à mesma essência que o dom das línguas (1Co 12: 4-10, 28), mas é diferente quanto a seu propósito e uso”¹⁵⁴.

No quinto parágrafo mostrar as diferenças da pneumatologia pentecostal em relação à tradicional:

Não temos dúvida, portanto, que a Teologia Pentecostal tem e precisa ter sua própria hermenêutica, visto que a leitura que fazemos dos textos sagrados, por mais que perpassem uma base primária comum com as igrejas históricas, difere em muito em pontos fundamentais, especialmente no campo da Pneumatologia.¹⁵⁵

O Manifesto da CGADB no quinto parágrafo define que “Não temos dúvida, portanto, que a Teologia Pentecostal tem e precisa ter sua própria hermenêutica, visto que a leitura que fazemos dos textos sagrados, por mais que perpassem uma base primária comum com as igrejas históricas, difere em muito em pontos fundamentais, especialmente no campo da Pneumatologia”¹⁵⁶. A pneumatologia, de forma perfunctória é o estudo sobre o Espírito Santo, o qual aborda vários assuntos, tais como: os atributos e personalidade do Espírito Santo, suas ministrações na criação e na vida do ser humano.

Para compreendermos melhor sobre a espiritualidade na fé de expressão pentecostal e a distinção de sua pneumatologia, podemos recorrer ao pensamento de David Mesquiati:

A espiritualidade pentecostal pode ser inculturada de diversas formas. Como uma expressão da fé, tem elementos dinâmicos e criativos. Destacam-se o lugar da experiência de Deus, a retomada do sobrenatural da fé, as dimensões missionais no seguimento de Jesus no poder do Espírito e a ampliação dos agentes religiosos “cheios do Espírito”, dinamizando a vida e o labor teológico. As intuições do movimento pentecostal em diálogo aberto com as famílias cristãs de longa tradição (Oriente e Ocidente) permitem novos impulsos e aprofundamentos na pneumatologia.¹⁵⁷

¹⁵³ SILVA, Ezequias S. *Declaração de Fé*. Rio de Janeiro: CPAD, 2017. p. 166.

¹⁵⁴ HORTON, Stanley M.; MENZIES, Willian. *Doutrinas bíblicas: os fundamentos da fé pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2021. p. 112.

¹⁵⁵ Vide ANEXO A: Elaboração própria, dados inéditos, 2024.

¹⁵⁶ Vide ANEXO A: Elaboração própria, dados inéditos, 2024.

¹⁵⁷ OLIVEIRA, David M. Pneumatologia como característica do ser cristão: a contribuição do pentecostalismo ao conjunto do cristianismo. *Revista Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 52, n. 2, p. 311-334, 2020. p. 319.

No sexto parágrafo apresentar a forma como os pentecostais creem na inspiração das Escrituras e no continuísmo:

Nós pentecostais cremos que a revelação canônica se encerrou com os apóstolos e a formação do Novo Testamento (1Co 15.8), por isso nossa fonte de autoridade é unicamente a Bíblia. Tal assertiva, porém, não significa pressupor que Deus não continua falando e se relacionando ativamente com o ser humano.¹⁵⁸

Ao discorre sobre a segunda divisão do texto do manifesto em apreço, o tema a ser tratado está vinculado sobre o que é hermenêutica pentecostal na perspectiva assembleiana. O sexto parágrafo quando afirma, que os pentecostais creem que a revelação canônica se encerrou com os apóstolos e a formação do cânon neotestamentário, pretendem atestar a autoridade, infalibilidade e inspiração da Bíblia. Nesse ponto de vista, não significa pressupor que Deus não continua falando e se relacionando ativamente com o ser humano. Logo, percebemos uma clara defesa ao continuísmo, ou seja, a crença na continuidade dos dons espirituais, que diferentemente do cessacionismo, acredita na contemporaneidade da ação sobrenatural do Espírito Santo, mesmo com o fechamento do cânon sagrado.

No sétimo parágrafo destacar o valor da experiência pentecostal:

Para as Assembleias de Deus e o Movimento Pentecostal como um todo, a suficiência das Escrituras não anula a continuidade das manifestações divinas e as experiências com o Espírito Santo; ou seja, o fechamento do Cânon Sagrado não significa que Deus abandonou suas criaturas e o seu povo, com quem Ele continua a se comunicar inclusive por meio dos dons espirituais (At 2.14-21). Por isso, em nossa hermenêutica, a fonte do conteúdo doutrinário é a própria Palavra de Deus, em sua inteireza. Disso não decorre que a experiência pentecostal deve ser desprezada, pois sentir é uma capacidade inata aprovionada pelo próprio Criador no homem; e as percepções exercem um papel crucial na assimilação do conhecimento. Embora a experiência pentecostal faça parte do processo, é sempre submetida às Escrituras; tudo sob a dependência e a iluminação do Espírito Santo. Sem nenhuma presunção, nossa hermenêutica é a Hermenêutica do Espírito Santo.¹⁵⁹

Aquilo que é dito no sexto parágrafo, é ratificado aqui, pois, “a verdade pentecostal é baseada na relação sobrenatural, em nível individual e comunitário com o Espírito Santo, e a substância de plausibilidade da fé é demonstrada pelas expressões carismáticas¹⁶⁰”. Marcial Maçaneiro ao abordar sobre o testemunho patrístico em relação aos carismas afirma que: “façamos atenção ao próprio dado bíblico: o Novo Testamento não atesta nenhuma cessação

¹⁵⁸ Vide ANEXO A: Elaboração própria, dados inéditos, 2024.

¹⁵⁹ Vide ANEXO A: Elaboração própria, dados inéditos, 2024.

¹⁶⁰ TERRA; OLIVEIRA, 2018, p. 42.

categórica dos dons, nem os confina aos tempos apostólicos”¹⁶¹. Por isso, o lugar da experiência pentecostal é tão caro na vida dos leitores/as pentecostais.

No oitavo e nono parágrafo verificou-se a forma como os pentecostais interpretam a Teologia de Lucas e a Teologia de Paulo.

Enquanto técnica, a Hermenêutica Pentecostal serve-se do método histórico-gramatical como base comum em relação à Hermenêutica Reformada, mas não faz o mesmo recorte ou distinção em relação aos textos narrativos – especialmente Lucas e Atos –, subordinando sua interpretação aos textos de Paulo. Cremos que a Escritura interpreta a própria Escritura, mas sem subordinação entre os textos sagrados.¹⁶²

Nesse parágrafo, o que se reverbera é a crença “da comunidade de fé pentecostal, formada principalmente pelas Assembleias de Deus, que acredita ser a Bíblia a inspirada, inerrante, infalível e completa Palavra de Deus¹⁶³”. Em segundo lugar, torna-se a trazer à baila a questão sobre a separação entre textos didáticos e não didáticos, o que pressupõe é que não é viável termos as narrativas de Lucas apenas como textos históricos, mas, sim como textos doutrinários. Nesse sentido, Stronstad afirma: “Lucas é teólogo por direito próprio, os intérpretes devem examinar seus escritos com a mente aberta à possibilidade de que a perspectiva lucana sobre o Espírito Santo difira de Paulo”¹⁶⁴.

Para nós, pentecostais, as narrativas são didáticas, porque cremos integralmente no que escreveu Paulo a Timóteo: ‘Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino’ (2Tm 3.16-NAA). Se a própria Escritura afirma que toda ela é útil para ensinar, não seríamos nós que faríamos separação entre textos didáticos e não didáticos, supondo que alguns sejam registros de fatos sem mensagem normativa, eficaz e prática para nossos dias. Ademais, temos a autenticação feita pelo próprio Senhor Jesus, assim como fizera com os apóstolos, confirmando a Palavra com sinais (Mc 16.20). De igual forma, Deus nos tem dado a graça de viver os mesmos sinais vividos pelos crentes primitivos, os quais se somam como confirmação da validade e eficácia plena das promessas do Espírito para os nossos dias. Esse é o lugar da experiência na Hermenêutica Pentecostal.¹⁶⁵

Logo, ratifica-se que no entendimento desses conselheiros da CGADB, não se deve fazer separação entre textos didáticos e não didáticos, ou seja, àqueles textos narrativos encontrados nos escritos de Lucas. Além disso, subtende-se que alguns sejam registros de fatos sem mensagem normativa, eficaz e prática para nossos dias. Nesse sentido, o que querem

¹⁶¹ LIMA, Adriano; COSTA, Moab; GANDRA, Valdinei. *O Espírito e as Igrejas* [RELEP]. São Paulo: Recriar, 2018. p. 34.

¹⁶² Vide ANEXO A: Elaboração própria, dados inéditos, 2024.

¹⁶³ ANDRADE, Claudionor C. *Bibliologia: a doutrina das escrituras - teologia sistemática pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2021. p. 25.

¹⁶⁴ STRONSTAD, Roger. *A teologia carismática de Lucas: trajetórias do Antigo Testamento a Lucas-Atos*. Rio de Janeiro: CPAD, 2018. p. 28.

¹⁶⁵ Vide ANEXO A: Elaboração própria, dados inéditos, 2024.

afirmar é que no modo em que os pentecostais leem as Escrituras, a pneumatologia paulina está mais vinculada ao processo de santificação, enquanto a pneumatologia lucana está fortemente ligada ao caráter carismático para a vida missionária e comunitária da Igreja de Cristo. Assim, o que se descreve é que há complementariedade e não contradição ou subordinação entre os escritos de Paulo e Lucas.

No décimo parágrafo destacou-se o valor doutrinário de Lucas e não apenas como uma narrativa:

Em outras palavras, para a Hermenêutica Pentecostal o texto de Atos possui valor doutrinário; embasa a doutrina pneumatológica e subsidia sobejamente o entendimento de que o dom do Espírito Santo – o batismo no Espírito Santo com a evidência do falar em línguas; experiência claramente distinta da conversão (At 2.38; 19.1-6) – é atual e plenamente aplicável à vida do cristão em todos os tempos. Ademais, esta foi a mensagem de Pedro no Dia de Pentecostes: “Porque a promessa vos diz respeito a vós, a vossos filhos e a todos os que estão longe: a tantos quantos Deus, nosso Senhor, chamar” (At 2.39). Isso não é uma mera narrativa, mas uma mensagem doutrinária, interpretando a profecia de Joel (2.14-39).¹⁶⁶

Nesse parágrafo retomasse o argumento que sai em defesa da doutrina do batismo no Espírito Santo, que fora iniciado no quarto parágrafo, e reforça a ideia do modo como o leitor deve interpretar as narrativas, sobretudo a partir da profecia de Joel, que é descrita no evangelho segundo escreveu Lucas, conforme acima citado. Essa forma de interpretação, nos remete às raízes da primeira fase da hermenêutica pentecostal, descrita por Roger Stronstad, que é a hermenêutica pragmática. De acordo com Stronstad, para Parham, o movimento pentecostal distinguia-se nas seguintes características: “a convicção da experiência contemporânea deve ser idêntica ao cristianismo apostólico, distinguir a santificação do batismo no Espírito Santo e o falar em línguas como evidência inquestionável ou prova do batismo no Espírito Santo¹⁶⁷”.

No décimo primeiro parágrafo foram feitas críticas aos métodos pós-modernos:

Tendo em vista nossa definição do que é Hermenêutica Pentecostal, é preciso estabelecer com firmeza com o que não comungam os pentecostais clássicos em termos de técnicas de interpretação. Isso é imperativo especialmente diante de métodos hermenêuticos pós-modernos, focados no leitor e não no autor e no texto, e que emprestam à experiência um lugar que a ela não cabe no processo interpretativo. Isso não é Hermenêutica Pentecostal.¹⁶⁸

A finalidade nesse décimo primeiro parágrafo é apontar o que não é hermenêutica pentecostal. Portanto, o manifesto afirma que: “Tendo em vista nossa definição do que é Hermenêutica Pentecostal, é preciso estabelecer com firmeza com o que não comungam os

¹⁶⁶ Vide ANEXO A: Elaboração própria, dados inéditos, 2024.

¹⁶⁷ STRONSTAD, 2020, p. 26.

¹⁶⁸ Vide ANEXO A: Elaboração própria, dados inéditos, 2024.

pentecostais clássicos em termos de técnicas de interpretação. Isso é imperativo especialmente diante de métodos hermenêuticos pós-modernos, focados no leitor e não no autor e no texto, e que emprestam à experiência um lugar que a ela não cabe no processo interpretativo. Isso não é hermenêutica pentecostal”¹⁶⁹. Logo, a mudança de tom sobre a temática, pois, aqui fica expresso que se alguém usar um método interpretativo que coloque a experiência acima da Palavra ou em contradição com ela, tal experiência deve ser rejeitada.

Nos parágrafos décimo segundo e décimo terceiro os autores abordam sobre a utilização do Método Histórico-Gramatical e o não uso do Método Histórico-Crítico:

De igual forma, a Hermenêutica Pentecostal sadia não é uma negação do método histórico-gramatical. Por outro lado, não é um apego rigoroso e absoluto a esse método, cujo emprego não conduziu a fé reformada à compreensão e crença na atualidade da obra do Espírito Santo, tal qual prometida por Jesus e vivenciada pelos apóstolos e pelas igrejas do Novo Testamento. Conquanto se valha de ferramentas da erudição bíblica, a Hermenêutica Pentecostal não flerta com quaisquer das aplicações do método histórico-crítico ou da atual crítica literária e histórica que negam a plena inspiração das Escrituras e a literalidade dos milagres.¹⁷⁰

O objetivo apresentado nessa explicação é discorrer quanto ao uso dos métodos histórico-gramatical e histórico-crítico:

A Hermenêutica Pentecostal sadia não é uma negação do método histórico-gramatical. Por outro lado, não é um apego rigoroso e absoluto a esse método, cujo emprego não conduziu a fé reformada à compreensão e crença na atualidade da obra do Espírito Santo, tal qual prometida por Jesus e vivenciada pelos apóstolos e pelas igrejas do Novo Testamento. Conquanto se valha de ferramentas da erudição bíblica, a Hermenêutica Pentecostal não flerta com quaisquer das aplicações do método histórico-crítico ou da atual crítica literária e histórica que negam a plena inspiração das Escrituras e a literalidade dos milagres.¹⁷¹

Inicialmente, precisamos compreender que “a base hermenêutica utilizada do método histórico-gramatical, que tem como premissa básica o significado em contexto¹⁷²”. O argumento em relação ao método histórico-gramatical, pode ser visto nas palavras de Robert Menzies, que afirma: “o método histórico-gramatical, não é um rompimento com os métodos tradicionais de interpretação dos textos bíblicos e sim um refinamento das abordagens evangélicas para a interpretação da Bíblia¹⁷³”. Por outro lado, há uma crítica quanto ao uso do

¹⁶⁹ Vide ANEXO A: Elaboração própria, dados inéditos, 2024.

¹⁷⁰ Vide ANEXO A: Elaboração própria, dados inéditos, 2024.

¹⁷¹ Vide ANEXO A: Elaboração própria, dados inéditos, 2024.

¹⁷² SILVA, Luis G. N. A linguística moderna e o método histórico-gramatical. *Revista Teológica Jonathan Edwards*, [s.l.], v. 1, n. 3, p. 6-20, 2021. p. 8.

¹⁷³ MENZIES, Robert. *Glossolalia: Jesus e a igreja como modelos sobre o dom de línguas*. Rio de Janeiro: CPAD, 2005. p. 31.

método histórico-crítico ou da atual crítica literária e histórica afirmando que tais métodos negam a plena inspiração das Escrituras e a literalidade dos milagres.

Por causa dessa discussão sobre os métodos histórico-gramatical e histórico-crítico, Oliveira e Terra haviam abordado sobre as deficiências da exegese tradicional:

Filha de seu tempo, a exegese tradicional tem suas contribuições. Ela foi importante para o acúmulo de conhecimentos a respeito do horizonte histórico e cultural da Bíblia. Sua colaboração está exatamente nas pesquisas histórico-sociais, por meio das quais se reuniu um cabedal de informações sobre os contextos econômico, religioso, social, geográfico e político do mundo bíblico. Além disso, a exegese da Modernidade conseguiu romper com leituras literalistas e ingênuas.¹⁷⁴

Pontuamos, portanto, que o texto claramente diz que o método histórico-gramatical é um método muito bom, porém não é canônico ou inspirado, assim, como os demais métodos de interpretação não o são. Por isso, se diz aqui que não há um apego rigoroso a esse método. Além disso, o texto deixa transparecer que é possível se valer de ferramentas de erudição bíblica, ou seja outros métodos possíveis de interpretação da Palavra de Deus. No entanto, o que se demonstra na última parte dessa sessão é a rejeição de métodos que negam a inspiração da Bíblia e que os milagres narrados nela não sejam literais.

No último parágrafo foram elaboradas seis normas que apontam o uso correto da HP sob a perspectiva das ADs:

Em síntese: 1) não abraçamos de forma absoluta o método histórico-gramatical (que cria um cânon dentro do cânon); 2) não nos rendemos aos métodos histórico-crítico e pós-modernos, notadamente nos aspectos que buscam fragmentar as Escrituras e negar os milagres; 3) refutamos a teologia narrativa em sua pretensão de desconstrução do texto e de seu sentido, que devem sempre guardar coesão com o contexto histórico e gramatical; 4) não empregamos métodos de interpretação subjetivista, focados no leitor, em detrimento do autor e do texto; 5) consideramos que as experiências devem sempre e necessariamente serem submetidas ao crivo da inspirada e infalível Palavra de Deus; e 6) servimo-nos de ferramentas da erudição bíblica, conscientes de que métodos e técnicas, por melhores que sejam, são humanos e, portanto, imperfeitos e incompletos, pelo que buscamos acima de tudo a iluminação do Espírito Santo (Ef 1.18, 2Pe 1.20).¹⁷⁵

Nessa última períclope, o Manifesto objetiva reafirmar o ponto de vista e o posicionamento da CGADB sobre essa temática. A força institucional é percebida em tais documentos, não como uma ação disciplinar direta aos fiéis que pensam diferente, mas, como uma decisão que expõe de forma implícita limites no modo pentecostal de interpretar a Bíblia. Além disso, o controle institucional reage com veemência aos métodos que se considera danosos à doutrina pentecostal. Por isso, esse documento torna-se um instrumento importante

¹⁷⁴ TERRA; MESQUIATI, 2018, p. 66.

¹⁷⁵ Vide ANEXO A: Elaboração própria, dados inéditos, 2024.

para a realização de uma análise crítica, visto que o contexto teológico e histórico demonstra que essa página dos debates ainda não parece ter se encerrado.



CONCLUSÃO

O tema abordado nesta pesquisa é amplo e complexo, porém, à guisa de conclusão, considera-se que ele não pode ser tratado de forma simplista e desinteressada. As concepções da Igreja Assembleia de Deus brasileira foram concretizadas no Manifesto emitido pela CGADB, em 2021, e exercem influência sobre a prática pastoral dos pastores assembleianos. Isso foi confirmado através do estudo de caso realizado com os pastores dessa igreja, no contexto do Município de Mantena, em Minas Gerais.

O problema que impulsionou e norteou a pesquisa foi formulado através da seguinte questão: de que maneira as cenas de enunciação e o ethos discursivo auxiliam na análise do Manifesto emitido pela CGADB sobre a Hermenêutica Pentecostal publicado em abril de 2021? A procura por uma possível resposta recorreu ao pensamento de Dominique Maingueneau para delinear os conceitos de cena de enunciação e ethos discursivo.

De modo geral, a noção de cena de enunciação evidenciou que o Manifesto da CGADB é um poderoso instrumento de legitimação e validação das concepções assembleianas sobre a Hermenêutica Pentecostal. O documento tem um potencial de convencimento e fomento do reconhecimento dessas concepções, impactando profundamente a prática pastoral, sobretudo no contexto da Cidade de Mantena, em Minas Gerais, que o *locus* do estudo de caso realizado. A influência exercida pelo documento mostrou-se tão potente que, a partir do estudo de caso, vários pastores reconheceram a importância da reflexão empreendida nesta pesquisa.

Em relação à noção de ethos discursivo, que também se ancorou no pensamento de Dominique Maingueneau, demonstrou que o Manifesto emitido pela CGADB emerge com uma ferramenta construtora de imagens que permeiam o discurso nele presente. Ou seja, o discurso gestado no Manifesto da CGADB sobressai em seu potencial de persuasão, como também evidencia o caráter de autoridade, influenciando as lideranças e, de modo consequente, os adeptos das Igrejas Assembleias de Deus no Brasil.

Desse modo, o percurso metodológico investido na pesquisa foi pertinente. A pesquisa bibliográfica foi essencial para construir o referencial teórico e refletir sobre a trajetória histórica das Assembleias de Deus no cenário brasileiro. A pesquisa documental foi imprescindível para centrar no texto do Manifesto da CGADB. Mas, o estudo de caso trouxe o específico da pesquisa, demonstrando a confluência entre a cena genérica e o ethos discursivo no documento analisado e sua influência na prática pastoral dos pastores de Mantena, em Minas Gerais.

Nesse empreendimento, cada capítulo da pesquisa foi relevante no processo de busca por uma resposta ao problema levantado. O primeiro capítulo foi importante para sintetizar os aspectos históricos envolvendo debates e resoluções publicadas pela CGADB entre os anos de 1930 a 2021. O capítulo ajuda na identificação das nuances e das concepções inalteradas nos documentos emitidos pelas Igrejas Assembleias de Deus no país. Essa abordagem foi essencial para verificar o tipo de discurso percebido nesse documento e, para isso, a noção de cena englobante foi imprescindível.

O segundo capítulo centrou-se na descrição do conceito de cena genérica, evidenciando as principais características do Manifesto da CGADB de 2021. O capítulo explorou os interdiscursos que podem ser observados nesse documento, abordando o ethos discursivo presente nesse documento. Este capítulo demonstra que as concepções sobre a Hermenêutica Pentecostal presentes no Manifesto emitido pela CGADB geram efeitos profundos sobre as lideranças das Igrejas Assembleias de Deus brasileiras e sobre a prática pastoral, abrindo espaço para as propostas práticas desenvolvidas no capítulo subsequente.

Dessa maneira, o terceiro e último capítulo procurou confluir as contribuições dos dois primeiros e, a partir daí, apresentar uma proposta profissional, cujo intuito consistiu no aprimoramento da prática pastoral nas Igrejas Assembleias de Deus no Brasil. O capítulo analisou os dados obtidos através do estudo de caso realizado com os pastores assembleianos da cidade de Mantena, em Minas Gerais.

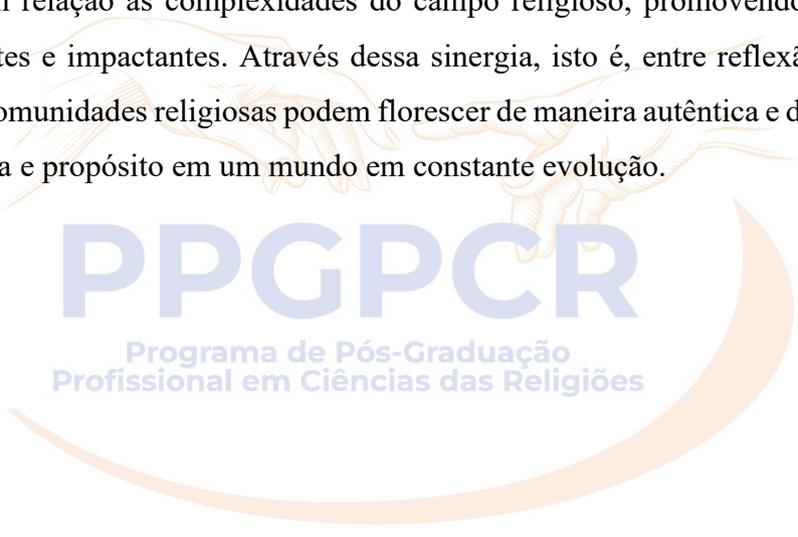
Depois, apresentou uma proposta de realização de três palestras, cujos conteúdos articulam a cena genérica no Manifesto da CGADB, o interdiscurso e o ethos discursivo segundo a ótica de Dominique Maingueneau. As palestras objetivam a compreensão da perspectiva da Análise do Discurso Francesa e como esse campo de estudos pode contribuir para uma melhor compreensão acerca da Hermenêutica Pentecostal.

A pesquisa, na totalidade, demonstra a premência de confluir uma boa teoria com a prática pastoral, sobretudo no que diz respeito à Hermenêutica Pentecostal. Na verdade, essa parece ser a proposta das Ciências das Religiões Aplicadas em relação ao fenômeno religioso. Finalmente, não seria adequado considerar que a pesquisa esboça e esgota todas as contribuições sobre esse. Existem diversas lacunas que podem ser preenchidas em pesquisas futuras, por exemplo, verificar em que medida o discurso do Manifesto da CGADB influencia na experiência do sujeito pentecostal.

Além disso, a proposta de construção de uma comunidade inclusiva pautada na Hermenêutica Pentecostal é digna de ser ampliada em futuras pesquisas. O objetivo de formar

uma comunidade com esse caráter pressupõe a formação de pastores e pastoras dispostos a atuarem para além dos púlpitos, pressupondo que a prática pastoral sinalize para uma relação indissociável entre a interpretação do texto bíblico e a realidade das pessoas que sofrem na atualidade. Depreende-se que os pastores das Igrejas Assembleias de Deus podem ganhar muito com a formação de uma comunidade inclusiva pautada nos pressupostos da Hermenêutica Pentecostal, porque esse seria um campo fecundo para o desenvolvimento de uma espiritualidade encarnada e engajada em relação à vida das pessoas e dos grupos marginalizados na sociedade contemporânea.

Portanto, considera-se que a Hermenêutica Pentecostal tem potencial para oferecer uma abordagem contextualizada em relação à interpretação do texto bíblico. Ao aplicar os princípios do Manifesto Pentecostal, os pastores têm o potencial de criar uma abordagem mais informada e sensível em relação às complexidades do campo religioso, promovendo práticas pastorais mais relevantes e impactantes. Através dessa sinergia, isto é, entre reflexão teórica e prática pastoral, as comunidades religiosas podem florescer de maneira autêntica e dinâmica, mantendo sua relevância e propósito em um mundo em constante evolução.



PPGPCR
Programa de Pós-Graduação
Profissional em Ciências das Religiões

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, Gedeon. *Assembleia de Deus: origem, implantação e militância (1911-1946)*. São Paulo: Arte Editorial, 2010.
- ALENCAR, Gedeon F. *Assembleias brasileiras de Deus: teorização, história e tipologia – 1911-2011*. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.
- ANDRADE, Claudionor C. *Bibliologia: a doutrina das escrituras - teologia sistemática pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2021.
- BAZERMAN, Charles. *Gêneros textuais: tipificação e interação*. Recife: Pipa Comunicação, 2020.
- BRIGHENTI, Agenor. Ciência da Religião aplicada à ação pastoral. In: PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank (org.). *Compêndio de Ciência da Religião*. São Paulo: Paulinas; Paulus, 2013. p. 651-668.
- CAMPOS, Bernardo. *Hermenêutica do Espírito: uma proposta para hermenêutica pentecostal*. São Paulo: Recriar, 2018.
- CARVALHO, César. *Hermenêutica pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2013.
- CARVALHO, César M. *Pentecostalismo e pós-modernidade: quando a experiência sobrepõe-se à teologia*. Rio de Janeiro: CPAD, 2017.
- CASA PUBLICADORA DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS (CPAD). *Revista obreiro aprovado*. Rio de Janeiro: CPAD, 2013.
- CASA PUBLICADORA DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS (CPAD). *Revista Obreiro aprovado: Hermenêutica pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2021.
- COURTINE, Jean J. *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. São Paulo: UFSCAR, 2009.
- CPAD NEWS. *Jornal Mensageiro da Paz*. 20 mai. 2021. Disponível em: <https://www.cpadnews.com.br/jornal-mensageiro-da-paz-edicao-digital/>. Acesso em: 20 fev. 2024.
- DANIEL, Silas. *História da Convenção Geral dos Ministros das Igrejas Evangélicas Assembleias de Deus do Brasil: 1930 a 2021*. Rio de Janeiro: CPAD, 2022.
- FEE, Gordon. *Escutando o Espírito no texto*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2023.
- FIORIN, José L. *Elementos de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2024.
- FREITAS, Ernani C. Linguagem na atividade de trabalho: ethos discursivo em editoriais de jornal interno de empresa. *Revista Desenredo, Passo Fundo*, v. 6, n. 2, p. 170-197, 2010.

FRESTON, Paul. Breve história do pentecostalismo brasileiro. In: ANTONIAZZI, Alberto (org.). *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 61-81.

GONÇALVES, José. *O corpo de Cristo: origem, natureza e vocação da igreja no mundo*. Rio de Janeiro: CPAD, 2024.

HORTON, Stanley M. *Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2021.

HORTON, Stanley M.; MENZIES, Willian. *Doutrinas bíblicas: os fundamentos da fé pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2021.

LIMA, Adriano; COSTA, Moab; GANDRA, Valdinei. *O Espírito e as Igrejas [RELEP]*. São Paulo: Recriar, 2018.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em Análise do Discurso*. Campinas: Pontes, 1989.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de texto de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2000.

MAINGUENEAU, Dominique. *Gênese dos discursos*. Curitiba: Criar, 2008a.

MAINGUENEAU, Dominique. A propósito do ethos. In: MOTTA, Ana R.; SALGADO, Luciana. (orgs.). *Ethos discursivo*. São Paulo: Contexto, 2008b. p. 11-29.

MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso literário*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012a.

MAINGUENEAU, Dominique. *Cenas da enunciação*. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2012b.

MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso e análise do discurso*. São Paulo: Parábola, 2015.

MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2020.

MAINGUENEAU, Dominique. *Doze conceitos em Análise do Discurso*. São Paulo: Parábola, 2023.

MCGEE, Gary B. Panorama Histórico. In: HORTON, S. M. (ed.). *Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal*. 4. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1997. p. 9-21.

MENZIES, Robert. *Glossolalia: Jesus e a igreja como modelos sobre o dom de línguas*. Rio de Janeiro: CPAD, 2005.

MENZIES, Robert. *Pentecostes: essa história é a nossa história*. Rio de Janeiro: CPAD, 2016.

NUNES, Daniel. Manifesto sobre hermenêutica pentecostal. In: CPAD NEWS [Site institucional]. 12 abr. 2021. Disponível em: <http://www.pastordanielnunes.com.br/2021/04/manifesto-sobre-hermeneutica-pentecostal.html>. Acesso em: 20 abr. 2024.

OLIVEIRA, David M. Igrejas pentecostais e sua atuação política recente no Brasil. *Revista Brasileira de História das Religiões*, São Luís, v. 13, n. 37, p. 9-23, 2020.

OLIVEIRA, Adeir S. A teóloga nas igrejas Assembleia de Deus no Brasil e a Hermenêutica Pentecostal. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM TEOLOGIA E CIÊNCIAS DA RELIGIÃO (ANPTECRE), IX, 2023, Campinas. *Anais...* Campinas: ANPTECRE, 2023. p. 226. [pdf].

OLIVEIRA, David M. Pneumatologia como característica do ser cristão: a contribuição do pentecostalismo ao conjunto do cristianismo. *Revista Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 52, n. 2, p. 311-334, 2020.

ORLANDI, Eni P. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. São Paulo: Pontes. 2009.

PAIXÃO, Wallace S. A invenção de uma comunidade eclesial orgânica: ação pastoral e teólogos e teólogas como intelectuais orgânicos. *Revista Unitas*, Vitória, v. 11, n. 1, p. 81-99, 2023.

POMERVILLE, Paul A. *A força pentecostal em missões: entendendo a contribuição dos pentecostais na teologia missionária contemporânea*. Rio de Janeiro: CPAD. 2020.

POSSENTI, Sírio. Observações sobre interdiscurso. In: ENCONTRO DO CELSUL, V, 2003, Curitiba. *Anais...* Curitiba: CELSUL, 2003. p. 140-148. [pdf].

RIOS, Eunice O.; NUNES, Fabrizia G. História da Religião: origem e precursores dos movimentos pentecostais através dos séculos e continentes. *Revista Verde Grande*, Montes Claros, v. 4, n. 1, p. 111-131, 2022.

ROCHA, Abdruschin S.; ULRICH, Claudete B. Pathos e cuidado: Dorothy Mae Stang e o cuidado como afetação. *Revista Reflexus*, v. 13, n. 21, p. 37-64, 2019.

SANCHES, Elissa G. F.; SANCHES, Regina F. Um diálogo com a Literatura: aproximações a uma análise teológico-filosófica do romance “Um conto de Natal” de Charles Dickens. *Revista Azusa*, Joinville, v. 6, n. 1, p. 171-188, 2015.

SANT’ANA, Gabriel; JARDIM, Tatiana. Cenografia do cinismo: ditos e não ditos de uma circular da Secretaria do Estado de Educação do Rio de Janeiro. In: ROCHA, Décio; DEUSDARÁ, Bruno; ARANTES, Poliana; PESSÔA, Morgana. *Pesquisar com gêneros discursivos: interrogando práticas de formação docente*. Rio de Janeiro: Cartolina, 2020. p. 172-190.

SILVA, Airton V.; ULRICH, Claudete B. Pluralidade religiosa brasileira: a importância do diálogo inter-religioso. *Protestantismo em Revista*, São Leopoldo, v. 43, n. 1, p. 83-94, 2017.

SILVA, Ezequias S. *Declaração de Fé*. Rio de Janeiro: CPAD, 2017.

SILVA, Ezequias S. *O pentecostalismo brasileiro: um guia histórico e teológico para compreender o Pentecostes no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 2021.

SILVA, Luis G. N. A linguística moderna e o método histórico-gramatical. *Revista Teológica Jonathan Edwards*, [s.l.], v. 1, n. 3, p. 6-20, 2021.

SIQUEIRA, Gutierrez; TERRA, Kenner. *Autoridade bíblica e experiência no espírito: a contribuição da hermenêutica pentecostal-carismática*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020.

SIQUEIRA Gutierres. *Hermenêutica pentecostal* [YouTube, 12 abr. 2021]. Rio de Janeiro: Gutierres Fernandes Siqueira, 2021. (36 min 41s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zYshqOGY9Gc&t=1204s>. Acesso em: 17 set. 2024.

STRONSTAD, Roger. *A teologia carismática de Lucas: trajetórias do Antigo Testamento a Lucas-Atos*. Rio de Janeiro: CPAD, 2018.

STRONSTAD, Roger. *Hermenêutica pentecostal: Espírito, Escritura e Teologia*. Natal: Carisma, 2020.

SYNAN, Vinson. *O século do Espírito Santo: 100 anos de avivamento pentecostal e carismático*. São Paulo: Vida, 2009.

TERRA, Kenner; OLIVEIRA, David M. *Experiência e Hermenêutica Pentecostal: reflexões e propostas para a construção de uma identidade teológica*. Rio de Janeiro: CPAD, 2018.

TERRA, Kenner; OLIVEIRA, David M. *Interpretando a Bíblia a partir do Espírito: experiência e hermenêutica pentecostal*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2023.



APÊNDICE A: TRANSCRIÇÃO DO CONTEÚDO DO MANIFESTO DA CGADB

MANIFESTO SOBRE HERMENÊUTICA PENTECOSTAL

Considerando as crescentes discussões acerca da construção de uma Hermenêutica Pentecostal em solo brasileiro, o Conselho de Doutrina e a Comissão de Apologética da Convenção Geral dos Ministros das Igrejas Evangélicas Assembleia de Deus no Brasil (CGADB), atendendo solicitação da Mesa Diretora, vem, em linguagem simples (sem rigor acadêmico), apresentar o seguinte manifesto:

1. DA EXPRESSÃO “HERMENÊUTICA PENTECOSTAL”

Hermenêutica é a ciência e a arte de interpretar textos. É aplicada nas diversas áreas do saber humano. Na área da teologia temos, em um sentido geral, a Hermenêutica Bíblica, cujo objetivo é fixar princípios e normas a serem empregados na interpretação dos livros da Bíblia. Não é uma nem mesmo no Cristianismo. As diferentes hermenêuticas ou técnicas de interpretação produzem teologias distintas. Assim como a existência da Teologia Católica e da Teologia Reformada pressupõem a existência de correspondentes métodos de interpretação, a Teologia Pentecostal possui sua própria hermenêutica, a Hermenêutica Pentecostal, que é fundamentada na Palavra de Deus.

Conquanto possa parecer uma discussão nova, há registros de estudos de Hermenêutica Pentecostal desde 1917 na Assembleia de Deus norte-americana, citados na obra "Teologia Sistemática – Uma Perspectiva Pentecostal" (CPAD, 1996. pp.25,653). Ou seja, a expressão Hermenêutica Pentecostal não é novidade alguma no Movimento Pentecostal Clássico.

Por aqui, embora sempre seguissem os mesmos princípios hermenêuticos, nossos pais não se preocuparam com a formação de métodos científicos para embasar sua interpretação das passagens bíblicas acerca do batismo no Espírito Santo, da evidência inicial e da separabilidade em relação à conversão. O dinamismo da obra pentecostal em solo brasileiro produziu uma cultura essencialmente bíblica, com extraordinários resultados. É certo, contudo, que com o passar dos anos e o crescimento do Movimento Pentecostal, tornou-se necessária não somente a sistematização da teologia, mas uma preparação instrumental para exposição e defesa dos fundamentos da fé pentecostal, campo no qual a hermenêutica se situa com destaque.

Não temos dúvida, portanto, que a Teologia Pentecostal tem e precisa ter sua própria hermenêutica, visto que a leitura que fazemos dos textos sagrados, por mais que perpassem uma

base primária comum com as igrejas históricas, difere em muito em pontos fundamentais, especialmente no campo da Pneumatologia.

2. O QUE É HERMENÊUTICA PENTECOSTAL

Nós pentecostais cremos que a revelação canônica se encerrou com os apóstolos e a formação do Novo Testamento (1Co 15.8), por isso nossa fonte de autoridade é unicamente a Bíblia. Tal assertiva, porém, não significa pressupor que Deus não continua falando e se relacionando ativamente com o ser humano.

Para as Assembleias de Deus e o Movimento Pentecostal como um todo, a suficiência das Escrituras não anula a continuidade das manifestações divinas e as experiências com o Espírito Santo; ou seja, o fechamento do Cânon Sagrado não significa que Deus abandonou suas criaturas e o seu povo, com quem Ele continua a se comunicar inclusive por meio dos dons espirituais (At 2.14-21). Por isso, em nossa hermenêutica, a fonte do conteúdo doutrinário é a própria Palavra de Deus, em sua inteireza. Disso não decorre que a experiência pentecostal deve ser desprezada, pois sentir é uma capacidade inata aprovionada pelo próprio Criador no homem; e as percepções exercem um papel crucial na assimilação do conhecimento. Embora a experiência pentecostal faça parte do processo, é sempre submetida às Escrituras; tudo sob a dependência e a iluminação do Espírito Santo. Sem nenhuma presunção, nossa hermenêutica é a Hermenêutica do Espírito Santo.

Enquanto técnica, a Hermenêutica Pentecostal serve-se do método histórico-gramatical como base comum em relação à Hermenêutica Reformada, mas não faz o mesmo recorte ou distinção em relação aos textos narrativos – especialmente Lucas e Atos –, subordinando sua interpretação aos textos de Paulo. Cremos que a Escritura interpreta a própria Escritura, mas sem subordinação entre os textos sagrados.

Para nós, pentecostais, as narrativas são didáticas, porque cremos integralmente no que escreveu Paulo a Timóteo: “Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino...” (2Tm 3.16-NAA). Se a própria Escritura afirma que toda ela é útil para ensinar, não seríamos nós que faríamos separação entre textos didáticos e não didáticos, supondo que alguns sejam registros de fatos sem mensagem normativa, eficaz e prática para nossos dias. Ademais, temos a autenticação feita pelo próprio Senhor Jesus, assim como fizera com os apóstolos, confirmando a Palavra com sinais (Mc 16.20). De igual forma, Deus nos tem dado a graça de viver os mesmos sinais vividos pelos crentes primitivos, os quais se somam como confirmação da validade e

eficácia plena das promessas do Espírito para os nossos dias. Esse é o lugar da experiência na Hermenêutica Pentecostal.

Em outras palavras, para a Hermenêutica Pentecostal o texto de Atos possui valor doutrinário; embasa a doutrina pneumatológica e subsidia sobejamente o entendimento de que o dom do Espírito Santo – o batismo no Espírito Santo com a evidência do falar em línguas; experiência claramente distinta da conversão (At 2.38; 19.1-6) – é atual e plenamente aplicável à vida do cristão em todos os tempos. Ademais, esta foi a mensagem de Pedro no Dia de Pentecostes: “Porque a promessa vos diz respeito a vós, a vossos filhos e a todos os que estão longe: a tantos quantos Deus, nosso Senhor, chamar” (At 2.39). Isso não é uma mera narrativa, mas uma mensagem doutrinal, interpretando a profecia de Joel (2.14-39).

3. O QUE NÃO É HERMENÊUTICA PENTECOSTAL

Tendo em vista nossa definição do que é Hermenêutica Pentecostal, é preciso estabelecer com firmeza com o que não comungam os pentecostais clássicos em termos de técnicas de interpretação. Isso é imperativo especialmente diante de métodos hermenêuticos pós-modernos, focados no leitor e não no autor e no texto, e que emprestam à experiência um lugar que a ela não cabe no processo interpretativo. Isso não é Hermenêutica Pentecostal.

De igual forma, a Hermenêutica Pentecostal sadia não é uma negação do método histórico-gramatical. Por outro lado, não é um apego rigoroso e absoluto a esse método, cujo emprego não conduziu a fé reformada à compreensão e crença na atualidade da obra do Espírito Santo, tal qual prometida por Jesus e vivenciada pelos apóstolos e pelas igrejas do Novo Testamento.

Conquanto se valha de ferramentas da erudição bíblica, a Hermenêutica Pentecostal não flerta com quaisquer das aplicações do método histórico-crítico ou da atual crítica literária e histórica que negam a plena inspiração das Escrituras e a literalidade dos milagres.

Em síntese: 1) não abraçamos de forma absoluta o método histórico-gramatical (que cria um cânon dentro do cânon); 2) não nos rendemos aos métodos histórico-crítico e pós-modernos, notadamente nos aspectos que buscam fragmentar as Escrituras e negar os milagres; 3) refutamos a teologia narrativa em sua pretensão de desconstrução do texto e de seu sentido, que devem sempre guardar coesão com o contexto histórico e gramatical; 4) não empregamos métodos de interpretação subjetivista, focados no leitor, em detrimento do autor e do texto; 5) consideramos que as experiências devem sempre e necessariamente serem submetidas ao crivo

da inspirada e infalível Palavra de Deus; e 6) servimo-nos de ferramentas da erudição bíblica, conscientes de que métodos e técnicas, por melhores que sejam, são humanos e, portanto, imperfeitos e incompletos, pelo que buscamos acima de tudo a iluminação do Espírito Santo (Ef 1.18, 2Pe 1.20).

É o manifesto.

Rio de Janeiro, 05 de abril de 2021.

CONSELHO DE DOCTRINA: Pr. Paulo Roberto Freire da Costa – Presidente; Pr. Antônio Xavier S. Vale – Vice-presidente; Pr. Emanuel Barbosa Martins – Secretário; Pr. Nemias Pereira da Rocha, Pr. José Antônio da Silva Sobrinho, Pr. Ely Batista, Pr. Isaac Pedro da Silva e Pr. José Almir Angewicz (membros).

COMISSÃO DE APOLOGÉTICA: Pr. Ezequias Soares da Silva – Presidente; Pr. Elinaldo Renovato de Lima – Vice-Presidente; Pr. Silas Rosalino de Queiroz – Secretário; Pr. André Custódio Moreira Junior – Relator; Pr. Erivaldo de Jesus Pinheiro, Pr. Sisaque da Silva Valadares, Pr. José Gonçalves da Costa Gomes, Pr. Eliezer Miranda e Pr. Carlos Eduardo Neres Lourenço (membros).

CONVIDADOS: Pr. Elienai Cabral, primeiro secretário da Mesa Diretora da CGADB e consultor teológico e doutrinário da CPAD; Pr. Douglas Roberto de Almeida Baptista, presidente do Conselho de Educação Religiosa da CGADB; Pr. Alexandre Claudino Coelho (Gerente de Publicações da CPAD) e Pr. Silas Daniel da Silva (Editor-chefe de Jornalismo da CPAD).

APÊNDICE B: QUESTIONÁRIO DE PESQUISA DE CAMPO

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA DE CAMPO

Mestrando: Adeir da Silva Oliveira[1]

Orientando: David Mesquiati[2]

Este questionário se enquadra numa investigação no âmbito de uma pesquisa de Mestrado Profissional em Ciências das Religiões – Faculdade Unida de Vitória/ES. Os resultados obtidos serão utilizados apenas para fins acadêmicos (Projeto de Pesquisa de Mestrado). Salienta-se que as respostas dos inquiridos representam apenas a sua opinião individual e não a uma denominação religiosa. A metodologia vai ser feita por meio de uma amostragem aleatória de entrevista semi-estruturada na pesquisa qualitativa, com o questionário de perguntas abertas, de caráter exploratória, descritiva e explicativa. O questionário aberto é anônimo, não devendo, por isso, colocar a sua identificação em nenhuma das folhas nem assinar o questionário, pois o objetivo desse é agregar informações relevantes sobre este documento para a Teologia Pentecostal e, sobretudo, para o desenvolvimento da ação pastoral no interior das ADs no território brasileiro. Se possível, envie-me este questionário respondido até o dia 21 de outubro de 2022.

Obrigado pela sua colaboração!

[1] Mestrando em Ciências das Religiões pela Faculdade Unida de Vitória. E-mail: adeiroliveirapr@gmail.com.

[2] Questionário para o Projeto de Pesquisa solicitado na pelo docente Dr. David Mesquiati de Oliveira

1- Você conhece o manifesto da CGADB sobre hermenêutica pentecostal publicado em 12 de Abril de 2021? Marcar apenas um oval.

Sim. Não.

2- Se você teve acesso a este documento sobre a hermenêutica pentecostal, como você teve este acesso? Marcar apenas um oval.

Email.

Site da CGADB. Outros.

3- Você considera que existe uma hermenêutica pentecostal sendo elaborada em solo brasileiro? Marcar apenas um oval.

Sim. Não.

4- Você considera que a hermenêutica pentecostal é relevante para a Teologia Pentecostal no Brasil? Marcar apenas um oval.

Sim. Não

5- O que você entende pelo método histórico-gramatical?

6- Você conhece outros métodos hermenêuticos?

7- Você considera que hermenêutica pentecostal pode ser desenvolvida variados métodos?

Marcar apenas um oval.

Sim Não

8 - Como você orienta os membros da Igreja que você pastoreia a usarem a hermenêutica pentecostal?

9 - Quais as implicações das tratativas deste manifesto da CGADB sobre a ação pastoral no interior das Assembleias de Deus brasileiras?

ANEXO A: MANIFESTO DO CONSELHO DE DOCTRINA E DA COMISSÃO DE APOLOGÉTICA DA CGADB SOBRE HERMENÊUTICA PENTECOSTAL 23/04/2021



Convenção Geral dos Ministros das Igrejas Evangélicas Assembleias de Deus no Brasil

MANIFESTO SOBRE HERMENÊUTICA PENTECOSTAL

Considerando as crescentes discussões acerca da construção de uma Hermenêutica Pentecostal em solo brasileiro, o Conselho de Doutrina e a Comissão de Apologética da Convenção Geral dos Ministros das Igrejas Evangélicas Assembleias de Deus no Brasil (CGADB), atendendo solicitação da Mesa Diretora, vem, em linguagem simples (sem rigor acadêmico), apresentar o seguinte manifesto:

1. DA EXPRESSÃO "HERMENÊUTICA PENTECOSTAL"

Hermenêutica é a ciência e a arte de interpretar textos. É aplicada nas diversas áreas do saber humano. Na área da teologia temos, em um sentido geral, a Hermenêutica Bíblica, cujo objetivo é fixar princípios e normas a serem empregadas na interpretação dos livros da Bíblia. Não é uma nem mesmo no Cristianismo. As diferentes hermenêuticas ou técnicas de interpretação produzem teologias distintas. Assim como a existência da Teologia Católica e da Teologia Reformada pressupõem a existência de correspondentes métodos de interpretação, a Teologia Pentecostal possui sua própria hermenêutica, a Hermenêutica Pentecostal, que é fundamentada na Palavra de Deus.

Conquanto possa parecer uma discussão nova, há registros de estudos de Hermenêutica Pentecostal desde 1917 na Assembleia de Deus norte-americana, citados na obra *Teologia Sistemática - Uma Perspectiva Pentecostal* (CPAD, 1996, pp.25, 653). Ou seja, a expressão Hermenêutica Pentecostal não é novidade alguma no Movimento Pentecostal Clássico.

Por aqui, embora sempre seguíssemos os mesmos princípios hermenêuticos, nossos pais não se preocuparam com a formação de métodos científicos para embasar sua interpretação das passagens bíblicas acerca do batismo no Espírito Santo, da evidência inicial e da separabilidade em relação à conversão. O dinamismo da obra pentecostal em solo brasileiro produziu uma cultura essencialmente bíblica, com extraordinários resultados. Certo, contudo, que com o passar dos anos e o crescimento do Movimento Pentecostal, tornou-se necessária não somente a sistematização da teologia, mas uma preparação instrumental para exposição e defesa dos fundamentos da fé pentecostal, campo no qual a hermenêutica se situa com destaque.

Não temos dúvida, portanto, que a Teologia Pentecostal tem e precisa ter sua própria hermenêutica, visto que a leitura que fazemos dos textos sagrados, por mais que permeiam uma base primária comum com as igrejas históricas, difere em muito em pontos fundamentais, especialmente no campo da Pneumatologia.

2. O QUE É HERMENÊUTICA PENTECOSTAL

Nós pentecostais cremos que a revelação canônica se encerrou com os apóstolos e a formação do Novo Testamento (1Co 15.8), por isso nossa fonte de autoridade é unicamente a Bíblia. Tal assertiva, porém, não significa pressupor que Deus não continue falando e se relacionando ativamente com o ser humano.

Para as Assembleias de Deus e o Movimento Pentecostal como um todo, a suficiência das Escrituras não anula a continuidade das manifestações divinas e as experiências com o Espírito Santo; ou seja, o fechamento do Cânon Sagrado não significa que Deus abandonou suas criaturas e o seu povo, com quem Ele continua a se comunicar inclusive por meio dos dons espirituais (At 2.14-21). Por isso, em nossa hermenêutica, a fonte do conteúdo doutrinário é a própria Palavra de Deus, em sua inteireza. Isso não decorre que a experiência pentecostal deve ser desprezada, pois sentir é uma capacidade inata aprovada pelo próprio Criador no homem, e as percepções exercem um papel crucial na assimilação do conhecimento. Embora a experiência pentecostal faça parte do processo, é sempre submetida às Escrituras; tudo sob a dependência e a iluminação do Espírito Santo. Sem nenhuma pressunção, nossa hermenêutica é a Hermenêutica do Espírito Santo.

Enquanto técnica, a Hermenêutica Pentecostal serve-se do método histórico-gramatical como base comum em relação à Hermenêutica Reformada, mas não faz o mesmo recorte ou distinção em relação aos textos narrativos – especialmente Lucas e Atos –, subordinando sua interpretação aos textos de Paulo. cremos que a Escritura interpreta a própria Escritura, mas sem subordinação entre os textos sagrados.

Para nós, pentecostais, as narrativas são didáticas, porque cremos integralmente no que escreveu Paulo a Timóteo: "Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino..." (2Tm 3.16-NAA). Se a própria Escritura afirma que toda ela é útil para ensinar, não seríamos nós que fazíamos separação entre textos didáticos e não didáticos, supondo que alguns sejam registros de fatos sem mensagem normativa, eficaz e prática para nossos dias. Ademais, temos a au-

tenticação feita pelo próprio Senhor Jesus, assim como fizera com os apóstolos, confirmando a Palavra com sinais (Mc 16.20). De igual forma, Deus nos tem dado a graça de viver os mesmos sinais vividos pelos crentes primitivos, os quais se somam como confirmação da validade e eficácia plena das promessas do Espírito para os nossos dias. Esse é o lugar da experiência na Hermenêutica Pentecostal.

Em outras palavras, para a Hermenêutica Pentecostal o texto de Atos possui valor doutrinário, e não a doutrina pneumatológica e subsidiária sobejamente o entendimento de que o dom do Espírito Santo – o batismo no Espírito Santo com a evidência do falar em línguas, experiência claramente distinta da conversão (At 2.38; 19.1-6) – é atual e plenamente aplicável à vida do cristão em todos os tempos. Ademais, esta foi a mensagem de Pedro no Dia de Pentecostes: "Porque a promessa vos diz respeito a vós, a vossos filhos e a todos os que estão longe: a tantos quantos Deus, nosso Senhor, chamar" (At 2.39). Isso não é uma mera narrativa, mas uma mensagem doutrinária, interpretando a profecia de Joel (2.14-39).

3. O QUE NÃO É HERMENÊUTICA PENTECOSTAL

Tendo em vista nossa definição de que é Hermenêutica Pentecostal, é preciso estabelecer com firmeza com o que não contamos os pentecostais clássicos em termos de técnicas de interpretação. Isso é imperativo especialmente diante de métodos hermenêuticos pós-modernos, focados no leitor e não no autor e no texto, e que emprestam à experiência um lugar que a ela não cabe no processo interpretativo. Isso não é Hermenêutica Pentecostal.

De igual forma, a Hermenêutica Pentecostal sã não é uma negação do método histórico-gramatical. Por outro lado, não é um apego rigoroso e absoluto a esse método, cujo emprego não conduziu a fé reformada à compreensão e crença na atualidade da obra do Espírito Santo, tal qual prometida por Jesus e vivenciada pelos apóstolos e pelas igrejas do Novo Testamento.

Conquanto se valha de ferramentas da erudição bíblica, a Hermenêutica Pentecostal não flerta com quaisquer das aplicações do método histórico-crítico ou da atual crítica literária e histórica que negam a plena inspiração das Escrituras e a literalidade dos milagres.

Em síntese: 1) não abraçamos de forma absoluta o método histórico-gramatical (que cria um cânon dentro do cânon); 2) não nos rendemos aos métodos histórico-crítico e pós-modernos, notadamente nos aspectos que buscam fragmentar as Escrituras e negar os milagres; 3) rejeitamos a teologia narrativa em sua pretensão de desconstrução do texto e de seu sentido, que devem sempre guardar coesão com o contexto histórico e gramatical; 4) não empregamos métodos de interpretação subjetivista, focados no leitor, em detrimento do autor e do texto; 5) consideramos que as experiências devem sempre e necessariamente serem submetidas ao criativo da inspirada e infalível Palavra de Deus; e 6) servimo-nos de ferramentas da erudição bíblica, conscientes de que métodos e técnicas, por melhores que sejam, são humanos e, portanto, imperfeitos e incompletos, pelo que buscamos acima de tudo a iluminação do Espírito Santo (Ef 1.18, 2Pe 1.20).

É o manifesto.

Rio de Janeiro, 05 de abril de 2021.

CONSELHO DE DOCTRINA: Pr. Paulo Roberto Frieira da Costa – Presidente, Pr. Antônio Xavier S. Vale – Vice-presidente, Pr. Emanuel Barbosa Martins – Secretário, Pr. Nemias Pereira da Rocha, Pr. José Antônio da Silva Sobrinho, Pr. Ely Batista, Pr. Isaac Pedro da Silva e Pr. José Almir Angewitz (membros).

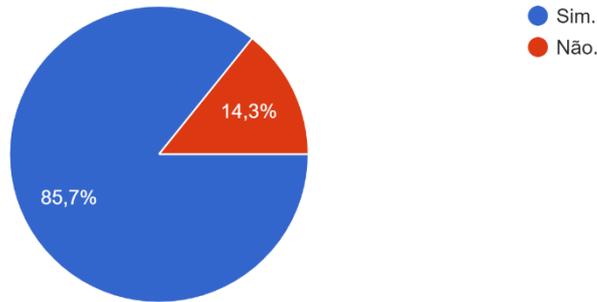
COMISSÃO DE APOLOGÉTICA: Pr. Esequias Soares da Silva – Presidente, Pr. Elinaldo Bonavato de Lima – Vice-Presidente, Pr. Silas Rosalino de Queiroz – Secretário, Pr. André Custódio Moreira Junior – Relator, Pr. Eivaldo de Jesus Pinheiro, Pr. Sísaque da Silva Valadares, Pr. José Gonçalves da Costa Gomes, Pr. Eliezer Miranda e Pr. Carlos Eduardo Neres Lourenço (membros).

CONVIDADOS: Pr. Elijenai Cabral, primeiro secretário da Mesa Diretora da CGADB e consultor teológico e doutrinário da CPAD; Pr. Douglas Roberto de Almeida Baptista, presidente do Conselho de Educação Religiosa da CGADB; Pr. Alexandre Claudino Coelho (Gerente de Publicações da CPAD) e Pr. Silas Daniel da Silva (Editor-chefe de Jornalismo da CPAD).

ANEXO B: RESPOSTAS DO QUESTIONÁRIO APLICADO

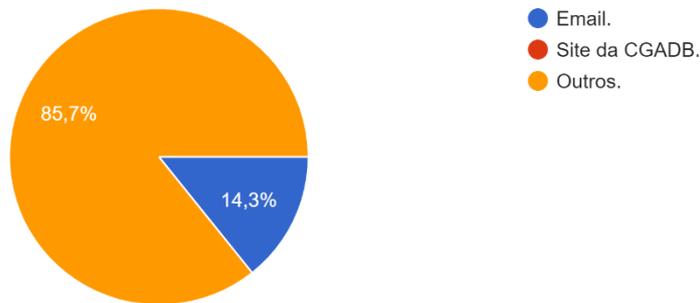
1- Você conhece o manifesto da CGADB sobre hermenêutica pentecostal publicado em 12 de Abril de 2021?

7 respostas



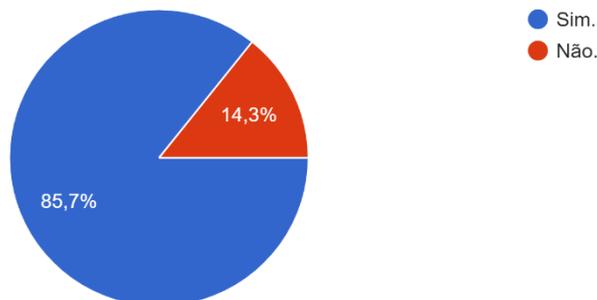
2- Se você teve acesso a este documento sobre a hermenêutica pentecostal, como você teve este acesso?

7 respostas



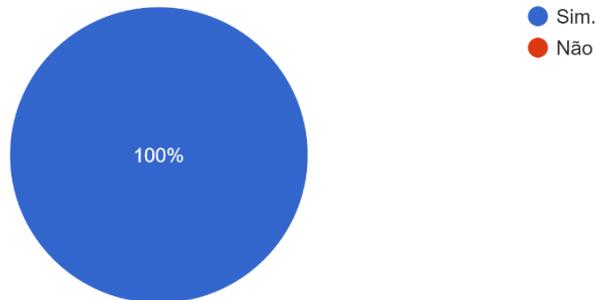
3- Você considera que existe uma hermenêutica pentecostal sendo elaborada em solo brasileiro?

7 respostas



4- Você considera que a hermenêutica pentecostal é relevante para a Teologia Pentecostal no Brasil?

7 respostas



5- O que você entende pelo método histórico-gramatical?

6 respostas

O método histórico gramatical tem por objetivo achar o significado de um texto sobre a base do que suas palavras expressam em seu sentido simples, à luz do contexto histórico em que foram escritos.

Método histórico gramático é a hermenêutica bíblica, que busca descobrir objetivamente a interpretação do autor de um texto bíblico para sua audiência original.

Método Histórico-Gramatical foi desenvolvido por Calvino e tem como objetivo descobrir a intenção do autor através de um complexo exercício interpretativo.

Uma ferramenta que tem suas vantagens e desvantagens para o pentecostalismo.

contribui para a interpretação qual era a intenção do autor, é uma interpretação literal

E uma busca para obter o que um autor quer comunicar ao seu público-alvo no tempo em que vive.

6- Você conhece outros métodos hermenêuticos?

6 respostas

Histórico-gramatical, Histórico-crítico, hermenêutica pós-moderna

Profundo não.

Sim.

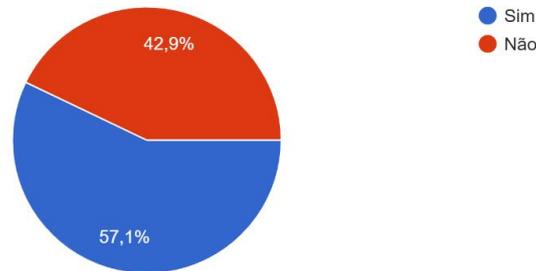
Histórico-Crítico; Estruturalismo, Semiótica

Hermenêutica Clássica, Método Gramatical, Hermenêutica Contemporânea, Método Sistemático, Método Histórico, Método Sociológico, Método Teleológico ou Finalista,

Sim

7- Você considera que hermenêutica pentecostal pode ser desenvolvida variados métodos?

7 respostas



8 - Como você orienta os membros da Igreja que você pastoreia a usarem a hermenêutica pentecostal?

6 respostas

Nossa orientação é que se fundamente nessa hermenêutica, busquem nela a estrutura básica necessária para uma defesa de fé que professam.

Orando, pedindo auxílio ao espírito santo, e pesquisando bíblicamente, para alcança uma boa interpretação hermenêutica.

Oriento os auditórios em que falo a que continuem vendo a Bíblia como um livro vivo e respeitem o texto como plenamente autoritativo.

Não oriento! A hermenêutica pentecostal ainda não é um metodologia de exegese ou de hermenêutica bíblica, ainda é uma "teologia contextual", cuja hermenêutica ainda está subordinada aos métodos existentes.

sim

Com sincero apego a palavra de Deus, e total dependencia ao Espírito Santo. Para isso sencivel Ao Espírito .

9 - Quais as implicações das tratativas deste manifesto da CGADB sobre a ação pastoral no interior das Assembleias de Deus brasileiras?

6 respostas

São fundamentais, pois existe mesmo que sutil, um desafio de identidade teológico pentecostal por parte do uso exarcebado de outras hermenêuticas que não comungam nossa crença .

A implicação deste manifesto é para que não haja heresia, no santo rebanho do senhor.

Muito pequena, a não ser naquelas igrejas que ficaram sabendo das controvérsias e os pastores se tornaram tranquilizados.

A pastoral pouco tem interesse nesse assunto. Poucos pastores leram e os que leram não entenderam os retrocessos do manifesto, que condena elementos necessários para a elaboração de uma hermenêutica pentecostal.

muito importante

Em maior clareza sobre a direção em que estamos seguindo, para nela permanecermos e assim obter os bons resultados que conhecemos